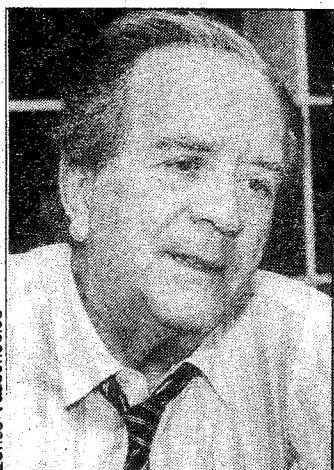


Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23235

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

TERÇA-FEIRA 8 MAIO 90 60\$00



Eurico Vasconcelos

Igrejas Caeiro: 50 anos de teatro

Descoberto a partir do concurso «À procura de um actor», organizado em 1940 pela Emissora Nacional e pelo Diário de Lisboa, Igrejas Caeiro, então com 22 anos, estreou-se no Teatro D. Maria II, contracenando com Amélia Rey Colaço numa peça de Ramada Curto, faz hoje 50 anos. E a estreia de Francisco Igrejas Caeiro, como se escreveu neste mesmo jornal no dia seguinte, «provou exuberantemente que de facto se tinha descoberto um actor». Meio século volvido, tivemos-lo aqui na Redacção. Não apenas para recordar uma carreira com muitas rosas e alguns espinhos, mas também para nos falar do presente e do futuro. Para nos confidenciar, por exemplo, que gostava muito de voltar a fazer Teatro. **Pág. 20**

Empreiteiros estão fartos de subsidiar o Estado

A burocracia é a principal causa de atrasos nos pagamentos

A situação é de acalmia, mas os empresários continuam apreensivos

É necessária vontade política para reanimar o mercado da habitação

O Estado continua a mandar construir empreendimentos por todo o país mas joga, normalmente, com os dinheiros das empresas de obras públicas. Estas esperam muitos meses até que seja feito o pagamento devido, e se, hoje, a situação parece estar num período de calma, mesmo assim há apreensão quanto ao futuro.

São muitos milhões de contos envolvidos, pelo que as empresas que têm negócios com o Estado esperam

que este mantenha a imagem de pessoa de bem e tome medidas destinadas a resolver uma grave situação cíclica.

O Poder deve comportar-se como qualquer cidadão e não gastar acima do seu orçamento. Esta opinião é partilhada pelas associações do sector, que acrescentam ser importante assumir frontalmente o combate a uma burocracia emperrante e aberrante. **Suplemento de Economia**



Tentativa frustrada O francês Daniel Schwaller, duplo de cinema, chocou contra o carro que encimava a coluna de cinco viaturas, com 11,5 metros de altura, em Martigny, Suíça. Falhou, assim, a tentativa para estabelecer um novo recorde no salto sobre uma pilha de carros. Apesar de tudo, Schwaller, de 44 anos de idade, aterrou num emaranhado de chapas, sem ter sofrido a mínima beliscadura.

Freitas do Amaral à espera de Lucas Pires

O CDS aguarda que Lucas Pires anuncie a sua «corrida» a Belém para colocar a máquina partidária ao seu dispor. Freitas do Amaral convidou Lucas Pires para um almoço e comunicou-lhe, ontem, que o CDS apoiará a sua candidatura à Presidência da República. Aquele eurodeputado já sabe com o que conta, caso se candidate, como tudo indica.

Em declarações ao «DL», o presidente centrista adiantou que Lucas Pires «ainda não se decidiu». Freitas aguarda essa formalidade para consultar definitivamente o partido.

Entretanto, soubemos que está a aumentar a cadeia de apoios à candidatura presidencial de Lucas Pires, desconhecendo-se, porém, a ocasião escolhida pelo eurodeputado para anunciar a entrada oficial na corrida. **Pág. 6**

CEE aboliu vistos para cidadãos da RDA

Do nosso correspondente em Bruxelas, José Rui Cunha

O Conselho de Ministros dos Assuntos Gerais da Comunidade Económica Europeia decidiu abolir os vistos para os cidadãos da República Democrática Alemã. Esta medida enquadra-se numa série de acordos de cooperação e de liberalização económica, ontem e hoje assinados com a Checoslováquia, Bulgária e RDA, e que constituem um passo mais na aproximação com os países de Leste. O Conselho definiu

igualmente os critérios dessa cooperação, tendo no entanto ficado patente a preocupação quanto ao não cumprimento, por parte de alguns desses países, das regras de concorrência, por ainda não estarem preparados para tal. De referir que, anteriormente, a CEE assinara acordos com a União Soviética, Polónia, Hungria, Roménia e outros países, com os quais prevê o estabelecimento de protocolos de cooperação.

A Europa alemã

Pág. 10



Cientistas portugueses ausentes da Conferência de Bergen sobre Ambiente

Págs. 2 e 3

Governo prepara amnistia para objectores de consciência

Pág. 4

Praia de Sines ameaçada por causa de derrame de crude

Pág. 12

Maria João Pires cancela concertos

Pág. 20

Lotaria Popular

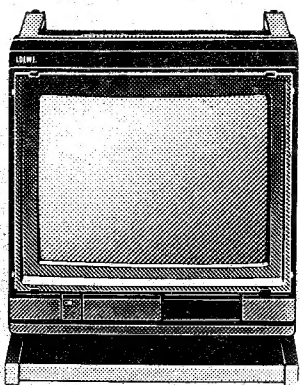
1.º 256 461

2.º 95 028

3.º 278 111

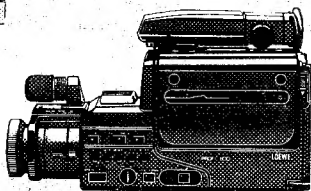
4.º 306 746

Pág. 15



Loewe Profii P115
TV portátil/monitor
50 programas
Cinescópio de 40 cm,
Fiat-square
Hiperbanda

Loewe Camcorder
Profii 810
1170 gr de
técnica de vanguarda



LOEWE.

Representante em Portugal:

SANTOS GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 • Lisboa ☎ 777824

Hoje em Bergen, Noruega, inaugura-se, sob os auspícios das Nações Unidas, a Conferência «ACÇÃO PARA UM FUTURO COMUM», que reúne todos os países de Europa, os Estados Unidos e o Canadá e antecede e prepara a que, em 1992, e no Brasil, constituirá a Conferência Mundial do Ambiente, onde se procurará estabelecer um programa para salvar a Terra da destruição

Um futuro para todos uma Vida para a Terra

**GRANDE
ANGULAR**

A mais importante reunião internacional sobre ambiente desde a célebre Conferência Mundial de Estocolmo, em 1972, é hoje inaugurada na cidade costeira da Noruega, Bergen.

Sob o signo de «Acção para um Futuro Comum», é promovida pela Comissão Europeia para o Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, e agrupa todos os países europeus, os Estados Unidos, o Canadá e, como observadores, o Japão,

a Austrália e a Nova Zelândia, isto é, todos os países desenvolvidos do Mundo.

Em 1972 começou uma fase correctiva, quando se tomou consciência política dos desastres ecológicos a que uma política de desenvolvimento cego estava a conduzir; a reunião de Bergen ainda cumpre a fase da prevenção, mas tenta já lançar o que será a estratégia do séc. XXI, a do desenvolvimento controlado e sustentado e conciliado com

a gestão dos recursos naturais, que deverá ser o tema da Conferência Mundial do Brasil, em 1992.

Estas fases correspondem ao relatório de Brandt «Programa para a Sobrevivência», ao relatório de Palme «Segurança Comum» e ao relatório «Futuro Comum», da norueguesa Brundtland, presidente da Comissão Mundial do Ambiente e Desenvolvimento, que servirá de base aos trabalhos da Conferência de Bergen.

Esta Conferência não terá apenas a participação dos governos, representados por vários ministros. Ela receberá o contributo fundamental de organizações não governamentais, as ecologistas, as de juventude, as sindicais e as de industriais e as científicas.

Esta preocupação com a participação da sociedade na luta pela preservação do ambiente, que parece não preocupar o governo português como se lerá noutro local, levou a que se tivessem organizado várias reuniões prévias de cada sector. Em Bergen, os jovens, os industriais, os sindicalistas, os ecologistas terão reuniões específicas, das quais levarão o seu contributo para o documento de acção que há de ser aprovado na reunião geral com as delegações políticas.

Esta participação resulta de uma preocupação expressa pela sr^a Brundtland no seu relatório: «Se não conseguirmos levar a nossa mensagem de urgência junto dos pais de hoje e dos homens que decidem, arriscamos-nos a comprometer os direitos fundamentais das nossas crianças a um saudável ambiente. Se não formos capazes de traduzir as nossas ideias numa linguagem que chegue às cabeças e aos corações dos

jovens e dos velhos, não seremos capazes de levar a cabo as mudanças sociais necessárias para corrigir o curso do desenvolvimento.»

Por isso, a reunião de Bergen apela aos grupos de cidadãos, às organizações não governamentais, às instituições educativas e à comunidade científica. E os termos desse apelo podemos lê-los em várias passagens do relatório Brundtland, já presente à Assembleia Geral das Nações Unidas, das quais destacamos esta:

«Advertimos, da maneira mais instantânea invocando os mais recentes testemunhos científicos, que é tempo de tomar as decisões que se impõem para defender os recursos indispensáveis à sobrevivência da nossa geração e das gerações vindouras.»

A reunião deve acentuar uma nova tendência do movimento ecológico, a da passagem de um discurso isolado do contexto económico, que tem levado a alguns extremismos fundamentalistas, para uma estratégia de articulação entre o desenvolvimento económico e a defesa do ambiente. Esta viragem corresponde à compreensão de que já não basta lutar contra as consequências do desenvolvimento irracional, o que é necessário é mudar o modelo

de desenvolvimento, no sentido de travar por um lado a exaustão dos recursos naturais e, por outro, a sua contaminação. Esta atitude ressalta da seguinte passagem do relatório: «O ambiente é o lugar onde todos vivemos; e o desenvolvimento é o que todos fazemos para tentar melhorar o nosso destino nesse lugar.»

Não admira assim que os temas principais da Conferência de Bergen sejam, para além da participação do público, os da energia, da indústria e da economia sustentáveis. Cerca de 350 delegados de organizações não governamentais ligadas ao ambiente estiveram reunidos em Viena e Budapeste, em Março passado, para preparar o tratamento daqueles temas, entre os quais alguns movimentos ecologistas portugueses, os mesmos que o governo português agora ignora para a reunião de Bergen.

E aos temas oficialmente propostos acrescentaram mais um, o das relações Norte-Sul. Sendo a reunião de Bergen, a dos países mais ricos, corre-se o risco de perder a perspectiva dos gravíssimos problemas ambientais que há no Terceiro Mundo, alguns dos quais exportados pelos países do Norte. Ao propor o tema, o texto de Viena diz:

Governo cortou as pernas à delegação portuguesa

Ao contrário do que ficou definido como orientação fundamental para a Conferência de Bergen, a delegação portuguesa é exclusivamente governamental, adornada com dois representantes de associações ambientalistas, recrutados à última hora.

Da delegação farão parte os ministros do Ambiente, da Indústria e do Planeamento, tendo ficado de fora dois sectores fundamentais para a discussão dos temas em debate, as secretarias de estado das Finanças e da Energia.

Embora as resoluções da Conferência sejam, em última instância, da responsabilidade do comité ministerial, elas são influenciadas e informadas pelas propostas dos vários sectores das organizações não governamentais que, não só se reuniram antes de Bergen, como terão um papel predominante nas sessões de trabalho da Conferência.

O Governo português desconheceu esta filosofia da Conferência, não fez participar as organizações não governamentais na preparação da participação portuguesa e nada fez para as integrar na nossa delegação.

Em Bergen estarão, como foi definido pelos seus organizadores, os ecologistas, os cientistas, os representantes do empresariado industrial, das associações sindicais e das organizações da juventude. Porque se entende que a luta pela melhoria do ambiente tem de ser protagonizada por todos os parceiros sociais.

O relatório da contribuição portuguesa para a Conferência foi apenas redigido pelo Governo, sem a participação de todos aqueles sectores da sociedade.

Apesar de redigido desde Agosto do ano passado, só em Abril o Governo convocou uma reunião com representantes daquelas entidades para o apreciar e discutir a participação portuguesa. De tal modo o fez que a convocatória chegou às mãos dos destinatários depois da data da reunião, assim não disseram as associações ambientalistas; na véspera, disse-no-lo a Associação Industrial; não houve tempo sequer para ler o relatório, segundo o representante do departamento de Ambiente da UGT.

Segundo nos afirmou a eng. Ana Teixeira, da comissão de ambiente da Associação Industrial, disse-nos que não houve qualquer



Como explicará o ministro do Ambiente, em Bergen, a ausência dos parceiros sociais?

diálogo nem contactos para preparar ou integrar a delegação portuguesa, de tal modo que a AIP não vai a Bergen.

Viriato Augusto, da UGT, afirmou-nos que o movimento sindical foi afastado dos trabalhos, não lhes foi dada qualquer justificação para a sua ausência da delegação portuguesa que, segundo apurámos, estará bem fornecida de chefes de gabinete e de directores gerais. Viriato Augusto informou-nos que a UGT irá apresentar protestos contra o comportamento do Governo no Conselho Directivo do Instituto Nacional do Ambiente, de que faz

parte, e dar conhecimento em Bruxelas à Comissão Europeia Sindical.

A ausência de cientistas portugueses é grave, porque o apoio tecnológico a muitas das soluções que é necessário encontrar para resolver muitos problemas ambientais é decisivo. A ausência dos representantes da indústria também, porque em Bergen serão discutidas questões fundamentais quanto ao uso de energia, ao combate à poluição e ao tratamento de resíduos industriais, à aplicação de tecnologias limpas e à promoção de produtos «amigos do ambiente».

Quanto à falta de contactos oficiais com os parceiros sociais, Joanaz de Melo, do GEOTA, qualificou-a de «uma violação frontal das recomendações para a participação na Conferência», e acusou o Governo de não só não ter promovido, mas até dificultado a circulação de informações.

O relatório da delegação portuguesa, da exclusiva responsabilidade da secretaria de estado do Ambiente, constitui um documento cor de rosa acerca dos problemas do ambiente em Portugal.

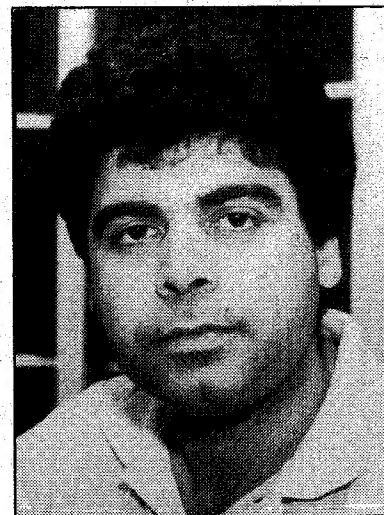
Quanto à poluição industrial considera que ela não é grave, embora reconheça, noutro passo, que «a implantação de industriais se fez sem que se tivesse em atenção todas as condicionantes de forma a que a poluição fosse controlada e minimizada; quanto à poluição dos cursos de água, só se fala de efluentes domésticos; e dos efeitos da intensa eucaliptização não se fala, etc..»

Não esquecer a relação Norte-Sul

A Conferência de Bergen, ela própria parte de um processo, é o culminar de um conjunto de reuniões iniciadas em 1989 envolvendo a participação de organizações provenientes dos mais variados sectores da sociedade civil (ciência, indústria, sindicatos, juventude, associações de defesa do ambiente), de organismos das Nações Unidas e governamentais.

As organizações não governamentais reunidas em Viena e Budapeste no passado mês de Março, na Conferência do Danúbio, produziram uma «Agenda para a Acção» preconizando medidas de combate à poluição que podem ser consideradas muito ambiciosas para os sectores institucionais político-económicos, mas que têm a ver com uma estratégia de desenvolvimento económico sustentável que não comprometa a qualidade de vida das gerações futuras e a própria habitabilidade do planeta.

Fizeram ainda uma proposta de agenda de um quinto tópico de discussão a juntar aos quatro já seleccionados para a Conferência de Bergen (consciencialização e participação do



Carlos Costa

público, energia, indústria e economia sustentáveis): a questão Norte-Sul.

Neste particular, foi chamada a atenção para a tendência oportunista dos países do Norte industrial desviarem a ajuda financeira destinada aos países do Sul, e mesmo dos países periféricos da Europa, para os países de Leste, recentemente surgidos como um mercado tentador. Essa tendência tem ainda o efeito perverso de agravar as condições ambientais desses países, já de si muito degradados,

dado não estarem criados mecanismos de controlo do impacto de projectos industriais e outros.

Três associações portuguesas de defesa do ambiente (GEOTA, Liga da Protecção para a Natureza e Núcleo de Protecção da Vida Selvagem) e duas socioprofissionais (Associação Portuguesa de Engenheiros do Ambiente e Associação Portuguesa de Biólogos) tiveram uma participação activa na Conferência do Danúbio.

Carlos Costa, da Liga da Protecção para a Natureza



A luta pela protecção da Natureza será cada vez mais uma luta dos jovens; os portugueses estão ausentes de Bergen

«Para atingir modelos de desenvolvimento sustentado devem haver profundas mudanças nas estruturas económicas e de poder a

nível mundial e local. (...) Os países da CEE devem assegurar que os programas de desenvolvimento levem em consideração o impacto so-

cial e ambiental das diversas actividades, devendo os projectos ser orientados de acordo com uma filosofia segundo a qual as comunidades

potenciem as suas capacidades de gerir o ambiente e minimizar os impactes ambientais.»

A.C.

Que os ministros portugueses aprendam um pouco mais

Espero que a conferência ministerial de Bergen consagre um conjunto de decisões, que sejam consideradas vinculativas pelos governos participantes, no respeitante aos principais temas em debate.

Quanto à participação do público, esperam-se decisões no sentido de:

- garantir uma adequada consulta pública, com normas mínimas, no âmbito dos processos decisórios de projectos ou acções com prováveis impactes ambientais ou riscos significativos;

- implementação de convenções sobre impactes ambientais transfronteiras;

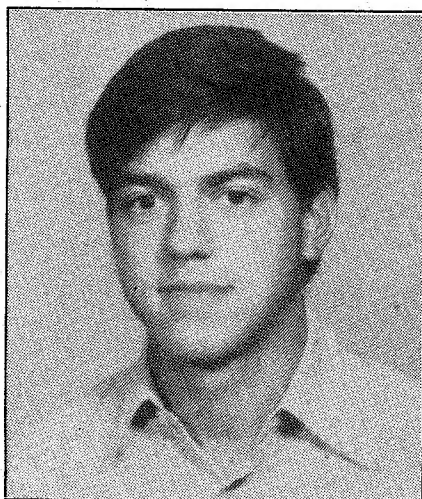
- garantir, na prática e com meios efectivos, o direito dos grupos de interesses e dos cidadãos em geral de ter acesso a toda a informação relevante e medidas compensatórias, sobre matérias que os afectem, no domínio do desenvolvimento, qualidade do ambiente ou qualidade de vida;

- promover a educação ambiental, quer ao nível da escolaridade obrigatória, quer da sensibilização da população em geral, quer da integração dos aspectos ambientais em currículos universitários relacionados com o ambiente (economia, ciências agrárias, engenharias, gestão), quer na aposta em formação e treino específico de especialistas de ambiente, ao nível universitário e técnico-profissional;

- instituir mecanismos de cooperação entre as autoridades dos estados, e as associações de defesa do ambiente, as associações industriais, sindicais e profissionais e a comunidade científica em particular, reconhecimento definitivo das associações de defesa do ambiente como parceiro social em plena igualdade com os restantes.

Quanto aos instrumentos económicos, esperam-se decisões no sentido de:

- integrar a componente ambiental como parte essencial de todos os instrumentos de planeamento, sectoriais, regionais e locais, e ênfase dessa componente ao nível da definição de estratégias de desenvolvimento.



Joanaz de Melo

- reflectir os factores ambientais nos indicadores de desenvolvimento e nos sistemas de contas nacionais, dando maior importância a todos os sectores que implicam o desgaste de recursos (consumo, poluição, inutilização, etc.);

- eliminação de subsídios e apoios em sectores onde ocorra sobre exploração de recursos, e criação de incentivos a sectores onde seja regra a reciclagem, a reutilização e de uma forma geral a gestão eficiente dos recursos;

- penalizar através de mecanismos fiscais, exigência de caucões ou outros instrumentos, os sectores causadores directa ou indirectamente de poluição e outros danos ambientais: deslocação das cargas fiscais do lucro para a influência negativa sobre o ambiente e os recursos;

- internacionalização até aos limites do possível, dos custos ambientais (incluindo o ar, a água, o solo, os recursos geológicos, os recursos biológicos, etc.) nos preços dos produtos beneficiários dessa utilização;

- eliminação das barreiras alfandegárias e outras, aos produtos manufacturados com baixa intensidade de recursos, oriundos de países em vias de desenvolvimento.

- apoio à harmonização das normas ambientais e respectivos instrumentos

económicos dos países da Europa de Leste, por forma a aproximarem-se dos da Europa Ocidental o mais rapidamente possível;

- aplicação de mecanismos de auxílio aos países, em vias de desenvolvimento que promovam o uso regrado dos recursos desses países, garantindo aí um desenvolvimento sustentado (isto é particularmente relevante para Portugal no que diz respeito aos países africanos de língua oficial portuguesa);

- aplicação de instrumentos económicos internacionais específicos, para salvaguardar o ambiente em aspectos de interesse mundial (efeito de estufa, ozono, florestas tropicais, etc.).

Esperamos que a Conferência de Bergen seja um êxito, consubstanciado por compromissos reais assumidos pela conferência ministerial, que se traduzam numa evolução decisiva no sentido de um desenvolvimento sustentado, e constituam uma boa base para a Conferência da ONU em 1992.

Esperamos que os ministros portugueses presentes na Conferência fiquem um pouco mais conscientes de certos factos da vida, tais como: que Portugal é uma parte pequenina de um mundo muito pequeno; que não é impunemente que se degrada o ambiente; que não bastam bonitas palavras para obter resultados (ou votos). Esperamos obter em Bergen experiência, contactos e informações que nos auxiliem a resolver os muitos problemas ambientais com que nos deparamos em Portugal. Apesar de tudo, somos talvez dos países do Mundo com problemas mais tratáveis e recursos naturais menos degradados. Naturalmente, vamos trabalhar em Portugal para manter esta situação privilegiada, sem prejuízo de prestarmos toda a nossa solidariedade e apoio às associações congéneres além-fronteiras, na resolução de problemas que afil são de nós todos.

Joanaz de Melo, do Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente

COMENTÁRIO

O novo holocausto

Mais longínqua a probabilidade de uma grande guerra, menos hipotético um cataclismo nuclear, o Mundo toma consciência de que uma destruição menos espectacular, mais persistente e mais perene, ameaça a Humanidade, ameaçando as próprias condições de sobrevivência animal e vegetal, as próprias fontes da Vida.

O Homem, numa incontável progressão tecnológica, transformou-se num aprendiz de feiticeiro, inventou processos químicos que alteraram as próprias leis físicas da Natureza e que já não controla.

Para onde vai a Terra? Uma interrogação dramática que começa, finalmente, a preocupar todas as instâncias do poder temporal e espiritual, a inquietar as consciências. A destruição dos recursos naturais juntam-se desequilíbrios entre o crescimento demográfico e a capacidade de produção alimentar, o que faz com que os problemas ambientais se transformem em problemas políticos e sociais planetários. Questionar já a Terceira Revolução Industrial e, simultaneamente, os desequilíbrios Norte-Sul, está na ordem do dia. As Nações Unidas estão a inscrever na sua agenda de prioridades a questão ambiental; Bush anuncia que escolheu o combate ecológico como tema fundamental do seu mandato; o Papa inclui a preservação da Natureza nas suas mensagens espirituais: ofender a Natureza é ofender a Deus; os pagãos clamam pela protecção da Terra, mãe fértil, fonte da Vida que os mortais devem respeitar.

Significativamente, o relatório Brundtland, base de discussão da Conferência de Bergen, intitula-se «O Nosso Futuro Comum». A salvação do planeta já não é tarefa de um país, uma região, um continente, só pode ser realizada internacionalmente e urgentemente. Quanto mais se degrada a relação do Homem com a Natureza, mais irreversível se torna tal degradação.

O relatório demorou 900 dias a ser elaborado; nesse pequeno período, de Outubro de 1984 a Abril de 1987, aconteceu que as secas e a crise ambiente-desenvolvimento colocaram 35 milhões de africanos em risco de vida e mataram cerca de um milhão; um acidente numa fábrica de pesticidas, em Bhopal, na Índia, matou mais de 2000 pessoas e cegou e afectou cerca de 200 000; o desastre de Chernobyl aumentou, para níveis desconhecidos ou incontáveis, o crescimento de doenças cancerosas; efluentes químicos, solventes e mercúrio lançados no rio Reno, devido a um acidente numa fábrica suíça, mataram milhões de peixes e contaminaram a água potável na RFA e na Holanda; cerca de 60 milhões de pessoas morreram de doenças intestinais, devido ao consumo de águas insalubres ou a má nutrição, sendo a maior parte das vítimas crianças. Por cada dia que passa, cresce este moderno holocausto. Por isso, todos os dias, a partir de agora, devem ser dias de combate pela mais urgente das causas do nosso tempo.



Adelino Cardoso

POLÍTICA

B R E V E S

Alta Autoridade adiada para a próxima semana

A reapreciação da lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social, vetada pelo Presidente da República e devolvida à Assembleia, foi adiada para a próxima semana estando agora agendada para o dia 15, terça-feira. O diploma fora primitivamente agendado, a instâncias da Maioria, para a sessão de quinta-feira, dia 10; mas a última conferência de líderes trocou os agendamentos, sem explicar as razões, colocando em seu lugar a discussão de um aditamento à Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais e a nova redacção de alguns dos seus artigos.

Finanças locais na ordem do dia

A semana parlamentar, com início esta tarde, será assim dominada pelas finanças e competências das autarquias. Um projecto de lei do PCP pretende definir um novo regime de vida das freguesias «com vista à sua dignificação e fortalecimento»: está em causa a tentativa de criar presidências a tempo inteiro, que o PSD inviabilizou há semanas ao retirar o seu próprio projecto sobre esta matéria. As Finanças Locais surgem também na sessão de hoje para um debate em torno do projecto subscrito pela bancada do PS e pela deputada independente Helena Roseta.

Novos secretários no Governo de Macau

O brigadeiro Tomé Falcão, actual segundo comandante da Academia Militar, e o embaixador João de Deus Ramos, vão ser nomeados secretários-adjuntos do Governo de Macau para a Segurança Interna e para a Transição, respectivamente. João de Deus Ramos, o primeiro diplomata português em Pequim após o restabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e a China, em 1979, desempenha desde 1988 funções no Grupo de Ligação Luso-Chinês. A criação destes dois cargos resulta da revisão do Estatuto Orgânico do território, promulgado na sexta-feira pelo Presidente da República e que aguarda a referenda do Governo. Vinte e quatro horas após a sua publicação no Diário da República, o novo Estatuto Orgânico de Macau será publicado no Boletim Oficial do território, entrando em vigor cinco dias depois.

«Carta aberta» a favor dos timorenses

Mais de duas centenas de pessoas assinaram uma «carta aberta» ao primeiro-ministro australiano, Bob Hawke, manifestando a sua oposição à assinatura do tratado do «Timor-Gap», que permite a indonésios e australianos explorarem jazidas de petróleo e gás natural. Ontem entregue ao governo australiano, a carta é subscrita por várias figuras de destaque da Austrália, refugiados de Timor-Leste e organizações de direitos humanos daquele país e de seis outros, incluindo Portugal. O documento considera que o tratado «é uma violação flagrante da letra e do espírito das leis internacionais».

Cem mil portugueses querem emigrar

Cerca de cem mil portugueses pretendem emigrar para Angola e Moçambique desde que lhes seja garantida a segurança pessoal e dos respectivos bens, considera D. Duarte Nuno. O herdeiro da Coroa portuguesa afirmou ainda, aos participantes da 11ª conferência da «World Media Association», em Moscovo, que a paz em Angola e Moçambique depende das superpotências. «Temos a noção de que nesses países martirizados a paz não é possível sem que elas o queiram», disse.

Mata Cáceres responde a Fernando Nogueira

O presidente da Câmara Municipal de Setúbal acusou o ministro da Presidência e da Defesa de demagogia, a propósito de afirmações feitas por Fernando Nogueira no passado sábado, naquela cidade. Nogueira disse que Mata Cáceres não cumpriu promessas eleitorais, pelo que os militantes do PSD que nele votaram, estavam arrependidos. O presidente da edilidade sadina lembra, em comunicado, que Nogueira nada fez para que Setúbal tenha um tribunal novo, acentua que os cartórios funcionam em «condições vergonhosas» e atribui «afirmações demagógicas» ao ministro.

Criado cargo de secretário ou secretários-gerais adjuntos

PCP: a hora zero da sucessão

O Comité Central do PCP decidiu ontem criar o cargo de secretário-geral ou secretários-gerais adjuntos com funções de acompanhamento da actividade partidária e de substituição do líder «quando se verificar necessário».

A decisão, que abre oficialmente o processo de sucessão de Álvaro Cunhal, era aguardada há algum tempo. Nas teses ao congresso extraordinário, actualmente em discussão nas estruturas partidárias, é cometida ao Comité Central a tarefa de «tomar e tornar públicas decisões relativas ao secretário-geral, tendo em conta a idade já avançada do actual e a vantagem de assegurar desde já uma perspectiva para o futuro exercício do cargo». Foi isso rigorosamente - assegurar uma perspectiva - o que ontem fez, pelo menos oficialmente. Com efeito, continuam por conhecer o nome ou nomes de dirigentes que vão assumir o cargo, abrindo, deste modo, caminho às mais diversas especulações.

Na conferência de Imprensa realizada ao fim da tarde de ontem, Álvaro Cunhal deu conta de outras decisões tomadas pelo órgão máximo do PCP, como a criação de uma Comissão Executiva. A estrutura, cuja composição, segundo o secretário-geral, não está ainda decidida, vai funcionar em ligação com as organizações regionais e os núcleos de sector.

Paralelamente, o CC decidiu reduzir o número de membros da Comissão Política, actualmente constituída por 12 membros efectivos e dez suplentes. O objectivo é criar ao órgão «melhores condições para o aprofundamento das grandes questões nacionais e internacionais e para a dinamização do trabalho político geral do partido».

Lei eleitoral: apelo ao PS

No encontro com os jornalistas foi feita uma vez mais o balanço dos trabalhos preparatórios da próxima reunião magna do partido.



Cunhal sobre lei das incompatibilidades dos políticos: «É a institucionalização do clientelismo»

Cunhal revelou que se realizaram já mais de duas mil iniciativas de debate, contando com a participação de 35 mil militantes.

Os comunistas reiteraram a sua posição crítica em relação à proposta de revisão da lei eleitoral apresentada na sexta-feira por Cavaco Silva. Considerando-a evitada de propósitos bipolarizadores, apelam ao PS - do qual depende a aprovação da lei - no sen-

tido de não se deixar levar por «mesquinhos cálculos eleitorais».

Álvaro Cunhal denunciou, por outro lado, os propósitos do Executivo de introduzir alterações na lei das incompatibilidades dos titulares de cargos políticos e altos cargos públicos. «É uma tentativa de verdadeira institucionalização do clientelismo e do nepotismo», sustentou o secretário-geral do PCP.

Redacção «DL»

Mário Soares no Porto

Três dias de contactos com a ciência e a cultura

O Presidente da República, que se encontra no Porto para uma visita de três dias, em que privilegiará contactos com instituições e personalidades culturais e científicas locais, almoçou hoje com estudantes universitários e dirigentes de várias associações académicas da Universidade do Porto, assistindo depois ao tradicional cortejo da Queima das Fitas.

De manhã, Mário Soares visitou o mosteiro da Congregação das Irmãs Carmelitas descalças e ao fim da tarde visita o Palácio do Freixo e o atelier do mestre Júlio Resende, depois de receber no Hotel Infante de Sagres diversas individualidades, designadamente o presidente da Câmara Municipal de Matosinhos, Narciso Miranda, e a vereadora do pelouro da Cultura e Turismo da autarquia portuense, Manuela de Melo.

O segundo dia da visita do Presidente da República ao Porto finaliza com um jantar/reunião na Quinta da Maceirinha, em que participam os presidentes de câmara de nove autarquias que constituem a área metropolitana do Porto.

Ontem, o Presidente da República encontrou-se com jovens empresários, que o convidaram para presidir ao



O abraço a Corino de Andrade

terceiro congresso do Jovem Empresário, que se realiza em Lisboa nos dias 24, 25 e 26 de Maio, com a presença de 1500 participantes.

Soares elogiou o trabalho desenvolvido pelos jovens empresários portugueses e a associação nacional que os representa (ANJE), cujo presidente,

Paulo Barros Vale, após ter esclarecido o Presidente da República das motivações e actividades da associação, reclamou mais apoio do Estado, revelando que nos últimos três anos «o Governo apenas atribuiu uma verba de 750 mil contos para incentivos à criação de novas empresas».

Redacção «DL»/Lusa

Revela Couto dos Santos

Governo prepara amnistia para 16 mil objectores

O Governo prepara legislação relativa aos objectores de consciência que deverá satisfazer as principais reivindicações das organizações juvenis sobre os dezasseis mil casos pendentes em todo o País, desde Maio de 1985.

O ministro-adjunto e da Juventude comunicou essa intenção, esta manhã aos dirigentes representativos da JSD e da JS que integram o Conselho Consultivo da Juventude. Anunciou que tal decisão administrativa poderá ter forma de proposta com efeitos «definitivos e imediatos».

A medida avançada pelo ministro Couto dos Santos colheu de surpresa José Apolinário, representante da Juventude Socialista, que apresenta esta tarde na Assembleia da República um projecto de estatuto do objector de consciência, sobre o qual nada adiantou na reunião do Conselho Consultivo da Juventude. Também surpreendido ficou Pedro Gomes, da JSD.

A organização juvenil do PSD apresentou esta manhã àquele órgão o seu projecto sobre os objectores de consciência, entendendo assim «privilegiar a sede de concertação que o Conselho assume quanto aos problemas da juventude», afirmou Pedro Gomes ao «DL».

O projecto da JSD prevê a criação de uma comissão nacional de carácter transitório para a resolução dos casos pendentes e de outros que eventualmente se apresentem no futuro. As suas grandes inovações são a possibilidade da situação de objecção de consciência poder ser feita em qualquer altura (e não trinta dias antes da inspecção militar) e do cumprimento do serviço cívico nele previsto dever ser feito onde o interessado pretender, incluindo os Palop e os países de emigração portuguesa da CEE.

Júlio Rodrigues

POLÍTICA

Na Assembleia da República e antecipando-se à regionalização

Comunistas propõem a criação da autarquia da Grande Lisboa

A criação da autarquia da Área Metropolitana de Lisboa foi proposta pelo Partido Comunista, na Assembleia da República, corporizando um projecto de lei que foi, entretanto, enviado a todas as Câmaras e Assembleias Municipais dos distritos de Lisboa e Setúbal para recolha de pareceres.

A nova autarquia coincide com a área genericamente designada como Grande Lisboa e abrange 17 municípios, a saber: Alcochete, Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Moita, Montijo, Oeiras, Palmela, Seixal, Sesimbra, Setúbal, Sintra e Vila Franca de Xira. A Área Metropolitana de Lisboa deve exercer, nos termos do projecto, acções de planeamento obrigatórias nas áreas dos transportes, rede viária regional, ambiente e recursos hídricos.

São seus órgãos a Assembleia Metropolitana, o Executivo Metropolitano, o Conselho de Municípios e o Conselho de Coordenação

com a Administração Central. A Assembleia, órgão chave desta nova autarquia, seria composta por 52 membros dos quais 35 eleitos directamente pelo voto popular e os restantes eleitos indirectamente nas Assembleias Municipais, um por cada. O mandato é de quatro anos e as eleições realizar-se-iam no mesmo dia das eleições autárquicas.

Quanto ao órgão Executivo, ele seria composto por sete membros designados pela Assembleia.

Os 17 concelhos abrangidos na Área Metropolitana de Lisboa ocupam apenas 2,9 da área do Continente, mas acolhem 26,1 por cento da população total do País, cerca de 2,5 milhões de habitantes. A densidade populacional desta região é nove vezes superior à média do País e estão englobados nesta área oito concelhos com mais de 100 mil habitantes e 32 dos seus 77 aglomerados urbanos têm mais de 10 mil habitantes.

Na Grande Lisboa consomem-se 32,6 por cento do total de energia e 50,9 do total de água (capitação dupla do resto do território) gasto no País. A Área Metropolitana de Lisboa paga quase o dobro da capitação média de impostos: 14,38 contos por habitante, tendo a cidade de Lisboa uma capitação de 69 contos/ano.

Suprir os atrasos da regionalização

Este projecto, com que o PCP pretende obviar aos atrasos da regionalização e evitar os prejuízos irremediáveis da falta de planificação urbanística e social na região da Grande Lisboa, visa dotar o Governo e os autarcas dos distritos de Lisboa e Setúbal com instrumentos decisórios que tenham em conta uma visão de conjunto da região mais populosa do País.

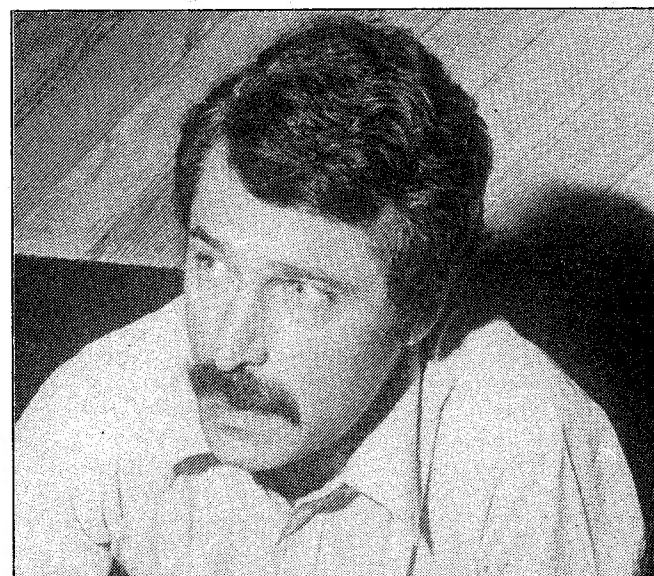
A ligação directa à regionalização, pretendida pelo PCP com este projecto de lei, atesta-se no seu último artigo que diz funcionar a Área Metro-

politana de Lisboa somente até à entrada em funcionamento da Região ou Regiões Administrativas que englobem o seu território.

Por isso mesmo e como manobra antecipadora da regionalização que é, para uma parte específica do território nacional, não é crível que possa fazer vencimento parlamentar e contar com os votos do PSD.

Segundo o preâmbulo do projecto de lei comunista, a Área Metropolitana de Lisboa acumula problemas de ano para ano, os mais gritantes dos quais são «bairros de lata, desordem urbanística, pobreza, desequilíbrios ecológicos, tempos e custos de transporte intoleráveis, sérias carências de infra-estruturas e equipamentos, desenraizamento, marginalização e criminalidade, agressividade social e solidão».

Os proponentes desta autarquia da Área Metropolitana de Lisboa visam, ainda, explorar as vantagens do associativismo intermunicipal, já



João Amaral, um dos proponentes: «Vive-se mal na área da Grande Lisboa onde alastram manchas de pobreza»

praticado noutros países europeus, com áreas metropolitanas desmesuradas em relação à população total. É esse o caso de países como a RFA, a Holanda e a Itália onde, inclusive, foram criadas federações obrigatórias de municípios para rentabilizar os recursos e investimentos.

A nova autarquia, configurada pelo PCP, seria especialmente vocacionada para

o planeamento e o ordenamento do território metropolitano e para a coordenação das acções dos departamentos do estado, empresas públicas e municípios integrantes. Assume particular relevo neste quadro de competências a elaboração do Plano Metropolitano de Ordenamento do Território.

Daniel Reis



É claro que você já o conhece.

Atinal, uma ideia marcada com tanto conforto e elegância é difícil de esquecer. Principalmente quando a sua sedução é forte o bastante para inspirar uma nova versão Tipo Chazm.

Possui espelho retrovisor externo direito, vidros anteriores com comando eléctrico e, ainda como opcional, um tecto de abrir eléctrico.

Uma ideia insuperável, pelo mesmo preço da versão base do Tipo 1400 à sua espera no seu concessionário Fiat.

Tipo Chazm. A sedução continua.

FIAT

A SEDUÇÃO CONTINUA

Tipo.
Chazm

EQUIPAMENTO DE SÉRIE

Vidros atérmicos • Espelho retrovisor externo direito • Vidros anteriores eléctricos • Cintos de segurança c/ enrolador nos lugares posteriores • Banco posterior rebatível assimetricamente • Vacuómetro

OPCIONAIS

Tecto de abrir eléctrico • Pintura metalizada

Encargos anuais: Consumo: 139.100500 • Seg. Ob. Resp. Civil: 21.983500 • Imp. SI Vela: 4.630500 • Base 15.000 km Abril/90

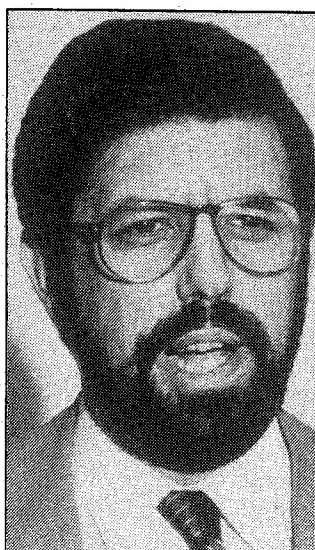
POLÍTICA

Cavaco Silva termina visita a Itália

Portugal e Itália acertam agulhas



Freitas do Amaral



Lucas Pires

Corrida para Belém

Freitas do Amaral diz que Lucas Pires ainda não se decidiu

As organizações autónomas do CDS querem que Lucas Pires se candidate às próximas eleições presidenciais. Aumenta a cadeia de apoios à hipótese do eurodeputado centrista concorrer a Belém em 1991. Atento aos movimentos internos do partido, o presidente dos democratas-cristãos almoçou ontem com Lucas Pires. «Ele ainda não decidiu», disse-nos esta manhã Freitas do Amaral, a propósito da eventual candidatura de Francisco Lucas Pires à Presidência da República.

Freitas do Amaral almoçou ontem com Lucas Pires e assegurou-lhe todo o apoio do CDS, caso o anterior presidente centrista «corra» para Belém. «A decisão é sua», frisou o líder democrata-cristão ao «DL», quando lhe perguntámos se o CDS poderia apressar a situação.

Foi a convite de Freitas do Amaral que decorreu ontem, ao almoço, um encontro com o deputado europeu do CDS. «Falámos de várias questões, desde assuntos europeus a política geral, e entre elas as eleições presidenciais», afirmou o presidente centrista.

Quanto ao encontro propriamente dito, Freitas do Amaral informou Lucas Pires de que o CDS «analisaria com muito agrado» a sua candidatura.

O «Diário de Lisboa» apurou que há mesmo uma clara «agitação» interna no CDS para que Lucas concorra a Belém e que o partido se manifeste, de modo a clarificar a situação.

Além de várias organizações autónomas se terem pronunciado já, o «DL» soube também que têm havido contactos informais da direcção do CDS com as distritais quanto à possibilidade de Lucas Pires se candidatar a Belém.

«Não existiu ainda, contudo, uma consulta formal nesse sentido», esclareceu o prof. Freitas do Amaral, que salientou o facto do partido «estar a reagir bem» ao problema da dívida ao Patriarcado resultante do arrendamento da sede

J.R.

O encontro de Cavaco Silva com Giulio Andreotti, ao fim da manhã de hoje em Villa Madama, marca a conclusão da visita oficial de 24 horas do chefe do Governo português à Itália.

Na reunião deverão ser abordados, entre outros temas, as relações bilaterais, a próxima presidência italiana da CEE, a situação na África Austral, as questões da NATO e da reunificação europeia, assuntos que ontem Cavaco Silva e Andreotti já haviam tratado num breve encontro realizado à chegada do governante português.

As visitas dos chefes de Governo de Portugal e Itália, com carácter de cimeira anual, à semelhança do que já aconteceu com Espanha e França, foram decididas durante a reunião dos primeiros-ministros da CEE que decorreu em Dublin.

Embora não existam contenciosos por resolver entre Itália e Portugal, verifica-se um défice comercial, com incidência na balança de pagamentos.

Em relação a 1989, as importações italianas de Portugal (peixe fresco, pasta para papel, madeira, lenha, car-

vão vegetal, vinhos, calçado, têxteis, mármore e conservas) aumentaram 38 por cento. Apesar de se ter registado um ligeiro acréscimo das importações portuguesas em 1989, não houve a inversão da tendência que se esperava face a 1988, continuando o défice na balança comercial fortemente desfavorável a Portugal.

O ministro português do Comércio, Faria de Oliveira que integra a comitiva de Cavaco Silva considera todavia, que «as perspectivas são boas tendo de se trabalhar bastante para que se veri-

fiquem melhorias».

Terminada a deslocação a Itália, Cavaco Silva partirá, no dia 18, com destino à Madeira onde receberá o título de «cidadão honorário» da cidade do Funchal. Durante a sua estada na Região Autónoma (dois dias), o primeiro-ministro preside à inauguração de diversas infra-estruturas, no valor de 4,7 milhões de contos e participa numa recepção oferecida pelo Governo regional e num almoço, no Palácio de S. Lourenço, residência do ministro da República.



Cavaco Silva com o primeiro-ministro italiano Giulio Andreotti. Durante os encontros que mantiveram, os dois chefes de Governo analisaram as relações bilaterais, a próxima presidência italiana da CEE e a união política e monetária europeia

A propósito da alteração da lei eleitoral

PSD nega possibilidade de bipolarização artificial

A proposta do Governo para a nova lei eleitoral, anunciada na semana passada por Cavaco Silva «respeita o princípio constitucional da proporcionalidade», afirmou ontem em conferência de Imprensa o vice-presidente do PSD, Duarte Lima. Aquele dirigente considerou que os pequenos partidos não serão penalizados com a nova legislação e na sua opinião, forças como o PRD ou o CDS já haviam sofrido fortes reduções mesmo com a actual legislação.

Duarte Lima negou quaisquer possibilidades de a nova proposta vir a provocar a bipolarização de «uma forma artificial». No entender daquele dirigente, os «pequenos partidos e até o PCP têm manifestado constantemente a sua vitalidade interna», pelo que «não deverão ser prejudicados». E acrescentou: «Se a bipolarização se verificar, ela demonstrará antes de mais a vontade

do eleitorado e não deverá ser encarada como o resultado de uma manobra artificial.»

Apesar de ainda não estar pronto, o texto que altera a presente legislação eleitoral deverá ser apresentado para análise aos diferentes partidos com assento parlamentar, prevendo o PSD que a lei definitiva fique aprovada de forma a que as eleições legislativas de 1991 se realizem já sob o quadro das alterações introduzidas.

Não adiantando praticamente nada ao que Cavaco Silva anunciou, a Comissão Permanente do PSD congratulou-se com a iniciativa do primeiro-ministro e optou pela crítica dura às reacções da oposição. «Mesmo antes de ser anunciado o texto da lei, o secretário-geral do PS atacou a iniciativa do Governo de forma demagógica e grosseira», disse Duarte Lima.

Redacção «DL»



Duarte Lima criticou duramente o PS

CAP descontente com Cavaco

A Confederação dos Agricultores Portugueses, CAP, anunciou ontem que dentro em breve promoverá reuniões de natureza reivindicativa em todo o País, e que, caso não surtam efeito, poderão conduzir à realização de uma concentração nacional de agricultores.

Esta tomada de posição da CAP surge na sequência do encontro que a organização manteve com o primeiro-ministro, Cavaco Silva a propósito da revisão da lei da Reforma Agrária que o Governo está a preparar.

Os representantes dos agricultores queixam-se que o chefe do Executivo não foi inteiramente sensível às propostas que a CAP lhe apresentou sobre este assunto, na passada semana.

Para a Confederação dos Agricultores, as medidas adoptadas pelo Governo, têm «facilitado as importações, estrangulado o escoamento da produção nacional e, por este facto, diminuído os rendimentos dos agricultores».

Recusando fazer uma apreciação pessoal da actuação do novo ministro da Agricultura, o presidente da CAP, Rosado Fernandes, admitiu, no entanto, que «o actual gabinete tem mostrado algumas dificuldades em explicitar uma política agrícola e em pô-la em execução».

Redacção «DL»/Lusa

FORUM

AS VERSÕES DO 25 DE ABRIL E DA REVISITAÇÃO QUE O «DL» LHES FEZ

Se viver é, de algum modo, coleccionar experiências, algumas há que deixam o coleccionador em apuros para catalogá-las. Acabo de chegar de Lisboa com o excesso de bagagem de uma delas. Participei nesse colóquio promovido pelo *Diário de Lisboa* em que os correspondentes de alguns dos mais importantes *media* estrangeiros revisitaram a sua cobertura do 25 de Abril e o ano e meio de acontecimentos que se lhe seguiu. Para quem se interessa pela questão dos valores e ideologias, não é frequente ter assim à disposição tão fabuloso laboratório. Aliás, nas ciências humanas deve ser raríssima a oportunidade de «construir» um assim em que estão presentes não só os «observadores» mas até alguns dos actores de acontecimentos a uma década e meia deles.

Como se planeado de propósito, poucas horas após ter saído do avião que me trouxe de regresso a casa, confrontava-me com o tema da minha primeira aula: a questão da «subjectividade/objectividade». Em vez do diálogo previsto no programa sobre uma leitura de um texto filosófico previamente recomendado, narrei aos meus alunos (que nunca tinham ouvido falar no 25 de Abril) a experiência de laboratório que foi a dita revisitação.

Porquê trazer estes pormenores aos leitores do *Diário de Lisboa*, se eles foram os mais bem informados sobre o colóquio? Por duas razões: primeiro, para deixar dito publicamente que a ideia de realizá-lo, bem como a própria realização, foram extraordinárias. Não sei se é original. Só sei que desconheço empreendimento semelhante, e que um livro bem elabo-

rado reunindo devidamente o essencial do que durante ele foi dito bem pode constituir um excelente material de apoio como caso paradigmático a ser analisado em cadeiras de Comunicação Social. Com tradução recomendada.

A outra razão: fazer um breve esclarecimento. Tal como eu próprio predissera, a versão dos jornalistas sobre o que eu estava a dizer não coincidiu totalmente com a minha. Com efeito, ao tecer algumas considerações finais sobre a impossibilidade de se ser objectivo, apesar da importância de se procurar sê-lo o máximo possível, mencionei o caso específico dos jornalistas estrangeiros (e não os jornalistas em geral), que se encontram numa situação de «antropólogos com pressa». Acrescentei que não queria dizer «apressados», embora alguns o fossem. Nem me referia apenas aos jornalistas correspondentes da imprensa americana, como o leitor do *DL* pode ser levado a depreender, pelo modo como o resumo foi feito, mas a todos e de qualquer cultura. Mais ainda, não se tratava de um juízo negativo. Pus a questão nestes termos: Eles têm de interpretar factos que só se entendem plenamente no seu contexto linguístico e cultural e, mais ainda, têm que traduzi-los para o contexto linguístico e cultural dos seus leitores. Se já muito se perdera na selecção dos factos, muito mais ainda se perde na tradução. *Traduttore, traditore*, como dizem os italianos. Mas isso é inevitável. Mesmo se os jornalistas não tivessem prazos limitadíssimos a cumprir. Eles confron-

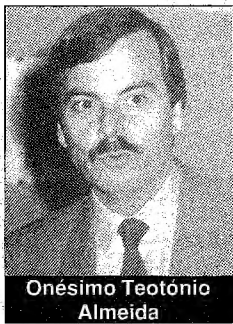
tam-se com dificuldades intransponíveis, embora haja graus de sucesso. No fundo, é o mesmo problema com que se debatem os antropólogos, os sociólogos, os cientistas sociais e mesmo os cientistas em geral. Basta seguirmos os debates sobre estes assuntos, recorrentes em qualquer livro que penetre um pouco na problemática teórica destas questões. Se quisermos ir mais longe: a própria epistemologia contemporânea.

E, já agora, completo a informação relacionada com a «anedota» a propósito de nuances que o *Diário de Lisboa* reproduziu. Não é uma anedota. Foi um facto. O seu protagonista é o físico Leo Szilard, natural da Hungria. Esteve envolvido no famoso *Manhattan Project*, que criou uma bomba atómica experimental. Escreveu as suas memórias sobre a participação nesse projecto e, instigado por um amigo a torná-las públicas, disse que não. Ia levar o texto consigo para apresentá-lo a Deus. À réplica do amigo que Deus conhece todos os factos, respondeu, apontando para o manuscrito: «Mas não esta versão dos factos.»

Postumamente foram reunidas e publicadas em volume cartas de Szilard, juntamente com excertos de documentos com informação autobiográfica. O título: *Leo Szilard: His version of the facts*.

E a fechar, porque não? Obrigado ao Mário Mesquita e ao *Diário de Lisboa* pela aula prática que me proporcionaram.

Foi impossível não ir bem preparado para a minha aula teórica.



Onésimo Teotónio Almeida

O RELÓGIO (PARADO) DA RUA AUGUSTA

Por José Gama Vieira

Se o Terreiro do Paço simboliza o Poder, o relógio no Arco Triunfal da Rua Augusta fica-lhe nas costas.

O Poder não o vê.

Cá em baixo a multidão solitária passa e já não lhe liga.

O relógio está parado há anos!

E, todavia, bem se pode manifestar até surpresa por tal facto.

Mas, em Portugal é assim. É curioso que o seja.

E se os vizinhos se propusessem colectar-se para o arranjar? Ah! seria um outro imposto. Uma ideia desagradável.

E se um organismo público o mandasse arranjar? Mas como, se não há verba prevista?!

Bom, e ao fim e ao cabo, para quê?

Não se viveu até agora sem ele?!

Fico pensando, porém se os alemães já não estarão arrançando a Porta de Brandeburgo!

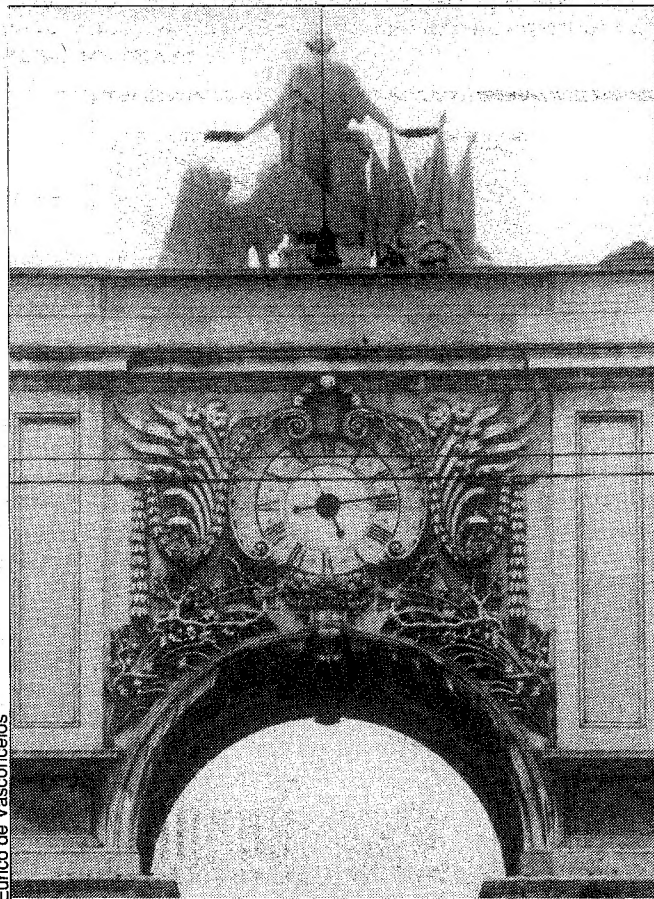
E para que servirá?!

No fim da 2.ª Grande Guerra Mundial, a de 1939 a 1945, a Alemanha tinha as casas e as fábricas em escombros. Hoje, o seu poderio económico-financeiro é tão grande... que é temido.

E, vendo bem, a sua economia preponderante é gerida por princípios individualistas.

Mas parece que há individualidades que reconhecem os individualistas da sociedade a que pertencem.

Outros há mais a sul, em que os indivíduos só se vêem a si próprios. Talvez se mudássemos, fizéssemos marchar o relógio, mesmo nas costas deste nosso Poder! - em bom gozo...



Eurico de Vasconcelos

A ÁFRICA E O LESTE

No suplemento que fazia parte do n.º 11 da revista «L'Espresso», no fascículo intitulado «A nova civilização», fiz um balanço deste século. Como sabia que é difícil definir o século no qual ainda se vive, tinha escolhido o critério que regula as piadas da série «First good news, then bad news» (existe também o mecanismo inverso mas, se não o escolhi, tinha com certeza uma razão). Exemplo: «Primeiro as boas notícias. Advertem-se os senhores passageiros que o avião perdeu os motores, as asas e o leme. Os pára-quadras são insuficientes. No aeroporto foi montado um serviço de emergência. A tripulação está confiante em relação à aterragem. Seguem as más notícias: Isto é uma gravação.»

Assim fiz eu naquele meu artigo. Um subtil polemista de outro semanário, propenso a ler somente pequenas fatias de artigos, olhou para a primeira metade do meu texto e, não acreditando no que os seus olhos viam, percipitou-se para a máquina de escrever a fim de ganhar a semana. Acusou-me, para tal, da pior heresia do século, a indulgência optimista para com as belezas da era tecnológica.

Vítima dessa mesma era, que é denominada pela neurose da velocidade, não chegou ao fim do meu artigo. Conseguiu, sem muito esforço, ganhar uns cobres à minha custa - e que lhe faça bom proveito.

Claro que é difícil fazer previsões sobre o que nos espera. No n.º 12-13 de L'Espresso eu tinha escrito que o que acontece com a fuga dos africanos para o Norte não é um fenómeno de imigração (regularizável através de leis) mas um fenómeno de migração, de alcance cósmico, que conduzirá a uma mutação genética à escala mundial. Um amigo perguntou-me se eu me apercebia que cada fenómeno migratório comporta séculos de lágrimas, recontros entre grupos étnicos, massacres, talvez até outros genocídios. Penso que ele tem infelizmente razão, ainda que em parte: muitas áreas poderiam ver-se envolvidas em eliminações sangrentas.

Uma migração, mesmo quando acontece em poucas dezenas de anos, em vez de séculos ou milénios, tem um preço. Não era minha intenção contar uma história confortável. A culpa não é minha. Sugeria que, se de migração se trata, é tempo perdido pensar em políticas de imigração, mas sim num raio mais amplo, numa política e numa ética de migração.

O que queria dizer era o seguinte: «Preparemo-nos para encarar a realidade dos factos». Como? Não sabia e não sei, mas pelo menos é útil saber que o avião perdeu as asas, a tripulação já escapou de pára-quadras e não vale a pena perder tempo a carregar no botão para chamar a hospedeira.

No entanto, julgo que a situação é menos irreparável do que a queda do avião: basta prepararmo-nos para compreender, para refrear as vagas sucessivas, integrar os fluxos migratórios, reduzindo o custo inevitável ao mínimo necessário.

A última objecção que me foi feita é por que razão pensar numa migração futura (com todas as tonalidades trágicas que o acontecimento comporta, independentemente dos resultados positivos que daí resultarão no decurso dos séculos) enquanto na Europa estamos a assistir à libertação dos países de Leste.

Devo confessar que, na perspectiva em que me situo neste momento, o facto de um cidadão da Alemanha do Leste poder hoje aspirar ao bem-estar dos cidadãos da RFA é totalmente irrelevante. Diante da tragédia de África, o nível de vida de um cidadão de Leipzig era já igual ao de um cidadão de Frankfurt. Existe pouca diferença entre um romeno e um parisiense em relação à existente entre um bialense e um sueco.

Sem dúvida que assistimos, nos últimos meses, a acontecimentos extraordinários, tendo em conta a nossa pequena dimensão europeia, mas a remota possibilidade de que a

unificação das duas Alemanhas leve um cidadão de Bona ao mesmo nível de pobreza que um cidadão de Berlim Leste; ou que a queda do império russo leve a uma situação de caos para-balcânico em toda a Europa de Leste, é mínima em relação à situação mundial, pelo menos numa óptica universal. O Terceiro Mundo está cheio de gente que venderia a própria mãe para viver tão bem como se vivia em Bucareste no tempo de Ceausescu.



Umberto Eco

Exclusivo «L'Espresso»/«DL»
(trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal **João Paulo de Oliveira**

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador: **Adelino Cardoso**

Redactor-paginador **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Maílda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponoz, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Painsio, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim**.

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Oscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção **Maria Eduarda Soutello**

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade **Luísa Valadas**

Gestor de Informática **Luís Canteiro**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE
PAGO

O panorama audiovisual em França

PARA UMA TELEVISÃO PÚBLICA SEM PUBLICIDADE

Numa altura em que se encontram na Assembleia da República, em análise por uma subcomissão especial, as propostas de lei do Governo e do Partido Socialista que fixarão as condições da abertura da televisão à iniciativa privada e se debate os objectivos e as formas de funcionamento que, depois disso, assumirá a televisão estatal, reveste particular interesse a transcrição deste texto, publicado recentemente no «Le Monde» e que nos dá uma perspectiva clara do panorama do audiovisual em França.

Assinam-o o sociólogo **Pierre Bourdieu**, professor do Collège de France, **Ange Casta**, realizador, **Max Gallo**, escritor e jornalista, **Claude Marti**, consultor em Comunicação, **Jean Martin**, advogado, e **Christian Pierret**, deputado do PS pela região dos Voges, presidente da Caixa de Depósitos, antigo relator geral do Orçamento.

A televisão pública entrou, há cerca de vinte anos, numa espiral suicida que não deixou de se acelerar. Está em vias de a submergir. No final da Primavera de 1988, tudo ainda era possível. Quantos erros não foram cometidos desde então. Com uma inconsciência devastadora, empenharam-se em fechar, uma após outra, as saídas. Ainda estaremos a tempo? Hoje, as vozes elevam-se. O ministro da Cultura interroga-se, o comandante Cousteau segue o nosso exemplo. Óptimo. Laurent Fabius dá o alarme. As nossas análises são retomadas, as nossas propostas voltam a emergir. Amanhã - quem sabe? - serão banais. «Como é que não pensamos nisso mais cedo?» - dirão alguns.

Que dissemos nós? Desde há duas décadas, o Poder político, em matéria de televisão pública, optou pela incoerência. Por razões, sem dúvida, nem sempre confessáveis.

Incoerência no modo de financiamento, assegurado, hoje, em cerca de 70 por cento, directamente pela publicidade e os patrocínios.

Um financiamento que coloca a programação sob o império do dinheiro, numa lógica comercial idêntica às das televisões comerciais. Então, porquê a taxa anual?

Incoerência ao nível da sua missão de serviço público, que é colocada após o interesse dos anunciantes, responsáveis pelo financiamento, o que equivale a renunciar a essa missão.

Incoerência ao nível das estruturas, que procuram responder às necessidades do desafio comercial e não à da programação e dos interesses dos telespectadores.

Incoerência ao nível da escolha

dos homens, cujo perfil tem de corresponder aos critérios impostos por esse desvio.

Incoerência, finalmente, ao nível do estudo das audiências, que só toma em consideração a quantidade de consumidores-espectadores (mapas de audiência) e, nunca, a qualidade dos programas.

Renunciar à publicidade

Na hora em que a televisão pública morre, exangue, o mercado da publicidade conhece um desenvolvimento excepcional: um crescimento de 65 por cento em quatro anos, passando de 40 bilhões de francos (cerca de 1080 milhões de contos), em 1985, para 66 bilhões (cerca de 1782 milhões de contos), em 1989. Para 1990, estão previstos 75 bilhões de francos (2025 milhões de contos).

Sejamos claros. Não desconhecemos a importância de uma coisa e de outra. Vivemos numa sociedade que escolheu produzir e consumir, e que tira daí as suas vantagens. Mas dizemos: que cada um volte a ocupar o seu lugar e a assumir a sua função. Que a televisão pública, com bem público ao serviço do público, e que não tem por objectivo o lucro, recupere a sua liberdade com meios de subsistência à altura do papel que deve desempenhar na nossa sociedade, papel pelo qual cada um de nós se deve sentir responsável.

Deve, para isso, renunciar à publicidade e às receitas directas que daí retira (2,5 bilhões, actualmente, ou seja, cerca de 67 milhões de contos), as quais reverterão para o mercado em benefício do conjunto das diversas estruturas de apoio. Em contrapartida, deve ser criada

uma contribuição para a cultura e comunicação, razoável, proporcional, equilibrada, retirada do conjunto dos investimentos publicitários. Além da liberdade reconquistada, a televisão pública ganhará com a indexação dos seus recursos em paridade com a televisão comercial. Calculada com base em números de 1989, essa contribuição poderá render perto de 4 bilhões de francos (cerca de 108 milhões de contos). Nem um franco sairá do bolso do telespectador, nem dos cofres do Orçamento. O que deverá encantar os senhores Bérégovoy e Charasse... (todos os especialistas sabem que, na realidade, a publicidade televisiva serve de locomotiva para o conjunto do mercado publicitário, o que justifica um grande investimento e uma taxa relativamente baixa).

Se, para os espíritos invadidos pelo escrúpulo, se tornar necessário acrescentar um argumento «moral», não esqueçamos de recordar que o instrumento técnico de difusão das imagens, hoje utilizado pela televisão comercial, foi elaborado, construído e desenvolvido com o dinheiro do contribuinte, e que, de resto, o espaço hertziano pertence ao domínio público.

Após esta reforma do financiamento, e só então, poder-se-ão efectuar as verdadeiras reformas de estruturas e de gestão, que devem ser colocadas ao serviço da criatividade, no seu sentido mais lato. A lógica da programação retomará o seu lugar; renascerá uma verdadeira emulação entre os criadores, que será necessário organizar, e da qual os espectadores serão testemunhas, actores e árbitros, para maior contentamento de uns e de outros.

Os socialistas contribuíram em grande medida, desde 1981, para afastar a televisão pública do Poder político. Compete ao actual Parlamento afastá-la do poder do dinheiro. Não duvidamos de que existe, para esse efeito, uma maioria bem mais ampla do que a que está, hoje, no Poder.

Sejamos justos. Nesta batalha que temos vindo a travar, desde há dois anos, não estivemos, por muito tempo, sózinhos. Ao longo dos meses, fomos sendo acompanhados por muitos, jovens e menos jovens, desconhecidos e

celebridades, alguns estão no écran, outros por detrás da câmara: **Elisabeth Badinter**, **Pierre Boulez**, **Costa-Gavras**, **François Gros**, **André Miquel** e **J.-C. Pecker**, professores do «Collège de France», **Michel Boujenah**, **Michel Piccoli**, **Suzanne Flon**, **Miou-Miou**, **Jacques Derrida**, **Bernard-Lévy**, **Pierre Moinot**, da Academia Francesa, **Jean-Marie Drot**, **Charles Brabant**, **Daniel Karlin**, **Claude Sautet**, **Claude Chabrol** (*).

O conjunto das associações de telespectadores, as sociedades de autores, a SCAM, a Sociedade dos Homens de Letras, e grupos de criadores, apoiam as propostas que apresentamos.

Recordemos, mais uma vez, que, na Grã-Bretanha, a BBC soube escapar às armadilhas nas quais a nossa televisão pública caiu. Um número resume a situação de uma e de outra: em 1987, a BBC obteve 160 prémios e medalhas em concursos no Mundo inteiro, a televisão francesa nenhum...

Dois erros

Dois erros podem, ainda, ser cometidos:

1) Acreditar que um «superman» - outro - poderá correr atrás da televisão comercial para recuperar fatias do mercado, e voltar a encher os cofres ao preço de novas renúncias em matéria de programação,

2) passar uma esponja e deixar a cargo de um operador privado a gestão da televisão pública, em nome da «economia mista», reunindo, no mesmo curral, 51 carneiros e 49 raposas? Deixar correr seria uma atitude que levaria a pensar que esta foi a solução escolhida no segredo das instâncias ministeriais...

Na hora em que, de modo inesperado, se assiste à abertura da Europa, em que o presidente da República sublinha a urgência de fazer emergir uma realidade cultural que não seja, apenas, apanágio dos comerciantes, valerá a pena que, em França, se deixe a televisão pública morrer?

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

(*) Conferência de Imprensa em 22 de Março de 1989

(Tradução de Isabel Joyce)

INTERNACIONAL

Enquanto o Parlamento letão assegura a Gorbachev que os interesses soviéticos serão inteiramente respeitados, o recém-eleito primeiro-ministro apelou às restantes repúblicas bálticas no sentido de se unirem na luta pela independência

Letónia toca a cerrar fileiras

O recém-eleito primeiro-ministro da Letónia apelou às repúblicas bálticas irmãs da Lituânia e da Estónia para cerrarem fileiras em conjunto, na sua luta pela independência de Moscovo.

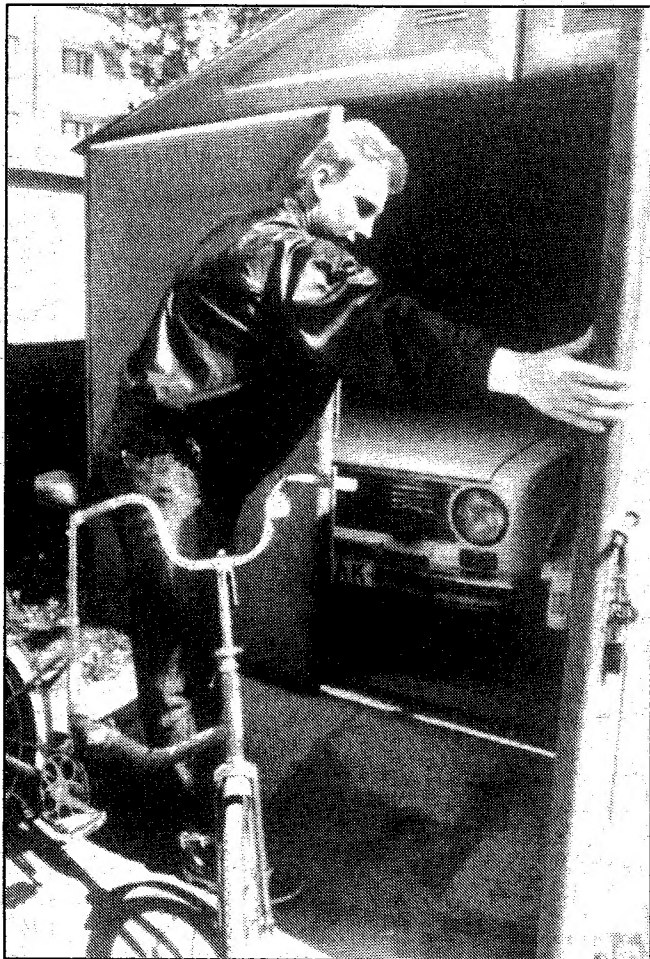
O físico Ivars Godmanis, de 39 anos, dirigente da Frente Popular da Letónia, recolheu 131 votos a favor, 48 contra e seis abstenções no Parlamento, que na sexta-feira declarou a Letónia uma «república democrática e independente».

Godmanis manifestou-se esperançado que o Kremlin não decreta um bloqueio económico idêntico ao imposto à Lituânia.

«É necessária uma máxima coordenação entre as três repúblicas bálticas e também com as outras repúblicas soviéticas», afirmou o primeiro-ministro letão.

Entretanto na Lituânia, o departamento da Agricultura fez saber que a república vai cortar os abastecimentos de carne e leite a Moscovo, em mais de 10 por cento, como uma medida de contra-bloqueio.

Godmanis, que hoje apresentará o seu gabinete, pronunciou-se a favor de um desenvolvimento similar ao da Finlândia, inclusive no que diz respeito às relações com



Um jovem lituano deixa na garagem o seu automóvel e opta por uma bicicleta para se deslocar

a URSS e manifestou-se pelo início de negociações com Moscovo.

Por seu turno, o Parlamento letão assegurou ao Presidente Mikhail Gorbachev que,

apesar da declaração de independência, respeitará os interesses soviéticos e espera abrir conversações com Moscovo.

A declaração está contida numa mensagem de resposta a Gorbachev, ao pedido por ele feito, de mais informação sobre a declaração de independência da Letónia.

«Expressamos a certeza de que o carácter da declaração, a conservação das actuais normas constitucionais e o sincero desejo de respeitar os interesses da URSS encontrarão a sua compreensão e abrirá o caminho para um diálogo frutífero no espírito da cooperação honesta entre iguais», diz-se no documento que explica vários pontos da declaração.

Ao contrário da Lituânia e à semelhança da Estónia, que no fim de Março declarou a sua intenção de se separar de Moscovo, a Letónia não suspendeu a Constituição soviética. Acrescentou-lhe várias secções da Constituição da Letónia independente.

O Presidente Anatoli Gordunov e outros dirigentes letões têm sublinhado que a declaração da república, ao estabelecer um período indefinido de transição para a completa independência, se destina a «deixar a porta aberta» para conver-

sações com o Kremlin.

Direcção lituana acusada

A falta de flexibilidade da direcção lituana foi a causa de não se ter podido evitar o bloqueio económico de Moscovo, afirmou Algirdas Brazauskas, chefe do PC lituano independente, numa entrevista ao semanário lituano «Politika».

Esta é a primeira vez que Brazauskas, o político mais popular desta república báltica, critica a direcção lituana, formada na sua maior parte pelo movimento nacionalista «Sajudis», com a maioria esmagadora no Parlamento.

«Se o Parlamento lituano tivesse recorrido a medidas políticas flexíveis, o bloqueio

económico por parte da URSS poderia ter sido evitado ou, pelo menos, atenuado», afirmou o dirigente comunista, que ocupa o cargo de vice-primeiro-ministro da Lituânia. Segundo este «pai da independência», como é chamado pelos seus compatriotas, faltou flexibilidade às decisões que se seguiram à declaração de independência de 11 de Março último.

Agora, em sua opinião, há que procurar uma saída para a situação criada e contentar-se com o facto de o bloqueio económico ser, de qualquer modo, uma forma de reconhecimento da Lituânia como um Estado soberano.

Redacção «DL»/Lusa/
AFP/Reuter

B R E V E S

Cem «contras» desmobilizam hoje

El Almendro, uma pequena povoação a 230 quilómetros de Manágua, é o local onde hoje se deve iniciar a desmobilização dos «contras» nicaraguenses, estando previsto que pelo menos cem deles digam «adeus às armas», após nove anos de guerra civil. Grande expectativa rodeia esta primeira desmobilização, já que demonstra até que ponto os rebeldes anti-sandinistas estão dispostos a obedecerem aos seus comandantes que no passado sábado acordaram a entrega do seu material bélico a partir de hoje até 10 de Junho, através da assinatura de um protocolo entre Israel Galeano, o Comandante Franklin, a presidente Violeta Chamorro e o cardeal Obando y Bravo.

Negociações directas em El Salvador

As negociações directas entre o Governo de El Salvador e os guerrilheiros da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) terão início no próximo dia 16, na Venezuela, anunciou ontem uma porta-voz do secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar. O primeiro objectivo das negociações será conseguir um cessar-fogo que ponha fim aos combates que já duram há dez anos. A FMLN tem posto diversas condições para entregar as armas e ainda na semana passada desferiu vários ataques contra a capital salvadorenha.

EUA negam apelo de Reed

«Os terroristas não podem ser recompensados pelos golpes desferidos no corpo de Reed, nem pensar que mais raptos poderão conduzir a negociações que lhes permitam tirar dividendos políticos», afirmou ontem o porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater, respondendo aos apelos do ex-refém norte-americano, Frank Herbert Reed, recentemente libertado. Após descrever o tratamento brutal a que foi submetido durante os seus três anos de cativeiro, Reed pediu aos Governos ocidentais para negociarem com os sequestradores a libertação dos restantes 15 reféns, entre os quais seis norte-americanos. Segundo Fitzwater, «não pode haver melhoria nas relações com países terroristas enquanto os nossos reféns não forem libertados». Entretanto um porta-voz do Governo israelita, disse ontem que Israel está disposto a contribuir para a libertação dos reféns ocidentais desde que os seus soldados sejam soltos e restituídos os corpos dos militares mortos no Líbano.

Redacção «DL»/AFP/Reuter/Lusa

Cuba imita vietcongs

Para os norte-americanos Fidel Castro apenas está a tentar «distrair a atenção dos problemas internos» e as manobras são de «rotina». Para os cubanos, os EUA estão a preparar uma invasão, à semelhança do que fizeram em Granada e no Panamá, e as manobras «Aventura Oceânica» ao incluírem a base de Guantanamo, no extremo oriental da ilha, precisam ter uma resposta à altura: «O Escudo Cubano».

As manobras navais dos EUA, iniciadas há uma semana, estão a provocar uma enorme mobilização em Cuba, onde a televisão estatal mostrou ontem imagens de milícias a treinar táticas e armas utilizadas pelos guerrilheiros vietcongs na guerra do Vietname. Segundo os comandantes cubanos se a invasão se der os EUA vão enfrentar uma defesa baseada no conceito «A guerra de todo o povo» em que todas as pessoas saudáveis «enfrentarão o invasor». Acredita-se que a questão de Cuba seja discutida na cimeira de 30 de Maio, em Washington, entre Bush e Gorbachev.

Redacção «DL»/Lusa

Revés comunista nas autárquicas italianas

Ligas regionalistas condicionam resultados

A queda eleitoral dos comunistas, o avanço dos socialistas e dos verdes e ainda a grande vitória dos grupos políticos regionais são os resultados mais significativos das autárquicas italianas que se realizaram domingo e ontem.

A excepção do Partido Socialista de Bettino Craxi, que registou uma subida de dois por cento em relação a 1985, e dos Verdes, que alcançaram 5,1 por cento - bastante mais que os 1,5 por cento de há cinco anos - os restantes partidos tradicionais italianos perderam pontos e votos.

Uma primeira projecção de resultados indica que a Democracia-Cristã, a perene rival dos comunistas na liderança do país, ficará perto dos 32,8 por cento (35 por cento em 1985).

Por outro lado, o último voto do eleitorado comunista à velha organização do partido de Achille Occhetto antes da extinção do PCI e do nascimento de uma nova formação política, abrangeu 25,3 por cento das votações (menos cinco por cento que nas locais de 1985).

Mas a grande vitória coube às «ligas locais», organizações regionais e separatistas que, a nível nacional, obtiveram 5,7 por cento mas, por exemplo, em Milão, atingiram, com a «Liga Lombarda», quase 20 por cento.

O aparecimento destas ligas e a histórica

mudança operada no PCI que, apesar de tudo, não desapontou completamente o seu eleitorado, poderão, a par da subida dos socialistas, condicionar fortemente o futuro político do país.

Croatas votam pela Independência

Os nacionalistas do Partido da Comunidade Democrática Croata, que defende a independência daquela república face à Jugoslávia, lideram o escrutínio da segunda volta das eleições legislativas realizadas no domingo e ontem.

De acordo com os resultados provisórios de 52 círculos eleitorais, os candidatos da CDC, do general ex-comunista Franjo Tudjman, lideram a contagem em 36 por cento à frente dos comunistas - governantes da Croácia desde 1945 - que contam com 11 por cento.

A Croácia, uma das mais ricas repúblicas da Jugoslávia, será assim a segunda a ter votado num partido não-comunista. Já a Demos, uma coligação de centro-direita venceu, no mês passado, as eleições legislativas na vizinha Eslovénia.

O governo maioritariamente sérvio da Jugoslávia sofreu, com tais resultados, um revés difícil de conter.

AFP/Lusa

Os efeitos da unificação

A Europa alemã

Nos anos Noventa a Itália já não será a locomotiva da Europa. Foi-o, curiosamente, durante os anos Oitenta apesar do desinteresse geral dos próprios italianos, políticos em primeiro lugar. De facto entre 1980 e 1989, a Itália foi o país que teve o maior crescimento entre os quatro grandes países do Velho Continente. Em média, a dimensão da economia italiana aumentou, naquele período, 2,55 por cento ao ano. A França, que vinha logo depois, teve um crescimento médio pouco superior a 2 por cento ao ano.

Nos próximos dez anos, pelo contrário, o lugar a cabeça do comboio da Europa será tomado com decisão e firmeza pela Alemanha. Segundo um recente estudo da «Prometeia» prevê-se que, nos anos Noventa, o crescimento da República Federal Alemã poderá ser de 3,58 por cento ao ano, até, talvez, 4 por cento. Nenhum outro País europeu conseguirá fazer o mesmo (apenas a Itália, deve chegar aos 3,37 por cento). Até a América ficará para trás.

O que é que está a acontecer? Nos anos Oitenta a República Federal Alemã foi o último entre os quatro grandes Países europeus. Em média, o seu crescimento foi inferior a 2 por cento. Este dado, que pode surpreender as pessoas, habituadas a ver os alemães como os melhores do mundo, não causa tanto espanto entre os especialistas. A Alemanha é o País que tem os mais sérios problemas demográficos. Na prática, dispõe de uma população que continua a diminuir e está já muito envelhecida. O «perfil baixo» do seu crescimento nos anos Oitenta reflete esta séria questão. Falha de mão-de-obra, a RFA tinha escolhido correr de vagar, deixando à Itália e a França o papel de locomotivas e, aspecto muito

mais importante, deixou para trás grandes oportunidades de crescimento económico.

Agora, pelo contrário, tudo mudou. A Alemanha descobriu os seus braços na sua irmã de Leste. Calcula-se que, nos últimos dois anos, pelo menos um milhão de pessoas tenham «saltado o muro», encontrando rapidamente um emprego no sistema produtivo da Alemanha Federal. E é por isso que o crescimento da Alemanha passou de valores inferiores a 2 por cento para valores superiores a 3,5 por cento. Uma revolução.

Durante os próximos dez anos prevê-se que será mesmo a Alemanha - graças à reunificação com a irmã de Leste - a assumir o papel de locomotiva da Europa. E será uma locomotiva de alta velocidade, com ritmos equiparáveis, quase, aos dos japoneses.

Quais serão as consequências de tudo isso para o cenário europeu?

1) Até há pouco tempo a Europa foi guiada por uma espécie de governo a dois franco-alemão. A Alemanha era mais forte economicamente, mas a França era mais dinâmica, e o equilíbrio funcionava. Amanhã, pelo contrário, a Grande Alemanha será muito maior de todos os outros Países Europeus e terá um crescimento nitidamente superior, com os valores mais altos do mundo ocidental. É lógico prever que a «aliança» franco-alemã não mais funcionará. E isso criará de certeza tensões económicas e políticas.

2) Ou seja, a Europa terá inevitavelmente que pôr-se ao passo da Grande Alemanha, que se anuncia como uma espécie de Japão enquistado no coração do Velho Continente. Ainda por cima um Japão que não terá que procurar os seus consumidores a milhares de quilómetros de distância. A Nova Alemanha terá mais de 300

milhões de consumidores ao virar da esquina, a sua volta, sem barreiras alfandegárias que lhe impeçam de comerciar, vender e lucrar. Se pusermos na conta também as populações dos Países do Leste ex-comunista, os consumidores serão quase meio bilhão. A nova Alemanha, portanto, será um «Japão europeu» com muito combustível a mão. No fim, o seu crescimento pode vir a ser até maior do que hoje se prevê e que é já altíssimo.

Quais problemas trará para a Itália esta revolução?

Um apenas mas muito grande. Estar na «Europa alemã» - a dos anos Noventa - será inevitavelmente mais difícil e complicado. Porque será uma Europa que correrá muito depressa, será eficiente e muito competitiva. Se ontem a Itália estava atrasada, a partir de amanhã estará muito, mas muito mais atrasada. A tentativa de evitar o confronto com esta Europa virando-se para o Mediterrâneo será forte. Mas ceder a essa tentação seria um erro.

Além disso, esta será uma Europa que terá os seus olhos postos sobre a Europa de Leste. E não se limitará a olhar, mas irá também montar fábricas no Leste: hoje, esses países são de facto, considerados os mais interessantes, pelo custo da mão-de-obra bem como pela previsível paz sindical. Assim, serão os Países da faixa Sul da Europa (Itália, Espanha, Grécia e Portugal) a encontrar-se deslocados e já não competitivos para os grandes grupos multinacionais (e até nacionais). Esses Países se não quiserem perder o contacto com o comboio europeu, terão que correr como verdadeiros loucos.

Giuseppe Turani
Corriere della Sera «DL»
Trad. Alessandra Balsamo

II Guerra Mundial acabou há 45 anos

A segunda Guerra Mundial acabou na Europa há 45 anos, depois de no dia 7 de Maio de 1945, em Reims, o exército alemão ter assinado a sua rendição incondicional. Este ano, no limiar da unificação alemã, as comemorações desta data ganharam um novo cariz pois, quatro décadas e meia após a separação do III Reich em dois Estados, assistiu-se também ao fim da guerra fria entre os vencedores do último grande conflito. Hoje, os alemães estão na iminência de ser «perdoados» pelos aliados e, um pouco por toda a Europa, o tom das celebrações é de reconciliação com o passado.

Em Itália, o vice-Presidente norte-americano, Dan Quayle, num discurso pronunciado no Parlamento da península, assinalando o centenário do nascimento do ex-Presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, realçou que a vitória ainda está incompleta, adiantando que «uma Europa forte e unida significa uma América forte e um mundo mais seguro». Quayle descreveu ainda o antigo Presidente dos EUA e comandante supremo das forças aliadas como o homem que salvou a civilização «durante a sua hora de maior perigo».

Em Moscovo, um encontro de antigos combatentes veteranos do trabalho e representantes das forças armadas soviéticas assinalou no Kremlin, o começo das comemorações do 45º aniversário do termo da II Guerra Mundial que, na URSS, se celebra oficialmente no dia 9 de Maio. O presidente Mikhail Gorbachev afirmou na sua intervenção que, sem a contribuição para a vitória dos soviéticos, «seria difícil conceber» a realização da *Perestroika*, que tem como objectivo «uma sociedade democrática e humana».

Numa entrevista à Novosti, o marechal Serguei Akhromev, antigo chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas soviéticas e actual conselheiro do Presidente soviético, responsabilizou Estaline por grande parte dos oito milhões e 668 mil soldados soviéticos mortos durante o conflito. A «arrogância e a presunção» de Estaline, «não permitiram a direcção do país de apreciar correctamente e controlar a situação». Foi também divulgado no decorrer deste encontro que a URSS perdeu pelo menos 27 milhões de pessoas durante o conflito, mais 7 milhões do que o número durante anos avançado oficialmente.

Em Berlim Ocidental, o Congresso Judaico Mundial celebra esta data com uma visita à mansão junto do lago Wannsee onde os generais de Hitler planearam a exterminação dos judeus. Edgar Bronfman, presidente da organização, congratulou-se com a iniciativa do parlamento da RDA que reconheceu a culpabilidade do Estado alemão no massacre de judeus durante o regime nazi.

Redacção «DL»/Lusa/Novosti

Negociações sobre as fronteiras polacas entram numa fase decisiva

As negociações directas entre Varsóvia, a RFA e a RDA, sobre um tratado que garanta a fronteira ocidental da Polónia, entraram numa fase activa, com os polacos a pretender uma resolução «sem ambiguidades» sobre esta questão, segundo os observadores.

A Polónia, que reclama um tratado com dos dois Estados, ligado à reunificação, sublinha hoje que a questão principal diz respeito ao «conteúdo» do tratado. Assim, Varsóvia pretende apresentar um projecto de acordo em Julho, em Paris, por ocasião da terceira conferência ministerial dos «2+4» (as duas Alemanhas, mais os Estados Unidos, URSS, Grã-Bretanha e França).

A fronteira polaca foi fixada, no final da Segunda Guerra Mundial, sobre a linha Oder-Neisse e engloba antigos territórios alemães.

«O problema essencial é que, na nova situação histórica, a Polónia, a Alemanha e a Europa devem

regulamentar sem ambiguidades a questão da fronteira», declarou à rádio RFI o primeiro-ministro polaco, Tadeusz Mazowiecki.

O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Wladyslaw Klawnski, declarou à Agência France Press que, para a Polónia, «o mais importante é o conteúdo do tratado e é necessário que seja ratificado após a unificação».

Posição polaca evolui

Se o objectivo da Polónia não mudou - a obtenção de um acordo com a Alemanha unificada - as diligências no sentido de o conseguir evoluíram sensivelmente, dizem os observadores.

Assim, a Polónia já não exige a prévia assinatura de um acto jurídico vinculativo antes da unificação, segundo Klawnski.

Para Varsóvia, isso não significa que se contente com uma resolução dos dois Parlamentos alemães, que são «declarações políticas». Mas, sublinhou Klawnski, essas

declarações podem referir-se ao texto do tratado», elaborado antes da unificação, para ser ratificado logo que a união entre as Alemanhas se verifique.

Segundo a Gazeta (jornal do Solidariedade), Mazowiecki declarou, em resposta ao secretário de Estado norte-americano, James Baker, por ocasião da visita deste a Varsóvia, no domingo: «Não vou cruzar espadas por questões técnicas».

Discussão na próxima reunião

A primeira reunião Polónia-RFA-RDA decorreu na passada sexta-feira em Varsóvia e permitiu aos três participantes expor os seus pontos de vista. A discussão de fundo terá início na próxima reunião, que decorrerá em Bona «antes do fim do mês de Maio», revelou o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

«Será bom, sublinhou, que o ministro Krzysztof Skubiszewski possa apresentar um

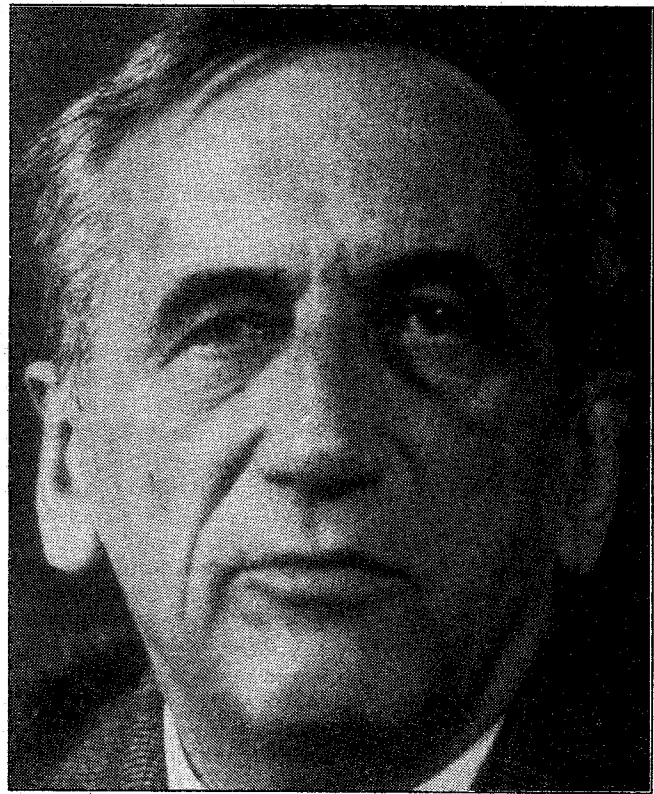
projecto de tratado, em Julho, em Paris».

Por seu lado, Tadeusz Mazowiecki declarou pretender «que se caminhe rapidamente, após a criação de uma Alemanha unificada, para a assinatura de um tratado que possa ser ratificado em todos os seus pormenores».

«Creio que o trabalho de redacção do texto pode ser efectuado antes da unificação», acrescentou.

Por seu turno, o jornal do Solidariedade escreveu ontem que o secretário de Estado norte-americano «James Baker declarou ao primeiro-ministro Mazowiecki que os dois governos alemães asseguraram que as negociações tripartidas entre a Polónia, a República Democrática Alemã e a República Federal da Alemanha, sobre o texto do tratado, deverão terminar antes do próximo mês de Julho».

Michel Leclerc
Serviço AFP
Trad. JF



O primeiro-ministro polaco, Tadeusz Mazowiecki, pretende um acordo «sem ambiguidades» sobre a questão das fronteiras

INTERNACIONAL

Abolidos vistos para cidadãos da RDA

CEE aproxima-se dos países de Leste

Do nosso correspondente em Bruxelas

Um passo importante na aproximação aos países de Leste foi dado pela Comunidade Europeia ao assinar os acordos de cooperação e de liberalização comercial com a Checoslováquia (ontem) e com a Bulgária e a República Democrática Alemã (hoje). Paralelamente, o Conselho de Ministros dos Assuntos Gerais decidiu também ontem a abolição dos vistos para os cidadãos oriundos da RDA.

Recorde-se que anteriormente, a CEE assinara acordos com a União Soviética, Polónia, Hungria, Roménia e outros países, com quem se prevê o estabelecimento de um protocolo de cooperação. Na política de abolição dos vistos a unanimidade não imperou entre os Doze. A Itália manteve-se coerente com a intenção de assumir medida idêntica em relação aos naturais da Hungria e da Checoslováquia, decisão não coadjuvada pelos restantes Estados-membros, pelo menos nesta fase. Os ministros, no entanto, pronunciaram-se sobre a necessidade destas questões terem decisões comuns, por forma a não fazer perigar a livre circulação de pessoas, objectivo prioritário da Europa a partir de 1 de Janeiro de 1993.

Uma definição de critérios quanto à cooperação com os países do Leste foi outra das decisões da reunião ministerial: pelo princípio da diferenciação introduzido ontem, os méritos de cada Estado constituirão a baliza da dimensão dos acordos a estabelecer. Para além do regozijo manifestado pelos presentes em relação à proximidade comercial e política com o

Leste, foi igualmente referida a preocupação reinante quanto ao não cumprimento por alguns daqueles países das regras de concorrência. O plenário ministerial constatou que alguns deles não estão ainda preparados para competir livremente no respeito pelas regras estabelecidas no Ocidente.

Na sequência da Cimeira de Dublin os ministros dos Negócios Estrangeiros acordaram ontem dar início à preparação de um documento onde se defina com clareza o significado de «União Política». A primeira reunião terá lugar na Irlanda, nos próximos dias 19 e 20.

Os chefes das diplomacias dos Doze afirmaram que àquela reunião se seguirão outras, algumas sob a forma de enclaves, isto é, dia e noite até à obtenção de um consenso e à elaboração de documento a submeter aos chefes de Estado e dos governos, em Dublin, no princípio de Junho.

O Conselho chamou igualmente a atenção da Comissão para o facto de esta não ter apresentado um documento sobre o estado das negociações com a EFTA, o grupo de seis países com quem a CEE deveria manter relações estreitas. «Decepcionante» foi o termo uti-

zado pelo Conselho para qualificar a actuação da Comissão nesta matéria. Portugal é um dos países que defende a conclusão de um *dossier* de compromisso, até ao final do ano com a EFTA, que considere o grupo com mais afinidades com a Europa comunitária.

O reforço do programa «Média» deverá ser concretizado através de um grupo de trabalho criado pela Comissão europeia. O secretário de Estado da Integração Europeia considerou extremamente importante a dinamização deste sector no seio da comunidade, dada a escassez de produção que se verifica a nível do audiovisual.

Refrira-se, a este propósito, que a percentagem das emissões «made in USA» no total do tempo de programação das cadeias públicas dos países europeus situa-se entre 13 e 30 por cento. Os produtos americanos estão especialmente bem colocados no domínio da ficção e 40 por cento dos telefilmes difundidos pelas cadeias públicas europeias têm origem além-Atlântico; nas cadeias privadas do Velho Continente, esta proporção antige 50 por cento, tendo diminuído sensivelmente nos últimos anos.

José Rul Cunha

Ajudas à Lituânia

A Comissão europeia está a estudar as características de uma ajuda alimentar à Lituânia.

O conselho de ministros dos Assuntos Gerais, reunido ontem em Bruxelas, decidiu esta operação e ouviu por parte dos representantes da Comissão Europeia a explicação de que se aguardam elementos dos lituanos sobre as suas necessidades. Recolhida essa informação, a Comunidade está pronta a iniciar a operação de auxílio àquela país.

J. R. C.



O Presidente sul-africano Frederik De Klerk

De Klerk inicia visita à Europa

O Presidente, Frederik De Klerk inicia hoje uma visita a nove países europeus, naquela que é já considerada a mais importante viagem de sempre de um chefe de Estado sul-africano à Europa.

A visita inicia-se hoje em Paris seguindo-se depois a Grécia, Portugal, Espanha, Reino Unido, Alemanha Federal, Bélgica e Suíça. Trata-se de um périplo de 18 dias em que a diplomacia de Pretória parece ter apostado em apresentar uma nova imagem da África do Sul, disposta a negociar com a comunidade negra sul-africana alguns dos pontos duros do regime do *apartheid*. Segundo fontes oficiais citadas pela agência France Press, Frederik De Klerk, pretende com esta visita convencer a Comunidade Económica Europeia de que o seu Governo vai acabar com o *apartheid* e negociar um sistema democrático.

Este facto integra-se aliás num dos objectivos principais da política externa sul-africana com vista também a contornar as sanções económicas da comunidade internacional a Pretória. De Klerk afirmou já várias vezes a necessidade de a Comunidade

Económica Europeia e os Estados Unidos levantarem as sanções como complemento às reformas internas iniciadas pelo seu Governo. Segundo observadores, esta medida poderia permitir uma maior margem de manobra política a De Klerk face aos sectores brancos mais radicais da comunidade sul-africana, dominada pelo Partido Conservador. Apesar disso, não é previsível uma viragem no que se refere à política de sanções por parte da comunidade internacional, pelo menos a curto prazo. Para já De Klerk está preocupado em fazer-se ouvir junto dos responsáveis dos nove países europeus o que é já um facto importante se, por exemplo, nos recordarmos do fracasso que constituiu a visita do seu antecessor, Pieter Willem Botha, a França, em 1986.

Alguns acontecimentos jogaram a favor da diplomacia sul-africana nos últimos meses: a descolonização da Namíbia, a aceleração da política de reformas do regime, após a chegada ao poder de De Klerk, a 20 de Setembro, e a libertação de Nelson Mandela.

Redacção «DL»/AFP

Nova frente a sessenta quilómetros de Luanda

Governo de Angola ameaça retomar operações militares



Eduardo dos Santos

O Presidente angolano José Eduardo dos Santos ameaçou hoje retomar as operações militares após o movimento rebelde angolano, UNITA, ter desenvolvido novas ofensivas, desta vez no Norte de Angola, a sessenta quilómetros de Luanda. A UNITA reivindicou também, num comunicado especial do estado-maior, hoje divulgado em Lisboa, ter derrotado as tropas governamentais em Mavinga «após 137 dias de combates encarniçados pelo controlo desta vila estratégica».

Em reacção às crescentes acções da UNITA em redor de Luanda, José Eduardo dos Santos indigitou o tenente-general António França, «N'dalu», vice-ministro da Defesa, chefe de estado-maior das FAPLA e ex-comandante militar da frente Sul para exercer o comando das tropas governamentais na nova frente de Quanza-Bengo. Para novo comandante da frente Sul foi designado Lopo Fortunato do Nascimento, actual comissário provincial da Huíla e membro do comité central do MPLA.

De referir que, em menos de uma semana, a UNITA destruiu com explosivos mais de trinta pilares de alta tensão, deixando Luanda sem electricidade. Eduardo dos Santos, convicto de que as forças da UNITA, empenhadas na sabotagem da região de Luanda são provenientes do Zaire, anunciou que o número de violações da fronteira Norte entre Angola e o Zaire e do espaço aéreo nesta região tinham «aumentado vertiginosamente».

Redacção «DL»/Lusa/AFP

CONFECÇÕES FERREIRA

25 ANOS

AO SERVIÇO DA MODA

NA PASSAGEM DO 25.º ANIVERSÁRIO SAÚDA
TODOS OS CLIENTES, FORNECEDORES E AMIGOS,
AGRADECENDO TODAS ATENÇÕES DÍSPENSADAS.

HORTA E FERREIRA, LDA.

RUA ELIAS GARCIA, N.º 47 — TELEF. 914 02 80
2735 CACÉM

QUOTIDIANO

Na conferência mundial de Barcelona, um especialista recomenda aquilo que em Portugal não é feito

Malefícios da hepatite B exigem vacina obrigatória

A vacinação de todos os recém-nascidos e, em simultâneo, dos grupos de risco, constitui «a melhor solução» para erradicar o vírus da hepatite B (HPD), considerou ontem, em Barcelona, o especialista Samuel Blumberg, durante um seminário mundial sobre a doença.

Numa altura em que a hepatite B é encarada, pelos especialistas, «cem vezes mais contagiosa que a Sida», deixando cientistas estrangeiros preocupados em encontrar uma vacina adequada ou uma terapia eficaz, Portugal ainda não desenvolveu um plano eficaz de combate ao mal, sendo mesmo o único país da CEE em que a vacina não é obrigatória. Esta situação contrasta com as atenções que se dedicam à Sida.

Blumberg, prémio Nobel da Medicina por ter descoberto a vacina contra o vírus

da hepatite B sublinhou, em Barcelona, que o número de casos infectados «poderá diminuir consideravelmente dentro de dez anos e a doença ser erradicada a médio prazo» caso todos os países adoptem programas de vacinação obrigatória.

A vacina só começou a ser comercializada há nove anos, tendo chegado a Portugal há ano e meio, mas o Ministério da Saúde «tem adiado a questão», afirmou à Lusa o catedrático português Machado Caetano.

Referindo-se aos cuidados prestados na generalidade, em Portugal, no domínio da saúde pública, o ministro da Saúde, Arlindo de Carvalho, disse, ontem, em Lisboa, na abertura do quarto Encontro Nacional da Pastoral de Saúde, que «Portugal está no pelotão dos países mais desenvolvidos no domínio da saúde» e que «as crianças por-

tuguesas são todas vacinadas, de acordo com o plano de vacinação internacional, estando erradicadas no país doenças como a difteria e poliomietite».

Apesar disso, no nosso país morrem anualmente mais de duas mil pessoas vítimas de hepatite B. A doença reveste características preocupantes a nível mundial. Dados da Organização Mundial de Saúde indicam que existem no mundo mais de dois mil milhões de infectados com o HPD, dos quais 285 milhões são portadores crónicos.

O vírus da hepatite B contamina um em cada três portugueses, 10 por cento dos quais acabam por contrair a doença, de acordo com informação prestada pelo médico Machado Caetano.

Segundo este especialista, partindo-se do princípio de que existem, em Portugal, 150 mil portadores crónicos, serão

de esperar nos próximos anos cerca de 2300 mortes por cirrose e seis mil por carcinoma do fígado. Machado Caetano defendeu ainda como solução para o caso português a vacinação, numa primeira fase dos grupos de risco, seguida da vacinação infantil obrigatória.

O HPD prevalece nos homens e as mulheres são as potenciais portadoras. As formas de contágio são mais comuns do que as da Sida, traduzindo-se nas relações sexuais e através do suor, da saliva e das lágrimas.

Integram os principais grupos de risco os toxicod dependentes, as prostitutas, os homo e heterossexuais com vários parceiros, os funcionários hospitalares, as grávidas, os doentes psiquiátricos e os prisioneiros.

A alteração dos hábitos sexuais da população foi considerada fundamental pelos



Apesar de ser considerada cem vezes mais contagiosa do que a Sida, a hepatite B não é ainda contrariada, em Portugal, pela vacinação obrigatória das crianças, o que constitui caso único na CEE

médicos.

Quanto aos sintomas, estes são difíceis de detectar, caracterizando-se a doença, na maioria dos casos, pela ausência de manifestações

físicas. Icterícia ou cansaço são as formas mais comuns de manifestação da hepatite B, que só é «visível» em um de cada dez casos de contaminação.

DL

jornal de letras, artes e ideias

Às
terças-feiras

DL

TEM AÍ «DO FIM DO MUNDO», UM LIVRO INÉDITO DE
NUNO BRAGANÇA:
A ESCRITA LUMINOSA



EDUARDO PRADO COELHO
**A PROVOCAÇÃO
DAS IDEIAS**



LUCIO MUÑOZ
**CORES
DE ESPANHA**

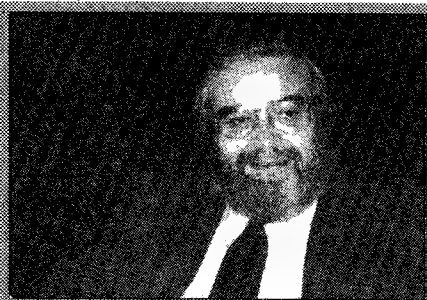


JOÃO CANIJO
**O PAI
DE «FILHA DA MÃE»**

Nuno Bragança

vem aí
um romance
inédito
• pré-publicação
e depoimentos

**Eduardo
Prado Coelho
confessa-se**



Entrevista com João Canijo

Crude derramado ameaça praia de Sines

Dezenas de toneladas de crude foram derramadas no passado sábado, no porto de Sines, em consequência de um erro na operação de bombagem do navio-tanque Ogennitor, de pavilhão grego, tendo sido já recuperadas 20 toneladas, disse esta manhã ao DL o portavoz da Armada, comandante Monteiro Coelho.

Até ao fecho desta edição a Marinha aguardava um relatório aéreo sobre as áreas atingidas.

Este foi o segundo derrame de crude ocorrido naquela região no espaço de um ano. Segundo Monteiro Coelho, «durante o fim-de-semana, o crude derramado espalhou-se, seguindo em direcção a norte e poderá atingir as praias entre Melides e Sines. Hoje de manhã não se registaram indícios de crude nas praias a sul. O derrame é relativamente pequeno comparado com outros ocorridos recente-

mente».

O comandante do navio Ogennitor, que já reconheceu a culpa, disse que o derrame não ultrapassa as cinco toneladas. Porém, Monteiro Coelho, alvitra um número sensivelmente mais elevado.

O derrame foi combatido logo, no interior do porto, com barreiras.

Esta manhã, encontravam-se no local uma corveta da Armada e um aviocar, da base de Sintra, a bordo do qual seguia o engenheiro-chefe de combate à poluição. Estas operações visavam a observação e recolha de amostras de crude a fim de conhecer a dimensão da mancha.

Monteiro Coelho informou ainda que a companhia de seguros do navio já assumiu os prejuízos, cujo valor ainda não está estimado.

Coimbra esfrega as mãos

Alimentem-se as versões sobre as diferentes formas de «corrupção» que estão na origem da polémica da Queima das Fitas, custe mais caro a capa e a batina, inventem-se as histórias sobre racismo e sida que quiserem -- Coimbra esfrega as mãos e continua igual a si própria, não fossem os estudantes, a «alma» na cidade, comemorar o 700º aniversário da sua Universidade.

Choveu torrencialmente ao fim da tarde de ontem e, por momentos, chegou a pensar-se que os deuses iam estragar

uma festa, começada na passada sexta-feira e que hoje tem o seu dia maior com a queima das fitas e o cortejo dos quartanistas.

Nem os diversos acontecimentos que envolveram a organização das festas, nem uma certa indiferença com que o cidadão comum olha para a paródias dos universitários tiram mérito à festa que Coimbra vive esta tarde. Tanto quanto as cores e os símbolos, a Academia não esconde, felizmente, os seus diferentes pontos de vista sobre o significado de todo o

programa da Queima das Fitas. Praxe ou não praxe, é um assunto que nos parece transcender o âmbito estudantil, para ser eventualmente aproveitado por diferentes opções políticas.

Mas em Coimbra, esta manhã, toda a gente -- falamos, evidentemente, dos estudantes -- curava a ressaca das noites anteriores para conseguir, ao princípio da tarde, pôr pelo menos o «grelo» no penico, usando a linguagem que se quer resuscitar.

Pereira de Almeida

QUOTIDIANO

Quando o salmão se tornou uma raridade piscícola em Portugal, eis que uns noruegueses instalaram viveiros do sumptuário peixe de carne rosada nos arredores da Figueira da Foz e desatam a inundar com ele o mercado

Peixe de fidalgos criado a granel

Os primeiros salmões criados em viveiro em Portugal, concretamente nas instalações de Palheiros da Tocha, perto da Figueira da Foz, de uma empresa norueguesa de aquacultura, estão a ser comercializados, com destino ao mercado interno.

Trata-se de um lote de dois mil peixes de dois quilos, crescidos desde o ovo e abatidos há uma dezena de dias nos tanques da empresa Intersal, a laborar naquela zona do litoral do Gândara desde finais de 1988. Estripadas e embaladas no vácuo, as apreciadas carcaças, depois de inspeccionadas pela competente Direcção Regional da Agricultura, estão a ser vendidas a 1500 escudos o quilo a cadeias de supermercados e restaurantes portugueses.

Sem se revestir de um carácter propriamente experimental, esta remessa dos valiosos peixes de carne rosada fica muito longe de exprimir o que será a produção regular da Intersal, que, só na primeira fase, aponta para as 400 toneladas por ano, a escoar na maior parte para o estrangeiro, de acordo com um funcionário administrativo da empresa, Alexandre

Cruz. Situado próximo da praia, numa área de pinhal arrendada pela Intersal à Junta de Freguesia de Palheiros da Tocha, o empreendimento, segundo outro responsável, o técnico norueguês Frode Nerland, envolve um investimento que se calcula atinja os noventa mil contos.

Até agora inédita em Portugal, a criação industrial de salmões é, à frente da de trutas e de bacalhaus, a mais florescente das modalidades de aquacultura praticadas na Noruega, país que ocupa uma posição de vanguarda neste campo.

Não obstante a sua distribuição geográfica privilegiar as cercanias do Ártico, não é o frígido clima escandinavo o que melhor convém ao salmo salar, segundo Nerland e outro seu colega, Geir Ulvan. Surpreendentemente, se se tiver em conta que ele, no estado selvagem, se tornou quase inexistente nos nossos rios, mesmo nos poucos onde outrora abundou, é o clima português o mais apropriado ao desenvolvimento do salmão, o qual se processa com tanto maior rapidez quanto a temperatura das águas onde vive se

mantiver próxima dos 15 graus centígrados.

As «condições óptimas» deste ponto de vista proporcionadas pela zona da Figueira da Foz — tal o motivo alegado da localização da Intersal, cujo accionista maioritário é uma empresa naval norueguesa, a Salnur.

E não são só estes noruegueses que assim pensam: outro complexo do mesmo tipo, este de capital finlandês, está já a ser erguido noutro ponto da Gândara, a Praia de Mira.

Quanto à edificação da unidade à beira-mar, obedece à necessidade de se reproduzir nos tanques a diversidade de ambientes em que decorre o ciclo vital do salmão. Na clareira que abriu no pinhal, a empresa norueguesa fez uma série de furos até vinte metros, que lhe proporcionam quer a água doce em que nascem os peixes, quer a salobra dos estuários onde cumprem a segunda etapa do desenvolvimento, quer a água salgada da maturidade, a qual já só abandonam para desovar e morrer perto da nascente do rio de origem.

Presentemente, a Intersal dispõe de oito tanques de água doce, cinco de salobra e seis de salgada, todos cobertos. Parte dos primeiros destinase ao crescimento dos alevins, os peixes recém-nascidos, importados da Noruega já nesse estágio ou mesmo ainda no ovo; outra parte, de maiores dimensões, acolhe os animais desde que, esgotado o saco vitelino, se começam a alimentar. Seguem-se cinco meses em água salobra e, finalmente, outros tantos em água salgada, nuns grandes tanques de 425 metros cúbicos, até atingirem um peso superior aos dois quilogramas, tido pelo mais apropriado para a comercialização. Então, e como agora pela primeira vez aconteceu, são

capturados magicamente em grandes redes, mortos por sectionamento das guelras, estripados e embalados em caixas de vinte quilos.

Sabor Inalterado

O pessoal que assegura todo este processo não é numeroso. Não excede, por ora, quinze homens. Três são noruegueses, técnicos; um inglês, biólogo; e onze portugueses, entre operários e empregados administrativos. No final deste ano, porém, segundo Alexandre Cruz, o grupo de trabalho deverá ser alargado para 40 pessoas.

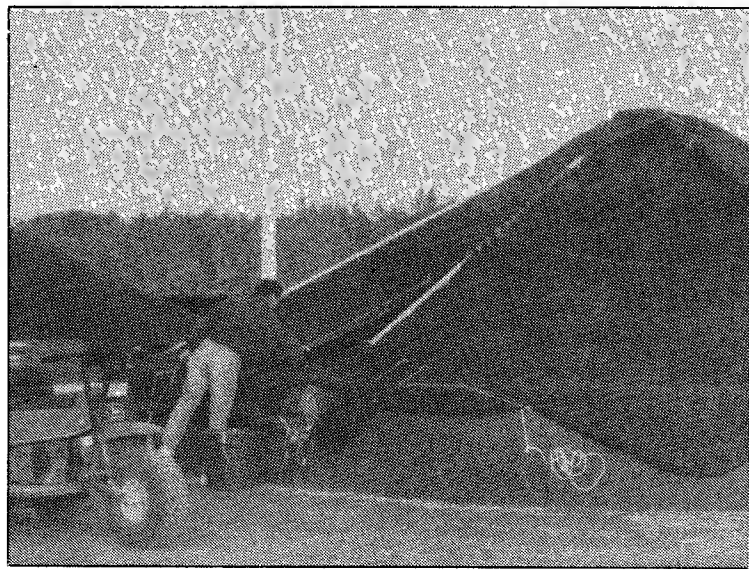
Velar pela adequada oxigenação e a estabilidade térmica dos tanques e pela eficácia dos mecanismos de extracção do ferro da água utilizada e de tratamento da residual, antes do escoamento para o mar, são outras tarefas que competem àqueles homens.

Cabe-lhes ainda, naturalmente, alimentar os salmões. Estes estão contrangidos a uma dieta invariável: farinha de peixe, adquirida a fábricas portuguesas, desfeita ou em grânulos maiores ou menores, consoante as dimensões dos peixes.

De acordo com os responsáveis da Intersal, essa monotonia da nutrição não afecta porém a qualidade nem o sabor da carne dos exemplares.

O projecto prevê uma ampliação das instalações até ao triplo do actual volume de água. Contempla ainda a possibilidade de, daqui a poucos meses, se proceder à reprodução dos peixes, para eliminar o encargo com a importação de ovos ou alevins da Noruega.

De acordo com Geir Ulvan, nem se tratará de uma operação exigente do ponto



A última razão dos salmões a comercializar

de vista técnico, não se distinguindo da que já se pratica em Portugal nos viveiros de trutas (peixe que também integra a família dos salmónidas).

Reduz-se à acumulação, em recipientes apropriados de ovos e sémen, extraídos por pressão manual dos tratadores a exemplares que se consentiu atingissem a plenitude sexual.

Na natureza, só cerca de cinco por cento dos ovos de salmão resultam animais suficientemente longevos para procriarem. Nas condições criadas à espécie no cativeiro da Tocha, a mortalidade é reduzida para 25 por cento, com o grosso da incidência no início do cresci-

mento.

Traduz-se isto numa produção, só na primeira fase, que agora arrancou, de 400 toneladas por ano. O preço, esse, é por ora de 1500 escudos, como já se disse. O destino do produto: a generalidade da Europa, sem subalternização de Portugal. Mas não decorrem daí grandes razões para se acreditar numa democratização, entre nós, do consumo deste peixe tradicionalmente para elites.

«Daqui até à mesa» — calcula um dos nórdicos responsáveis da Intersal — «o preço há-de aumentar umas dez vezes...»

Fernando Brederode Santos

Conquistar a América pelo estômago

Ameijoas na cataplana à moda do Algarve? Ora essa, porquê? Se as cataplanas (aqueles dois pratos côncavos, que, unidos por um eixo, giram sobre si mesmos) são um produto do centro do país, mais concretamente de Oliveira de Azeméis, embora se vendam pelo extremo sul como artesanato de Loulé... Em princípio deverão ser em cobre martelado, mas já se vulgarizaram as fabricadas em latão e até mesmo em alumínio...

Augusto Silva, um emigrante português a trabalhar em hotelaria nos Estados Unidos, descobriu tudo isto da boca de um escritor norte-americano que fizera uma viagem a Portugal e ficara rendido à glória culinária da «dupla-concha». De momento, está a lançar uma cadeia de restaurantes portugueses nos Estados Unidos, privilegiando a cozinha de cataplana, embora se interesse por, paralelamente, promover actividades literárias, artísticas e folclóricas nacionais.

«Mestre» Augusto Silva quer conquistar os norte-americanos pelo estômago, tendo criado já doze pratos, que vão do marisco à carne, com relevo para o peixe. Todos eles, acrescente-se, com ligeiras adaptações ao gosto típico dos Estados Unidos. As decorações dos seus restaurantes serão baseadas na época dos Descobrimentos, com azulejos representando os grandes navegadores portugueses.

Coruche valoriza cozinha tradicional

O restaurante «O Farnel», de Coruche, foi o vencedor das II Jornadas Gastronómicas deste concelho, num concurso que decorreu no fim de semana e envolveu outros oito estabelecimentos congéneres.

A decisão do júri, que era constituído pelo etnólogo Armando Fernandes, o cronista gastronómico Luís Chandelier Duarte, Manuel Fialho, coproprietário do afamado Restaurante «Fialho», de Évora, a pedagoga Maria Isabel Pereira, e o vereador Dionísio Simão Mendes e José Labaredas, ambos do pelouro de Cultura da Câmara

Municipal de Coruche, foi anunciada ontem ao fim da tarde.

Promovida pela Associação para o Estudo e Defesa do Património Natural e Cultural do Concelho de Coruche, Câmara local e Região de Turismo do Ribatejo, a iniciativa visava divulgar a culinária tradicional daquela zona ribeirinha do Sorraia, como forma de a preservar na sua genuinidade.

Na acta da sua reunião, o júri das jornadas congratulou-se pela «seriedade» com que elas terão sido organizadas e afirma a esperança de

que frutifiquem como exemplo para todos os concelhos da Região de Turismo do Ribatejo.

É também sugerida «às entidades organizadoras a publicação de todas as receitas executadas nas jornadas, para que se guarde memória do património gastronómico local».

Outra deliberação diz respeito ao figurino do concurso, que se pretende seja alterado, por se entender menos adequado o que vigorou em 1989 e 1990, com o júri a testar a qualidade dos pratos restaurante após restaurante, em reduzido lapso de tempo.

B R E V E S

Docentes contratados reúnem-se em plenário

Os professores do 1º Ciclo do Ensino Básico e educadores de infância vão reunir-se amanhã para discutir a situação dos docentes contratados no âmbito do estatuto de carreira recentemente aprovado. Face aos concursos que se avizinham, os professores adiados ou a prazo exigem a adopção de «medidas mais justas» capazes de dignificar este grupo profissional — segundo um comunicado emitido pelo Sindicato dos professores da grande Lisboa

Jovens recorrem à alfabetização

Portugal detém actualmente a maior taxa de analfabetismo da Europa (cerca de 13 por cento) e tem cada vez mais jovens a frequentar cursos de alfabetização em consequência do elevado insucesso escolar, afirmou um dos membros da Direcção-Geral de Extensão Educativa (DGEE). Isabel Oliveira fez esta declaração numa sessão do congresso «Alfabetização, que futuro?» a decorrer até sexta-feira, em Lisboa. Segundo a responsável da divisão das relações exteriores da DGEE, este organismo e todos os educadores vocacionados para a área sentiram a necessidade de reformular os programas das aulas devido à grande afluência de jovens aos cursos de alfabetização.

Ministro e empresários debatem Conselho Económico

Valente de Oliveira, ministro do Planeamento e Administração do Território, esteve ontem reunido com dirigentes do Conselho Nacional dos Empresários Portugueses (CNEP), a fim de discutir a composição do novo Conselho Económico e Social (CES). A proposta do CNEP, que representa uma solução próxima da formulada pelas duas centrais sindicais (CGTP e UGT) contempla a composição quadripartida do Conselho Económico e a criação de quatro comissões especializadas.

Campanha antitabágica mobiliza juventude

Os malefícios fazem-se sentir antes do próprio nascimento da criança, caso a mãe fume durante a gravidez

O III Dia Mundial Sem Tabaco será comemorado no dia 31, tendo a OMS (Organização Mundial de Saúde) escolhido para este ano o lema «Uma infância e uma juventude sem tabaco». Em Portugal, o Movimento Tabaco ou Saúde, o Instituto da Juventude, o Programa Europeu contra o Cancro e o Conselho de Prevenção do Tabagismo preparam uma ampla jornada de sensibilização, pretendendo que aquela data não seja «somente um dia no qual pedimos aos fumadores que o não sejam durante 24 horas, mas sobretudo um dia de mobilização».

Na mensagem que vai ser distribuída naquela data, Hiroshi Nakajima, director-geral da OMS, assinala: «Como o tema deste ano me toca particularmente, gostaria de acrescentar que, no caso de crianças pequenas e adolescentes, é preciso não só

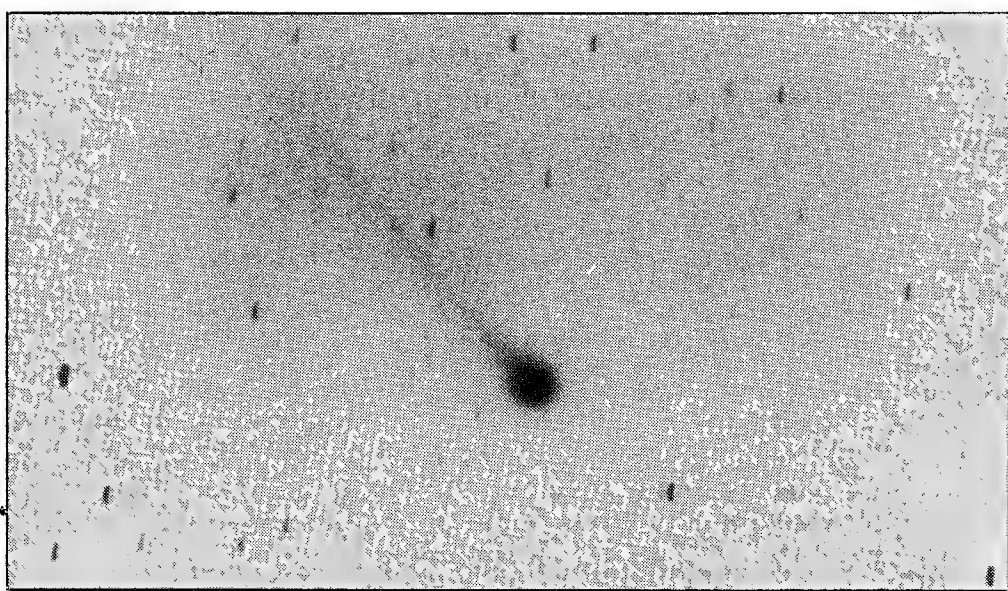
propor a escolha «tabaco ou saúde», mas ainda, orientar essa escolha. «Crescer sem tabaco» deve tornar-se num direito de cada criança no mundo».

De facto, as estatísticas demonstram que os efeitos nefastos do tabaco na gravidez vão desde a insuficiência de peso à nascença, ao aumento de abortos espontâneos, aos nados-mortos e às mortes dos recém-nascidos. Outros efeitos, a longo prazo sobre a criança, são atrasos físicos e intelectuais. Um estudo efectuado nos Estados Unidos demonstrou que se todas as mulheres grávidas deixassem de fumar a mortalidade infantil diminuiria em cerca de 10 por cento.

Acresce ainda o problema económico: estimou-se que no Bangladesh o consumo de 5 cigarros por dia numa casa representava um défice

mensal de 8 000 calorias, o que equivale mais ou menos a um quarto de esforço mensal em energia necessária à sobrevivência de uma criança de 12 quilos, o que significa também que, naquele país, em cada ano, as perspectivas de sobrevivência de cerca de 18 000 mil crianças diminuiu para metade.

Os organizadores das comemorações nacionais lançaram um apelo a iniciativas locais, solicitando o apoio e a colaboração das autarquias, centros regionais de informação juvenil, centros de saúde, escolas, colectividades e da Imprensa, sugerindo a realização de exposições, gincanas de saúde com base em jogos tradicionais, dramatização ou teatro de marionetas alusivas ao tema, corridas e provas desportivas, largadas de balões com mensagens sobre o tabaco e a saúde dos jovens.



Cada vez mais próximo O cometa Austin, depois de ter dado a volta ao Sol, avizinha-se agora da Terra, da qual se aproximará um mínimo de 36 milhões de quilómetros no dia 26. Continua, contudo, numa posição muito baixa, normalmente imerso em neblina, de qualquer maneira com uma cauda que atinge pelo menos 1,3 milhões de quilómetros. A medida que se afasta do Sol, está a perder parte do seu brilho inicial, mas a maior proximidade do nosso planeta torná-lo-á, por outro lado, mais visível. (foto Ilídio Duque Simões, com equipamento desenvolvido por aquele observador para o Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra)

Associação de Pessoal de Saúde contesta Machado Macedo

A Associação do Pessoal Administrativo da Saúde (APAS) refutou, através de um comunicado, algumas afirmações que afirma terem sido proferidas pelo bastonário da Ordem dos Médicos, Machado Macedo, durante um simpósio sobre Sida que decorreu recentemente em Coimbra.

Segundo a referida Associação, Machado Macedo afirmou que «ultimamente têm surgido algumas fugas de informação dos hospitais e uma das causas prende-se com a informatização dos arquivos hospitalares, permitindo ao pessoal administrativo conhecer a doença de determinados pacientes».

A APAS «rejeita em absoluto tais afirmações» e diz que «o tratamento do arquivo dos processos clínicos sempre foi da responsabilidade do pessoal administrativo e tal atribuição nunca foi posta em causa pela classe médica».

Entre outras considerações, a Associação do Pessoal Administrativo da Saúde salienta que «caso o dever de sigilo profissional não seja cumprido terá de ser aplicada a punição por lei, como consta das atribuições dos funcionários públicos em geral e dos das instituições hospitalares em particular».

Dívidas à Segurança Social ultrapassam 200 milhões

Recolha e gestão de verbas descontenta sindicatos

«O actual Governo recolhe menos, distribui pouco e os mais necessitados são os mais prejudicados», acusou esta manhã, em conferência de Imprensa, a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública (FNSFP), estrutura da CGTP, referindo-se à Segurança Social portuguesa, cujo dia se comemora hoje.

A acusação é baseada no facto de, segundo os dirigentes sindicais, «todos os anos há milhões de contos que não são recolhidos porque o Governo não obriga os patrões a pagar as dívidas à Segurança Social». O valor global desta dívida é, hoje, superior a «200 milhões de contos» — acrescentam.

A Federação alega ainda a existência de «irregularidades legislativas praticadas pelos Centros de Segurança Social, com a conivência da Secretaria de Estado da Segurança Social». É apontado como exemplo o «desvio de verbas» da Segurança Social para a formação profissional, incentivos ao emprego e despesas administrativas, acções que «nada têm a ver com os direitos dos beneficiários e utentes».

Por outro lado, o Execu-

tivo é acusado de não transferir do Orçamento do Estado «as verbas gastas com a acção social e com a protecção social de quem nunca contribuiu». A estrutura sindical acrescenta ainda que o Governo «deixa que os patrões descontem uma importância aos trabalhadores e paguem outra, inferior».

«Todo este dinheiro não recolhido de 1974 até hoje representa um valor igual a duas vezes o actual orçamento anual da Segurança Social e daria para que todos os subsídios e direitos fossem aumentados em 200 por cento», afirma a Federação da Função Pública.

Demonstração e greve

Perante esta situação, o Dia da Segurança Social, que hoje se comemora, é assinalado pelos trabalhadores do sector com várias acções de luta, entre as quais se destaca a realização de um cordão humano, às 15 horas, na Praça de Londres, deslocando-se depois para a Secretaria de Estado do Orçamento, junto à estação dos barcos para o Barreiro, na Praça do Comércio.

Uma greve de 24 horas dos ajudantes de creche, vigilan-

tes e outros trabalhadores com funções educativas e pedagógicas ou que prestam serviço em estabelecimentos oficiais da Secretaria de Estado da Segurança Social e a distribuição de 100 mil comunicados à população são as restantes iniciativas de protesto que hoje se realizam.

A paralisação deve-se ao facto de o Governo manter bloqueadas as soluções necessárias para a revalorização das carreiras, redução do horário de trabalho e reconhecimento das habilitações profissionais adquiridas.

Aqueles trabalhadores lutam contra as deficiências de funcionamento dos serviços que, segundo afirma a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, entidade convocadora da jornada de protesto, «caracterizam a política anti-social do Governo e a forma como este penaliza e leza os trabalhadores e as famílias mais desprotegidas».

Esta é a segunda vez, em 1990, que os profissionais da Segurança Social recorrem à greve e a outras acções de luta com o objectivo de «sensibilizar os responsáveis para resolverem problemas cujas soluções são reivindicadas há mais de cinco anos».

GRAVURA AMADORA

II BIENAL DE GRAVURA '90

Após a realização da I Bienal de Gravura da Amadora e do seu indiscutível êxito, a Câmara Municipal da Amadora lança a segunda edição desta iniciativa.

A I Bienal teve como premissa homenagear os pioneiros da Gravura Contemporânea Portuguesa e de forma especial a obra de João Hogan.

Ao dar continuidade a esta realização que agora se apresenta, procura-se o caminho da internacionalização.

É com agrado que em paralelo à exposição nacional se prevê uma representação da Jovem Gravura Brasileira. Por outro lado, e no mesmo sentido de divulgação da Gravura Portuguesa e da projecção da Bienal da Amadora, se desenvolvem esforços no intuito de que a II Bienal de Gravura da Amadora possa ser apresentada em S. Paulo e noutras cidades brasileiras durante o ano de 1991.

REGULAMENTO

1. Podem concorrer todos os gravadores portugueses, residentes ou não em Portugal, e os estrangeiros residentes.

1.1. Os membros da organização e dos júris não podem concorrer a prémios.

1.2. Cada gravador pode concorrer com o máximo de 3 trabalhos, executados nos 2 últimos anos e devidamente identificados, com os impressos próprios, no verso da obra e, no verso da moldura, a fim de facilitar o envio da exposição para o Brasil.

2. As obras apresentadas podem ser em todas as técnicas de gravura, como seja xilogravura, gravura em metal, litografia e serigrafia, podendo ainda ser utilizadas técnicas mistas.

3. Os artistas concorrentes devem entregar, ou enviar as obras a concurso, devidamente emolduradas, até dia 29 de Junho, nos seguintes locais:

3.1. Câmara Municipal da Amadora — Departamento de Educação e Cultura;

3.2. Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa;

3.3. Cooperativa Árvore, no Porto.

4. Os artistas concorrentes devem entregar com as obras o boletim de inscrição; curriculum (no máximo 1 folha A4 dactilografada); e uma reprodução fotográfica de um dos trabalhos (em papel preto e branco nos formatos 9 x 12 ou 13 x 18), em condições de ser reproduzido. A inscrição na Bienal só é aceite com o cumprimento integral desta alínea.

4.1. Os boletins de inscrição, bem como o regulamento da II Bienal de Gravura, poderão ser levantados, ou solicitados, à Câmara Municipal da Amadora (D.E.C.), à S.N.B.A. e à Cooperativa Árvore.

(...)

6. Os prémios a atribuir são:

6.1. Prémio de Gravura «Câmara Municipal da Amadora», no valor de 400 contos.

6.2. Prémios de edição, num total de 3, com o valor de 150 contos cada.

NOTA:

• Para o «Prémio de Edição» os artistas deverão apresentar trabalhos inéditos com um prova «BOM A TIRAR».

• A edição de cada gravura será de 100 exemplares + 10 provas de artista.

7. Da decisão do júri não haverá recurso e as obras premiadas ficarão pertença do património da Câmara Municipal da Amadora.

8. O júri reunirá dia 6 de Julho no Edifício Municipal.

9. A exposição dos trabalhos decorrerá de 8 de Setembro a 14 de Outubro.

(...)

Outras informações:

CMA/DEC — Tel. 494 01 88 ou 494 12 93



CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

QUOTIDIANO

Cruz Vermelha assinala trajecto de 126 anos

A Cruz Vermelha Internacional comemora hoje 126 anos de vida e é descendente de um comité internacional de socorro aos feridos de guerra, constituído, em Genebra, em 1863, para dar corpo à ideia de Henry Dunant. Oficializada um ano mais tarde, o projecto de Henry Dunant que reuniu no primeiro ano de existência doze estados europeus, conta actualmente com 133 instituições espalhadas pelo mundo e engloba um grupo superior a 230 milhões de membros.

A assinalar este aniversário, a Cruz Vermelha Portuguesa promove, nas suas instalações, uma sessão solene a que preside o contra-almirante médico Gonzaga Ribeiro, responsável pelo núcleo português da instituição. Uma palestra proferida pelo presidente da Cruz Vermelha nacional e a atribuição de condecorações a diversas personalidades, individuais ou colectivas que, directa ou indirectamente têm dado o seu apoio à organização, bem como uma exposição documental sobre a actividade da Cruz Vermelha Internacional, são algumas das realizações previstas para a comemoração dos seus 126 anos.

Os princípios da Cruz Vermelha Internacional, adoptados por todos os estados membros, em Viena, em 1965, consagram «a humanidade, a imparcialidade, a neutralidade, a independência, o carácter benévolo, a unidade e a universalidade».

Judeus de Belmonte vão ter cemitério

Uma velha aspiração da comunidade

Belmonte poderá vir a ter um cemitério judeu como ficou mais ou menos decidido durante recente visita àquela vila da Beira Interior, pela embaixadora de Israel em Portugal, Colette Avital.

A comunidade judaica de Belmonte resistiu a todas perseguições e conseguiu manter através dos tempos a maioria das suas tradições religiosas, embora por forma mais ou menos críptica e acompanhada, por vezes, de alterações introduzidas pela convivência constante com o catolicismo e a conveniência de evitar o ostracismo ou mais perigosas situações.

Durante a visita da embaixadora foi sugerida a construção de um cemitério judaico na vila, um antigo anseio da população, e a geminação com uma cidade israelita, com o que o município local parece ter concordado.

A televisão de Israel transmitiu, dias mais tarde, uma reportagem sobre Belmonte

e a comunidade judaica local.

Ainda recentemente aquela comunidade celebrou a sua Páscoa, o *Pessah*, com cerimónias privativas que duraram uma semana.

Entre as tradições consta o fabrico dos *matzoth*, pães achatados sem qualquer fermento, a visita aos campos para colher ramos de espinheiro florido e o *cortar das águas no Zêzere*, para se transportam os fogareiros onde se fabricam aqueles pães, cerimónias que, todas elas, decorrem durante a noite.

Depois, as famílias vestem-se de branco e reúnem-se descalças para darem graças a Adonai.

O pão assim produzido será, mais tarde, levado para casa de cada um e consumido durante toda a semana.

Um deles, porém, ficará guardado para sempre, juntando-se aos dos anos anteriores que não poderão nunca ser comidos ou destruídos.

Lotaria Popular

1º - 256461	3 000 000\$00
2º - 095028	750 000\$00
3º - 278111	500 000\$00
4º - 306746	250 000\$00
Terminações em 6461	85 000\$00
Terminações em 461	60 000\$00
Terminações em 028	15 000\$00
Terminações em 111	4 000\$00
Terminações em 746	1 500\$00
Terminações em 08,15,27,65,98 e 99	500\$00

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP.

INFORMAÇÃO

ALTERAÇÃO DO SERVIÇO FERROVIÁRIO NO PERÍODO DAS 05.00 HORAS DO DIA 90.04.26 E AS 24.00 HORAS DE 90.05.10, RESULTANTE DOS PRÉ-AVISOS DE GREVE DO SINDICATO NACIONAL DOS MAQUINISTAS DOS CAMINHOS DE FERRO

Prevendo-se perturbações que afectarão gravemente a normalidade do serviço ferroviário no período compreendido entre as 05.00 horas do dia 90.04.26 e as 24.00 horas do dia 90.05.10, a C.P. concretizará o seguinte programa de circulações que, no mínimo, abrangerá:

1 — COMBOIOS A REALIZAR NO EIXO LISBOA / PORTO / BRAGA E BRAGA / PORTO / LISBOA

1.1 — Comboios rápidos especiais:

Nos dias 26, 28 e 30 de Abril e 2, 4, 6, 8 e 10 de Maio de 1990 a CP vai realizar, neste percurso os seguintes COMBOIOS RÁPIDOS ESPECIAIS (T 130) com paragens em POMBAL, COIMBRA, AVEIRO e V.N. GAIA e as seguintes horas de partida e chegada:

LISBOA	PORTO	BRAGA
07-20	10-55	—
17-05	20-40	22-00
20-25	24-00	—
BRAGA	PORTO	LISBOA
—	07-20	10-55
15 50	17-15	20-50
—	20-30	00-05

Estes COMBOIOS RÁPIDOS ESPECIAIS realizam o percurso LISBOA-PORTO em 03.35 horas.

O comboio RÁPIDO ESPECIAL com partida de Lisboa às 17.05 horas tem seguimento a BRAGA.

O comboio RÁPIDO ESPECIAL que tem paragem no PORTO às 17.15 horas tem a sua origem em BRAGA às 15.50 horas.

São suspensas todas as circulações ALFA e INTERCIDADES deste eixo nos dias 26, 28 e 30 de Abril e 2, 4, 6, 8 e 10 de Maio de 1990.

Nos dias 27 e 29 de Abril e 1, 3, 5, 7 e 9 de Maio são suprimidas apenas as circulações ALFA 124 e 125 e os INTERCIDADES 520 e 521 (Aveiro/Lisboa e volta).

1.2 — Comboios Inter-Regionais

A CP assegura a realização dos comboios INTER-REGIONAIS 825 e 827 com partidas de LISBOA às 11.55 e 15.25, e também os comboios 824 e 828 com partida do PORTO às 12.00 e 18.45 horas.

1.3 — Comboios Regionais

Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2 — COMBOIOS A REALIZAR NOS RESTANTES EIXOS NOS DIAS 26, 28 E 30 DE ABRIL E 2, 4, 6, 8 E 10 DE MAIO DE 1990:

2.1 — EIXO LISBOA/GUARDA

2.1.1 — São suprimidos os COMBOIOS INTERCIDADES 510 e 511.

2.1.2 — São realizados COMBOIOS INTER-REGIONAIS ESPECIAIS entre LISBOA e GUARDA, com paragens em CELORICO DA BEIRA, MANGUALDE, NELAS, OLIVEIRINHA-CABANAS, SANTA COMBA DÃO, PAMPILHOSA, com partida da Guarda às 07.15 (com destino a Lisboa) e 17.40 (com destino a Coimbra) e de Lisboa às 18.55 e de Coimbra às 10.15 (destinados à Guarda).

2.1.3 — Serviço Regional: Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2.2 — EIXO LISBOA-COVLHÃ

2.2.1 — São suprimidos os comboios Intercidades 540, 541, 542, 543/545.

2.2.2 — São realizados COMBOIOS INTER-REGIONAIS ESPECIAIS entre LISBOA e COVLHÃ, com paragem em ENTRONCAMENTO, ABRANTES, ALFERRAREDE, RÓDÃO, CASTELO BRANCO e FUNDÃO, com partida de LISBOA às 8.30 horas e 19.00 horas e da COVLHÃ às 07.10 e 15.00 horas.

2.2.3 — Serviço Regional: Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2.3 — EIXOS, LISBOA / LEIRIA / FIGUEIRA DA FOZ, PORTO / RÉGUA / TUA E PORTO / VIANA DO CASTELO / VALENÇA

2.3.1 — São suprimidos os comboios INTERCIDADES LISBOA / LEIRIA (500 e 501); PORTO / RÉGUA (560/561) e PORTO / VIANA DO CASTELO (550/551).

2.3.2 — COMBOIOS INTER-REGIONAIS E REGIONAIS

Serão realizados nestes EIXOS as circulações que se revelarem possíveis.

2.4 — EIXO LISBOA-FARO / LAGOS

2.4.1 — São suprimidos os comboios INTERCIDADES LISBOA/FARO 580 e 585 e LISBOA/FARO/LAGOS 582 e 583.

2.4.2 — Serão realizados os COMBOIOS INTER-REGIONAIS ESPECIAIS entre BARREIRO E FARO com paragens em TUNES E ALBUFEIRA e com partida do BARREIRO às 15.00 e 18.50 e de FARO às 07.30 e 14.15 horas.

As ligações de e para LAGOS serão asseguradas por COMBOIOS REGIONAIS.

2.4.3 — Serviço Regional: Serão realizados os comboios que se revelarem possíveis.

2.5 — EIXO LISBOA/ALENTEJO

Serão realizados os comboios INTER-REGIONAIS e REGIONAIS que forem possíveis.

2.6 — EIXOS NÃO EXPRESSAMENTE MENCIONADOS

Serão asseguradas as ligações possíveis.

3 — COMBOIOS A REALIZAR NOS RESTANTES EIXOS, NOS DIAS 27, 29 DE ABRIL E 1, 3, 5, 7 E 9 DE MAIO DE 1990:

3.1 — Não são garantidos nestes dias os INTERCIDADES PORTO/VIANA DO CASTELO (550 e 551) e os INTERNACIONAIS PORTO/VIGO.

3.2 — Serão realizados a maioria dos comboios Inter-Regionais e Regionais, com supressões pontuais.

4 — SERVIÇO INTERNACIONAL

Durante todo o período de 90. Abril. 26 a 90. Maio. 10 todas as ligações Internacionais serão asseguradas, com excepção do PORTO/VIGO.

5 — SERVIÇO SUBURBANO

5.1 — Comboios a realizar nos dias 26, 28 e 30 de Abril e 2, 4, 6, 8 e 10 de Maio de 1990:

5.1.1 — LINHA DE SINTRA

Serão realizados, com algumas supressões pontuais, os comboios com origem e destino em Sintra e Cacém.

O Serviço Ferroviário será complementado por Rodovia, com origem e destino de Amadora, Queluz, Rio de Mouro, Mercês, Algueirão e Sintra.

Todos os comboios têm paragem em Campolide.

5.1.2 — LINHA DE CASCAIS

Prevê-se que seja praticado, com algumas supressões pontuais o horário dos comboios que vigora aos Domingos.

Todos os comboios têm paragem em Santos. A CP desenvolve também a partir das 6.00 horas e até às 24.00 horas, um esquema Rodoviário complementar com origens e destinos em:

CASCAIS
S. PEDRO
PAREDE
CARCAVELOS
OEIRAS
PAÇO DE ARCOS
CAIS DO SODRÉ

5.1.3 — LISBOA/AZAMBUJA

Prevê-se a realização do serviço normal.

5.1.4 — BARREIRO/SETÚBAL/PRAIAS DO SADO

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões, nomeadamente na ponta da manhã.

5.1.5 — VIA FLUVIAL

Lisboa/Terreiro do Paço

Será praticado o serviço normal.

5.1.6 — CACÉM/TORRES VEDRAS

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões, nomeadamente na ponta da manhã.

5.1.7 — PORTO/MARCO, PORTO/GUIMARÃES, PORTO/BRAGA E PORTO/AVEIRO

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

5.1.8 — PORTO/PÓVOA

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, o qual será complementado por Rodovia, com origem e destino em Póvoa de Varzim e Porto-Boavista (Cemitério de Agramonte), entre as 5.00 e as 10.30 horas.

5.1.9 — COIMBRA/FIGUEIRA DA FOZ E COIMBRA/SERPINS

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

5.2 — Nos dias 27 e 29 de Abril e 1, 3, 5, 7 e 9 de Maio serão asseguradas a maioria das circulações, com supressões pontuais.

6 — SOLICITA-SE AOS SENHORES PASSAGEIROS QUE CONTACTEM AS ESTAÇÕES OU SECÇÕES DE INFORMAÇÕES DA CP PARA A OBTENÇÃO DE ESCLARECIMENTOS COMPLEMENTARES SOBRE A EVOLUÇÃO DOS SERVIÇOS A PRESTAR.

Informação Divulgada
pela Divisão Relações Públicas

90 ABRIL 25



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

Os países pobres bombardeados pela propaganda de direita e de esquerda Aldrabice via rádio na América

Via éter, chegam as mentiras das democracias capitalistas e as do falso socialismo real. Os pregadores americanos e Fidel Castro. Spot para aconselhar uma pasta de dentes a quem não tem dinheiro para comprá-la



As vozes que chegam «de fora» armam a cilada. Esperam-nos para atingir com novas maravilhas, revelações fantásticas. Vozes que não querem lembrar a fome e o subdesenvolvimento

Cidade de Guatemala - «Bom dia, prezados ouvintes da América Latina. Em Washington, está a nevar, o céu está cinzento. Sortudos vocês que podem ouvir a Voz da América com as janelas abertas...» Das 7 às 9 da manhã, a rádio da Secretaria de Estado espalha as suas informações do México à Terra do Fogo, com especial atenção para os pequenos países da América Central. «Sortudos...», suspira, mais uma vez, o outro locutor. É uma rapariga, chama-se Fernanda.

Entretanto, os «sortudos» estão a trabalhar (se há trabalho), desde a hora em que os primeiros raios de sol iluminaram os campos. Saem das casas de lata e de papelão, ou enrolam o cobertor no passeio onde tentaram dormir. As vozes que chegam «de fora» armam a cilada. Esperam-nos para os atingir com novas maravilhas, revelações fantásticas. Vozes que omitem as notícias sobre quem desapareceu durante a noite, dentro dos carros militares, vozes que não querem lembrar a fome e o subdesenvolvimento. Em vez disso, falam dos horrores provocados pelas várias guerrilhas. São sempre «marxistas». A definição é contaminante, não interessam os motivos nem a ideologia dos rebeldes.

Dois quilómetros mais abaixo, ouve-se a voz afónica e interminável de Fidel Castro: «O mundo deve saber que esta revolução não está disposta a sucumbir e que o povo está disposto a todos os sacrifícios para defender as suas conquistas.» O último discurso funciona como anúncio publicitário entre o noticiário e um programa de diversão que dá prémios à cooperativa agrícola que tiver a maior colheita de cana-de-açúcar.

Quando o assunto é Panamá, é melhor contar os desastres da invasão dos marinheiros do que as intrigas mafiosas de Noriega. Rádio Havana transmite às mesmas horas que a Voz da América. Dá-se meia volta à manivela e a realidade fica de pernas para o ar.

Realidade de pernas para o ar

As vozes que chegam de fora são muitas: Rádio Moscovo e Rádio Praga são retransmitidas por Cuba, até Setembro, que é quando vai deixar de chegar o petróleo russo. Depois, sabe-se lá. Rádio Martí emite de Miami, mas através do satélite

americano chega até Panamá. São os refugiados cubanos com raiva de Castro. A irmã de Castro lança as acusações mais ferozes. Daqui a duas semanas, um aeróstato servirá de espelho para iluminar com Tele Martí as «zonas oprimidas pelo comunismo e pelo capitalismo». Havana, sobretudo.

O efeito Nicarágua, de resto, é encorajante: basta encher as casas de quem não encontra a pasta de dentes e se põe na fila para comprar alface com spots felizes que aconselham «o álbum especialmente concebido para conter as fotografias do seu gato», e os votos estão ganhos.

O problema destas mensagens contrastantes é a credibilidade. Da esquerda e da direita, chegam notícias fantásticas que a mesma voz, no mesmo noticiário, uma hora depois, esquece, talvez com vergonha. Até se pode imaginar que o imobilismo da América Latina é o efeito da esquizofrenia destas realidades exacerbadas na invenção desta propaganda um pouco antiquada, mas ainda eficaz. O efeito profundo nas pessoas torna-se, pelo contrário, incredulidade. Entre as muitas marginalizações do subdesenvolvimento, há também a confusão que leva ao cepticismo: quem vive oprimido pelos problemas concretos, como consegue orientar-se entre as mentiras das democracias do capitalismo e as mentiras das falsas democracias do socialismo real?

Falo sempre de rádio, porque a televisão são poucos a tê-la, pelo menos na Guatemala e, em geral, na América Central.

A rádio é a onda que chega a quase todas as casas. E foi à rádio que, há 13 anos, foi confiada a tarefa de tranquilizar as terras em ebulição.

O programa inspira-se numa intuição da doutrina Rockefeller. Enquanto surgia a Teologia da Libertação e a Igreja Católica, sob o pontificado de Paulo VI, alinhava claramente pela defesa da dignidade do Homem, Washington programava o desembarque das seitas protestantes. Sobretudo carismáticos e pentecostais, atenuando, assim, o efeito desestabilizante dos púlpitos.

A embriaguês da igreja electrónica

Milhões de dólares ajudam a migração. Potenciam-se antigas emissoras, na

COTAÇÕES



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45\$00	51\$00
ALEMANHA FED. (marco)	87\$55	88\$75
ÁUSTRIA (xelim)	12\$40	12\$60
BÉLGICA (franco)	4\$041	4\$291
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	124\$75	127\$25
(notas de 5 a 1000)	125\$25	127\$75
DINAMARCA (coroa)	23\$40	23\$40
ESPAÑA (peseta)	1\$360	1\$480
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145\$05	148\$55
(notas de 5 a 1000)	145\$55	149\$05
FINLÂNDIA (marka)	36\$85	37\$45
FRANÇA (franco)	26\$05	26\$75
HOLANDA (florim)	77\$85	78\$95
IRLÂNDIA (libra)	235\$85	239\$85
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (iene)	\$878	\$933
NORUEGA (coroa)	22\$45	22\$95
REINO UNIDO (libra)	243\$10	247\$60
SUÉCIA (coroa)	23\$95	24\$45
SUÍÇA (franco)	101\$10	102\$60
VENEZUELA (bolívar)	2\$627	3\$427

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

SEMINÁRIO SOBRE MERCADO ÚNICO E REFORMA DOS FUNDOS ESTRUTURAIS

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Debate público sobre:
PORTUGAL E O MERCADO ÚNICO

HOJE 8 DE MAIO 18 HORAS
HOTEL EMBAIXADOR

Participantes:
José Luís Judas
Rosa Maria Marques
José Barros Moura
Vasco Cal
João Belo Freitas
Carlos Coimbra

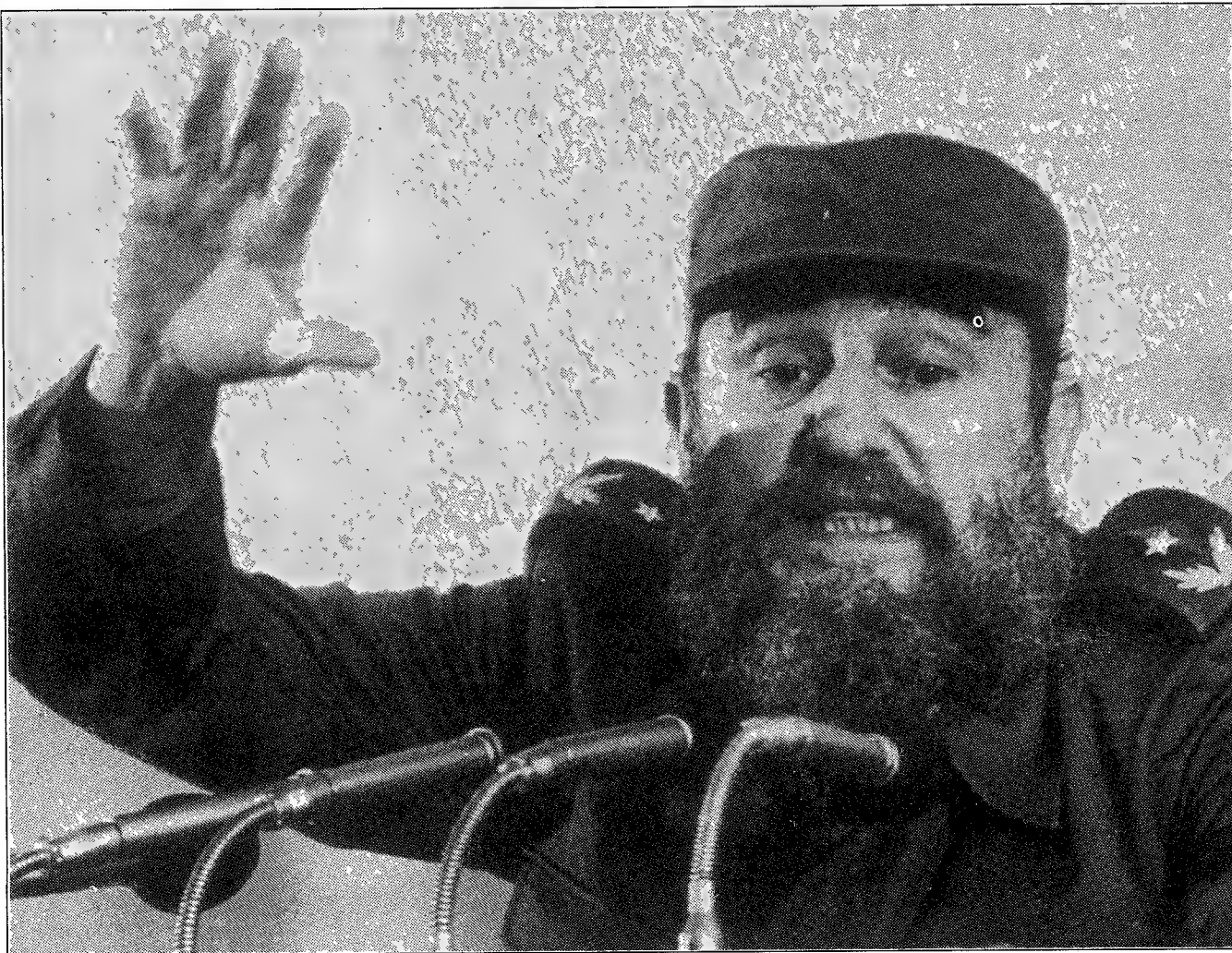
ENTRADA LIVRE

Centro de Formação Profissional da CGTP-IN



de esquerda/3

ca Latina



Dois quilociclos mais abaixo, ouve-se a voz afónica e interminável de Fidel Castro

origem destinadas a não sair do raio das pequenas cidades. Nasce novas emissoras. Começa, para a terceira América, a embriaguez da igreja electrónica.

É uma igreja que a rádio e a televisão submetem ao patriotismo e à resignação. «Devem ultrapassar as dores da terra, das injustiças que os novos teólogos desejariam ver resolvidas neste vale de lágrimas...», repete a voz convincente de Rádio Família, que transmite da Carolina do Sul através das antenas da Cidade do México. De repente, a voz do pregador deixa de ter aquele tom gentil e submisso de padre de aldeia, torna-se um trovão ensurdecedor. Um uivo que dá arrepios. «O Senhor punirá os culpados e premiará quem teve a paciência de esperar o dia do Juízo Universal. Só ele pode fazê-lo. Ai de quem antecipar o seu julgamento...»

A filosofia é a mesma em quase todos os sermões de todas as emissoras de rádio. É preciso isolar a dor no coração de cada um. Não deixá-la ultrapassar a porta. Não transformá-la numa inquietação social. O último recenseamento enumera 1134 emissoras de rádio e 205 de televisão apenas nos Esta-

dos Unidos. Uso externo e interno: servem para manter calmos milhões de clandestinos que se infiltram pela fronteira mexicana; continuam a acalmar quem é esmagado pelos problemas, no Sul do continente. Nem sempre seguem este esquema.

Na igreja electrónica afloram também as vozes do bom-senso: «Sou o irmão Jimmy, hoje é um mau dia para vocês na Guatemala. Seis camponeses foram mortos e não se sabe por quem. Tentemos saber disso com o nosso correspondente...» O correspondente não poupa as palavras: foram os militares. Diz o nome de um capitão. Acrescenta: «Neste país, a chacina continua...» É a rádio da Christian Science Monitor. Jimmy fala de Boston.

Entre bons e maus, a roda de negócios é enorme. Salas para a dobragem, porque as estrelas destes programas falam inglês, tirando alguns (como Jimmy) que falam um castelhano cheio de erros. Venda de publicidade. Venda de objectos sagrados. Inscrições nos clubes de orações. Peregrinações com o pregador preferido. Questionários com direito a prémios. Discos com a se-

lecção dos melhores sermões e hinos em louvor de um Deus guerreiro e piedoso, «inimigo dos homossexuais e de quem usa o *napalm* nas montanhas do Afeganistão».

Uma pirâmide de dólares: os devotos não conseguem sequer imaginar tanto dinheiro nas suas cabanas.

«Homens do Senhor»

O último balanço foi feito há seis anos e refere-se aos sete pregadores mais conhecidos: uma receita de 18 biliões de dólares num ano. O preferido, na América Central, é Jimmy Swaggart do World Ministry Center, uma seita evangélica. Tal como outros seus colegas, Jimmy deve o seu lançamento ao Presidente Carter. Sendo pastor baptista, Carter sonhava ingenuamente uma América Latina pacificada pelos bons sentimentos.

Mas quando as corporações da igreja electrónica percebem que os programas de Carter são limitados, enquanto aqueles do seu rival Reagan têm como objectivo a conquista económica e o controlo político do subcontinente, Swaggart declara-se «apóstolo da direita religiosa».

Apoia Reagan antes e de-

pois da eleição. Recolhe dinheiro para financiar a guerrilha anti-sandinista dos «contras».

Ele é apenas um dos muitos que faz isso. Agora, dobram-se em castelhano os sermões do brasileiro Nelson do Amaral Fasini que respira no Rio de Janeiro a atmosfera empresarial da TV Globo. Os ex-presidentes do Brasil e os candidatos às últimas eleições dirigiram-se ao seu canal para pedir «um favor»: serem indicados como «homens do Senhor».

Nesse canal de televisão alguns telefonemas anunciam «um milagre». Na versão da América Central os telefonemas mudaram de endereço: partem do Salvador ou das Honduras, em vez de partirem de São Paulo ou da Amazônia.

«Bom dia, amigos, estão a ouvir a voz do Senhor...» A voz do Senhor, a voz da América, a voz de Havana, a voz de Moscovo: o carnaval da aldrabice continua. E as pessoas, às vezes, sonham, mas ficam como estão.

Maurizio Chierici
«Corriere della Sera»/
«DL»

Trad: Alessandra
Balsamo

DECRETOS E LEIS

Encontram-se já à venda:

- DETERMINAÇÃO DA MATÉRIA COLECTÁVEL DO IRC — 3.ª edição
Henrique Quintino Ferreira
 - ELEMENTOS DE CONTABILIDADE GERAL — 9.ª edição
António Borges, Azevedo Rodrigues e Rogério Rodrigues
 - O NOVO POC COMENTADO — 2.ª edição
António Borges e Martins Ferrão
 - ESTATUTO DOS BENEFÍCIOS FISCAIS — NOTAS EXPLICATIVAS — 2.ª edição
Maria Teresa Barbot Veiga Faria
 - CÓDIGO DO IRS — ANOTADO E COMENTADO
Herculano Curvelo, Ramos Costa, Vasco Guimarães e Gaspar Encarnação
 - POC EXPLICADO — 20.ª edição
José Bento e João Fernandes Machado
- Além destes títulos temos todos os livros sobre IMPOSTOS E DIREITO de todos os autores e de todos os editores.

REI DOS LIVROS

Rua dos Fanqueiros, 77/79, 1100 Lisboa
Telef. 879755 e 879188

PLÁTANO EDITORA; SA, Pessoa Colectiva n.º 500219745 matriculada na Conservatória do Registo Comercial com o n.º 44545, capital social: Esc.: 70 000 000\$00.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

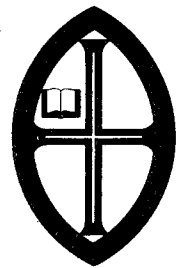
CONVOCAÇÃO

Convoco a Assembleia Geral da «PLÁTANO EDITORA; SA», para reunir em sessão extraordinária, nos seus escritórios em Lisboa, na Avenida de Berna, n.º 31-2.º Esq., no próximo dia 8 de Junho, pelas 19 horas, com a seguinte ordem de trabalho:

— Ponto único: Discutir e deliberar sobre a emissão de Obrigações pela Sociedade.

Lisboa, 7 de Maio de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Pedro José Martins da Silva



SELECÇÃO DE PESSOAL

Avisam-se os interessados que foi para publicação no «Diário da República» um Edital para recrutamento de um técnico estagiário de laboratório de construção civil para a Escola Superior de Tecnologia de Tomar.

O estágio tem carácter probatório e será feito em regime de contrato administrativo de provimento, sendo o estagiário remunerado pelo índice 195 da tabela geral da função pública. É condição essencial para a candidatura ser titular de um curso superior em construção civil que não confira grau de licenciatura.

A COMISSÃO INSTALADORA

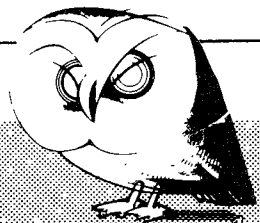
CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

CULTURA



olhar de mocho

A cruz das privatizações

Quando os economistas, como ontem, no já clássico «Acerto de Contas» do 2, pretendem ser extremamente elitistas, falando só de números e de milhões, e deixando que um membro do Governo de Cavaco Silva venha a público dizer «quaisqueres», (plural de «qualquer»), e quando os economistas procuram de tal modo navegar pelas águas dos cifrões de modo a evitar os rochedos da política, então, eles, economistas, acabam crucificados na sua própria ciência. Temos bancos, cervejeiras, cimenteiras, e o programa público e já anunciado consiste em privatizar. Ora ignorou-se totalmente o problema político inerente ao programa e tal modo essa ignorância foi patente, que o membro do Governo entrevistado até se deu ao luxo de deitar areia nos olhos, afirmando que o Estado se pretende «libertar do ónus» das empresas públicas.

Politicamente este processo das privatizações cheira muito à conhecida ronha salazarista: quanto mais se fala, menor é a intenção de alterar seja o que for. Os economistas conhecem bem a célebre «mão invisível» e dá a impressão de que o Governo pretende, neste capítulo, uma espécie de quadratura do círculo: ser a «mão invisível» que comanda a economia, dizendo que privatiza e não privatizando, e não ser essa mesma mão, sem contudo deixar de ter a mão em tudo.

Quase se sentem saudades do Vasco Gonçalves: ao menos ele resolveu tudo numa só noite. Teria estilhaçado muita loiça, mas foi photomaton e polaroid: deu a cara aos fotógrafos. Ora agora que os instrumentos legais são todos de feição, não se entende lá muito bem porque é que não se desfaz também numa só noite o nó cego do tal 11 de Março.

Quando na praça pública das conversas de café se discute o atraso nacional, não passam cinco minutos sem que o argumento venha à tona de água - «o gonçalvismo destruiu o País». E também não vale a pena aduzir agora os argumentos dos compêndios de economia, segundo os quais as privatizações geram monopólios e tubarões que rapidamente devoraram a raia miúda. Se de facto o capitalismo derrotou o socialismo, os argumentos socialistas também perderam o prazo de validade. Por isso, o que está em jogo é saber se a receita salvadora do País será mesmo a marmelada feita de laranja.

E aqui, por mais que os economistas pretendam, não podem evitar a cruz da política: será lícito brincar às privatizações? Fazê-las aos bochechos, ir adiando, adiando (ontem falou-se em sete anos!) para que tudo fique na mesma? Se o capitalismo ganhou, que leve a taça - entregue as cervejas aos cervejeiros, a banca aos banqueiros profissionais, os cimentos aos patos-bravos e que lhes vá lá a eles cobrar impostos para pôr a funcionar decentemente os comboios e os serviços municipalizados de fornecimento de água e esgotos. O que não é bonito é enforçar o gonçalvismo e continuar a gozar a herança gonçalvista.



José Sousa Monteiro

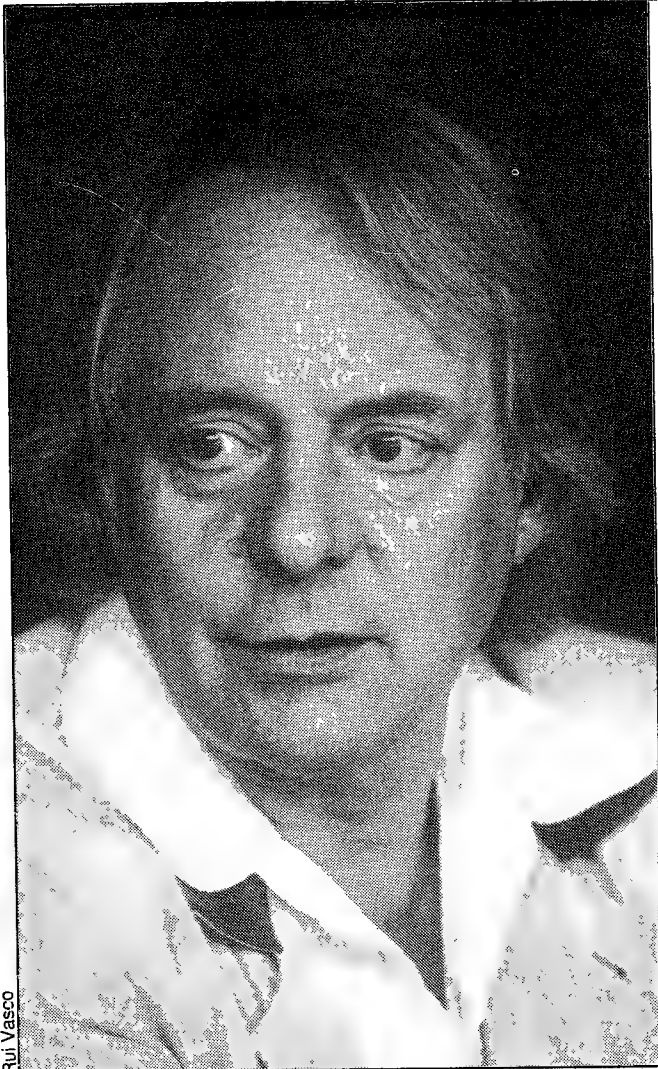
Mais dois concertos de Stockhausen

O génio compartilhado

Depois do concerto de sexta-feira passada, quisemos francamente renunciar a mais crónicas sobre os espectáculos Stockhausen. Ao cume atingido na noite anterior, seguia-se uma sórdida e cafrializante sessão de circo intelectual cujo único objectivo foi provavelmente fazer espernear com insultos a crítica. Referimo-nos naturalmente à «Dança das Asas do Nariz», de 1988, para percussão e sintetizador, que concluiu a primeira parte do programa. Bengaleiros, palhaços rotativos, gaiolas de pássaros e cataventos escatológicos eram alguns dos adereços em cena, que ao som de ultra-decibélicas ressonâncias sugeriam os sobreviventes de um espectáculo de folclore cultural dos anos 70, com interesse museológico para estudo da filosofia estética «pour épater le bourgeois».

O que esse concerto podia ter de mais interessante era uma observação das reacções do público que se tem deslocado à Gulbenkian. Intimidado pelo endeusamento maciço e por vezes acéfalo com que a Comunicação Social tem envolvido esta vinda de Karlheinz Stockhausen a Lisboa, o público calca dentro de si o que possa existir de reacção íntima e espontânea a uma obra de arte, e opta por rastejar num contínuo «Amen». Perante o óptimo e o péssimo, o genial e o cabotino, aplaude com comedido entusiasmo; por vezes arrisca um «bravo»; jamais ousa mostrar que não gostou, ou sequer que gostou menos. O terror de protagonizar um público como o que vaiou selvaticamente a «Sagração da Primavera» em 1913 embotou qualquer capacidade de julgar ou de tomar uma posição perante novas criações artísticas. É mais cómodo pensar que um génio só pode escrever obras geniais.

O resultado é chocante perante uma monstruosidade como a «Dança do Nariz», e redutor para uma obra de real significado como o «Canto dos Adolescentes», um clássico da música do século XX anunciador das obras-primas que o século XXI nos oferecerá certamente em música electro-acústica. Pôde esta peça ser ouvida na sua verdadeira dimensão (com cinco altifalantes em torno do auditório), mostrando que em 1956 Stockhausen já possuía uma perícia e imaginação na manipulação da espacialidade e dos sons concretos e electrónicos - e a largueza de vistas necessária para unir esses dois mundos que até aí se haviam guerreado - que não fica aquém de «Sirius», escrito vinte anos depois. A



Rui Vasco

re-execução de «Aries», longo «excerto de «Sirius» para trompete e banda magnética, permitiu a comparação, mas afigurou-se-nos desnecessária depois dos três espectáculos que iniciaram estes Encontros Gulbenkian.

Das restantes obras em programa salientamos «O Pequeno Arlequim», para clarinetista dançante, que nos mostrou a que ponto não nos identificamos com um certo sentido de humor germânico de uma infantilidade frustrada, e a falta de graciosidade dos passos (ninguém pode saber fazer tudo ao mesmo tempo) levar-nos-ia a optar por uma versão da obra para clarinete e um bailarino.

O néctar dos deuses

Viremos uma página. Com o concerto do dia seguinte, sábado, a metamorfose foi total. Depois de se divertir a deitar chumbo numa chaga, Stockhausen compraz-se em insuflar-nos o néctar dos deuses. No Grande Auditório, presenciámos um dos mais belos concertos de sempre. Na primeira das danças pertencentes à «Dança de Lúcifer», da ópera «Sábado de Luz», a fusão do sintetizador com os instrumentos acústicos é finalmente bem conseguida, rejeitando os timbres psicadélicos em favor de uma perfeita complementaridade com os outros instrumentos.

Há uma escrita franca,

directa, quente; não receia as notas-pivot, os acordes facilmente apreensíveis. As sistemáticas terceiras maiores e sextas menores entre o eufónio e o sintetizador são expressivas sem serem banais (e o desprezo com que Stockhausen hoje rejeita Messiaen cai por terra na prática, para bem da música).

Encontramos de novo a fórmula ideal para a encenação de uma obra musical: um bailarino executa com superior requinte e beleza aquilo que os instrumentistas não estão vocacionados para fazer, e Jean-Christian Chalon actuou de forma fascinante (a figura negra ao fundo do palco que apanha as fitas do chão é supérflua). O flautim é imensamente expressivo: Kathinka Pasveer faria Rimsky-Korsakov perceber que se enganou ao conferir a esse instrumento o carimbo exclusivo de «colorístico». A impressão geral que a obra produz é a de uma cálida expressividade, uma descomplexada empatia com o público.

A segunda dança, para trompete-piccolo a solo, é um tanto insignificante. Esse instrumento sozinho dificilmente nos poderia prender a atenção durante 11 minutos, sobretudo com uma tão grande inflação de silêncios e com um discurso que frequentemente nos permite adivinhar cada frase que se segue. Mas com a última obra

da primeira parte do programa, «Ave», para «cor-de-basset» e flauta em sol, tivemos por ironia (recordamos da sua equivalente no concerto anterior) a Obra destas jornadas Stockhausen.

Nem o mau gosto dos figurinos (superlativamente hediondos - Saint-Laurent nos valha!) conseguiu ofuscar a genialidade da música. Talvez nunca se tenham utilizado as técnicas contemporâneas dos instrumentos tradicionais de uma forma tão amadurecida. Um compositor contemporâneo encontra finalmente o equivalente à naturalidade com que até ao nosso século se escreveu música de câmara. Composta de Janeiro a Março de 1985, «Ave» tem a expressividade como objectivo primordial (mesmo que o próprio compositor o negue), e tudo o que transmite é profundamente humano.

Stockhausen domina a escrita para os instrumentos como talvez nenhum outro homem no planeta. Sabe exactamente o que é preciso fazer, até onde pode ir. A variedade consegue ser alucinante: ao longo de cerca de meia-hora de música, não há um ponto morto. A encenação/cenografia é quase desnecessária (que aliás não é correspondida pela amplificação, esta estática). Perante a sublimidade do que se ouve, o que se vê é quase grosseiro. A única fórmula que poderia acrescentar algo à música seria com dois bailarinos, mas nem isso é preciso, numa obra cuja partitura será seguramente estudada em pormenor por muitas gerações de compositores.

É aqui ocasião para falar de um dos aspectos mais impressionantes destes espectáculos: o papel fulcral do grupo de intérpretes. Sem eles, as obras não existiriam; com outros, seriam completamente diferentes. Suzanne Stephens, Kathinka Pasveer e Markus Stockhausen, que na segunda parte do concerto interpretaram «Tierkreis», são o caso paradigmático de uma fusão entre o compositor e os intérpretes que raramente se terá dado na história da música. A sua dedicação estoica, diríamos missionária, que os leva a não fazer outra coisa, a memorizar horas consecutivas de repertório (incluindo as partes dos outros executantes), a cumprir uma busca ilimitada das possibilidades dos seus instrumentos, a alcançar uma sincronia, apuramento técnico a nível de interpretação nunca vistos, deixam-nos sem palavras. São eles próprios a prova do génio compartilhado de Stockhausen.

Alexandre Delgado

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Nasceu há 30 anos na Mouraria e pertence a uma árvore genealógica que enraíza nos primeiros filmes de Paulo Rocha. É Manuel Mozos, o mais jovem cineasta português, de que um dia qualquer a RTP passará a sua obra de estreia "Um Passo, Outro Passo e Depois...", um dos episódios da série "Corações Periféricos". Visto já na Cinemateca, o telefilme agradou. A nós agradou-nos também estar com Mozos nesta entrevista

Não junto, mas ao lado...

Manuel Mozos podia ser o irmão mais velho dos rapazes e raparigas de "Um Passo, Outro Passo e Depois...". Quanto ao resto, como pessoa, ele parece-se com o seu filme: algo distante, mas amável. Sensível e modesto também. No fim desta entrevista, quando falar em afinidades de trabalho, dirá que se calhar está mais próximo dos que ainda não fizeram nada do que daqueles que já fizeram alguma coisa. Entretanto, foi assim.

-Como é que nasceu esse amor pelo cinema?

-Sempre fui muito ao cinema, com amigos. De início às sessões normais, depois às do Palácio Foz. A certa altura ouvi falar de uma Escola de Cinema, mas não sabia onde era. Um dia fui ao Conservatório por causa de umas inscrições da minha irmã no ballet e vi lá um anúncio da Escola de Cinema. Matriculei-me.

-O que é que fazia?

-Isto passava-se no ano lectivo 80-81 e eu andava na Faculdade de Letras. Frequentava o curso de História, há três anos...no 1º ano.

-Na Escola de Cinema foi diferente...

-Foi. Ao fim dos três anos, dos 25 alunos iniciais, chegámos nove. O curso era demasiado absorvente.

-Mas desses nove que chegaram ao fim, você foi um deles. Quais os professores que mais o marcaram?

-Aqueles a quem estive mais ligado foram Jorge Silva Melo e João Miguel Fernandes Jorge.

-O João Miguel?

-Sim. Dava Arte Visual.

-E a Escola, professores à parte?

-Havia grandes perspectivas de constituir uma ponte para a profissão, mas essas perspectivas não se concretizaram, ou só se concretizaram graças aos contactos com os professores, após o curso, ou graças a uma

grande força de vontade de trabalhar no cinema.

-Foi o seu caso.

-Sim. Ainda na Escola trabalhei em dois filmes ("Mão Fechada", de Diogo Gonçalves; e "Ninguém Duas Vezes", de Silva Melo) como script e assistente de décors e fui actor em "Vertiges", de Christine Laurent.

-E depois?

-Depois fui para Paris com uma bolsa da SEC. Fiz lá alguns contactos e fui assistente de montagem de curtas-metragens. Podia ter renovado a bolsa, mas preferi voltar.

-E no regresso?

-No regresso tive que me empregar na Biblioteca da Ajuda porque não arranji logo trabalho no cinema.

-Vai daí insistiu...

-Pois...andei a bater à porta das produtoras à procura de trabalho até que consegui. Primeiro como assistente de realização e co-argumentista de um episódio de "Músicas do Sudoeste", uma série de Edgar Pera para a RTP. Foi fraco, não resultou, a equipa era toda muito jovem e sem experiência, mas para mim, pela negativa, foi importante como experiência.

-Seguiu-se...

-Fui script em "Ser-enidade", de Rosa Coutinho Cabral, assistente de pós-produção em "Balada da Praia dos Cães" de Fonseca e Costa; fiz montagem e script com Paulo Rocha ("O Desejado"), Jorge Silva Melo ("Agosto") e João Botelho ("Tempos Difíceis"). Depois trabalhei em montagem em "Rosa de Areia", de Margarida Cordeiro / António Reis, "Mar à Vista" de José Nascimento e "Máscara de Aço contra Abismo Azul" de Paulo Rocha. Finalmente trabalhei no argumento de "Filha da Mãe" de João Canijo.

-Foi uma experiência importante...

-Foi, mas importante foi também o ter trabalhado com muita gente que entregou

projectos ao IPC e não os viu aprovados.

-O que não sucedeu consigo...

-É verdade. Tive um projecto aprovado. Vai ser a minha primeira longa-metragem, "Xavier" (título provisório), com argumento meu e do Jorge Silva Melo.

-A arrancar quando?

-Em Setembro. Entretanto estou a trabalhar com o João Canijo numa coisa para a RTP, "Alentejo sem Lei", sobre guerrilheiros miguelistas que se transformaram em bandidos. Uma espécie de "western" à portuguesa.

-Voltemos ao seu telefilme.

-Quando o Fernando Lopes nos fez o convite...

-Nos...quem?

-Eu, o Luis Alvarães, o Pedro Ruivo e o Fernando Ávila. Cada um de nós foi convidado a fazer uma média-metragem para a RTP, sob o título genérico de "Corações Periféricos".

-Tal como a série anterior ("Fados") os filmes também eram obrigados a mote. Qual desta vez?

-As ficções tinham que se passar na periferia. Daí "Corações Periféricos", um título de Carlos Té.

-Você foi o primeiro a acabar.

-O processo iniciou-se em Janeiro do ano passado. Eu aproveitei uma ideia do Edgar Pera e apresentei a sinopse. O Fernando Lopes gostou bastante e, a partir daí, comecei a escrever o argumento com o Jorge Silva Melo e a Manuela Viegas.

-Você só trabalha em grupo?

-É uma opção. Prefiro trabalhar com pessoas com quem tenho afinidades. É mais produtivo. Sozinho chega-se frequentemente ao impasse, em conjunto o trabalho evolui.

-E a produção como é que foi?

-Eu, o Luis Alvarães e o Pedro Ruivo pensámos criar uma produtora, mas não tínhamos experiência.

Acabámos por desistir e fomos falar com o João Pedro Bénard e o Joaquim Pinto para serem eles a produzir os nossos filmes. Eles foram receptivos e estipularam as datas de rodagem. No meu caso, foi Julho.

-Correu tudo bem?

-Fazer o filme deu-me imenso prazer, apesar das condições.

-Quais?

-Antes de mais, o facto de eu ser um estreante na realização e na direcção de actores. Depois, tive que filmar em três semanas, o que só foi possível graças ao empenho de toda a equipa. Por fim, houve a limitação de verba, 7500 contos mais a película cedida pela RTP, o que equivale a uns 13 mil contos.

-Mas chegou-lhe.

-Sim e cumpri as datas. Vou aliás filmar "Xavier" com a mesma produtora.

-Gostei muito do seu olhar sobre aqueles miudos todos suburbanos que aparecem no seu filme. Você está lá, olhas e não os julga, quase diria que, não se envolvendo demasiado, ama aquela gente, pelo menos compreende-os, mas sem nenhuma espécie de moralismo. Conte lá...

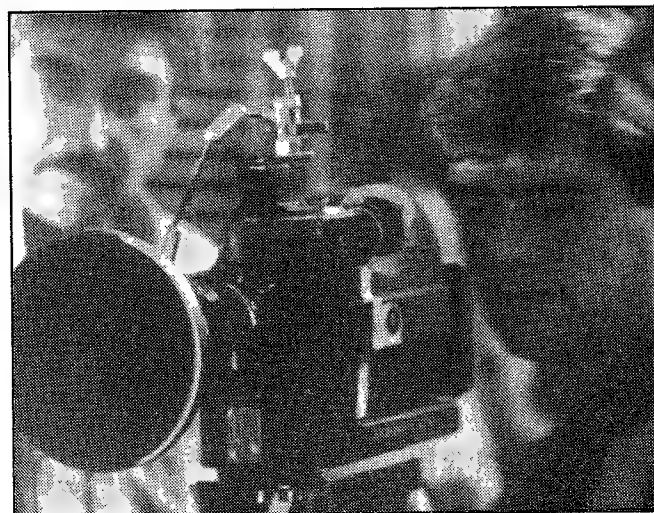
-Quando escrevamos o argumento, o filme centrava-se na figura de Canto e Castro, mas nós não queríamos que o filme pendesse mais para um lado que para o outro, nem eu estava nada interessado em mensagens. Acabei por me empenhar numa história banal, em que há um certo distanciamento em relação às personagens.

-Um distanciamento de quem não está junto, mas está ao lado. É isso?

-É. Eu, no fundo, queria estar ao lado dos personagens. E mesmo o miúdo mais antipático não quis que fosse tão antipático como isso.

-O que tem a ver com quê? Onde é que você é? De Lisboa?

-Eu nasci na Mouraria e andei no Gil Vicente.



Manuel Mozos (à direita) durante as filmagens de "Um Passo, Outro Passo e Depois..."

-Ah!

-E enquanto escrevia o argumento andei a ver o que se passava nos liceus.

-Quais?

-Pelos liceus dali, entre Oeiras e Paço de Arcos. Acabei por filmar na Escola Secundária Sebastião e Silva, de Oeiras.

-E o vazio da vida dos putos onde é que o encontrou?

-Isso talvez tenha a ver comigo, do como eu estava na altura em que filmava.

-As reacções ao seu filme foram boas...

-Bastante simpáticas. Estou satisfeito. Só que parto para o próximo filme com mais responsabilidades. Mas também com mais entusiasmo.

-É uma história de Lisboa ou outra vez dos subúrbios?

-"Xavier" até podia ser no Norte. Mas eu serei mais honesto se filmar as coisas que conheço melhor. De modo que o filme passa-se em Lisboa, embora não se perceba se o miúdo nasceu aqui.

-Bom, há um miúdo. E mais?

-"Xavier" tem alguma coisa a ver com "Um Passo, Outro Passo e Depois...", mas não tem um tema óbvio. Não é uma comédia, nem um policial.

-Então o que é?

-Há um miúdo que foi abandonado num asilo, mas quando o filme começa ele está a regressar da tropa. São dois anos da sua vida: encon-

tros e desencontros com a família adoptante, o fantasma da mãe que ele, aliás, virá a encontrar de uma forma trágica. Mas o que me interessa é filmar um determinado tempo de vida de uma pessoa, as suas alegrias e tristezas.

-Mais uma vez sem mensagens nem moral explícitas?

-Sim.

-O seu primeiro filme faz parte de que árvore genealógica do cinema português? Faça-lhe a pergunta mas tenho cá o meu palpite...

-As pessoas com quem tenho mais afinidades são o Paulo Rocha dos primeiros filmes...

-Acertei em cheio.

-...E com Pedro Costa de "Sangue", Joaquim Pinto e Jorge Silva Melo (algumas coisas).

-Dizem que você faz parte da geração da Escola de Cinema. Acha que sim?

-Acho que não porque não há uma geração da Escola de Cinema. Talvez infelizmente, não há entre nós uma proximidade de trabalho, embora eu, por exemplo, tenha afinidades com o Luis Alvarães.

-Só com ele?

-Não. Também com gente que ainda não teve ocasião de fazer nada. Se calhar estou mais próximo dessa gente do que daqueles que já fizeram algumas coisas.

Rodrigues da Silva



Com "Um Passo, Outro Passo e Depois..." pode bem ter nascido um novo rosto do cinema português. Este, de Sandra Garcia

Faz hoje 50 anos que Igrejas Caeiro se estreou como actor, no Teatro Nacional D. Maria II, na sequência do 1º lugar obtido no concurso «À procura de um actor e de uma actriz», organizado em 1940 pelo Diário de Lisboa e pela Emissora Nacional, com a colaboração da empresa Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro

Foi o caso do dia

A estreia de Igrejas Caeiro provou exuberantemente que descobriram um actor, escreveu-se nas páginas deste jornal, no dia 9 de Maio de 1940, a propósito da reposição de «O Caso do Dia», no Teatro D. Maria II, com o então jovem de 22 anos e Amélia Rey Colaço a protagonizarem aquela peça de Ramada Curto.

Meio século volvido, temos aqui connosco Igrejas Caeiro. Não só para recordar uma carreira, mas também para falar do presente e do futuro.

- Então, tudo começou por causa do concurso?

«É exactamente porque frequentei o curso com o mestre Araújo Pereira, que quando estava na tropa, no curso de sargentos milicianos em 1939, e fiz a apresentação numa festa em Tavira, e porque já vinha com uma certa preparação, dirigi um pouco essa festa, dei-lhe um certo dinamismo e quando apareceram as notícias do Diário de Lisboa a dizer que estava aberto o concurso, foram os meus camaradas da tropa que insistiram comigo e me entusiasmarem a que eu subscrisse uma candidatura».

- Quer dizer que, nessa altura, não estava nos seus propósitos imediatos o Teatro?

«Não, devo dizer-lhe que não. Eu sabia que o Teatro como agora, como sempre, estava em crise, que era difícil, realmente, como profissão, eu exercer o Teatro, e tudo aquilo que se passou até ao concurso, até ter sido o primeiro aprovado, até ao contrato com a empresa de Amélia Rey Colaço, foram passos que eu fui dando como

forma de fazer experiências de vida mas que não tinham como objectivo ingressar definitivamente na carreira teatral, até porque eu tinha o meu emprego à espera, quando saísse da tropa. Acontece, entretanto, ainda em 1940, a Emissora Nacional, tendo como presidente Henrique Galvão, e o seu irmão Carlos como director de Programas, depois de eu ter pedido para colaborar na Emissora Nacional, nos programas de teatro radiofónico - e veja aqui este aspecto, curioso - o Henrique Galvão disse-me assim: você é um homem que prestou provas, está muito bem, mas olhe que a expressão radiofónica é diferente, e por isso vamos fazer provas para ver se pode ser também artista de Rádio».

- Quer dizer que a sua colaboração com a Emissora Nacional tem início, em simultâneo, com a sua primeira temporada teatral, com a companhia do Teatro D. Maria II?

“É isso exactamente. Eu fiz o meu primeiro contrato com a Amélia Rey Colaço, em Maio, era quase fim de época, fizemos os grandes espectáculos dos Descobrimentos, como o “Auto da Fundação” em Guimarães, representámos a “Castro” em Alcobaça, fez-se um grande espectáculo em Óbidos, no terreiro do castelo - que foi uma coisa inovadora, e tudo se deve a Henrique Galvão, que foi um homem verdadeiramente empreendedor. Entretanto o contrato terminava, era o final da época, e a Amélia Rey Colaço e o Robles Monteiro disseram que contavam

comigo para a próxima época. E eu que já estava com um certo andamento, fui à Emissora e manifestei o interesse em que eles me aproveitassem neste interregno para o teatro radiofónico. Mas depois de prestar provas, fazem-me este convite espantoso: você não quer entrar para os quadros de locutores da Emissora Nacional? É claro que sim - respondi - desde os 16, 17 anos que eu tenho esse objectivo. Deste modo, 1940 é para mim um ano excepcional, em que consigo profissionalizar-me simultaneamente no Teatro e na Rádio, para além de fazer o meu primeiro filme, o "Porto de Abrigo".

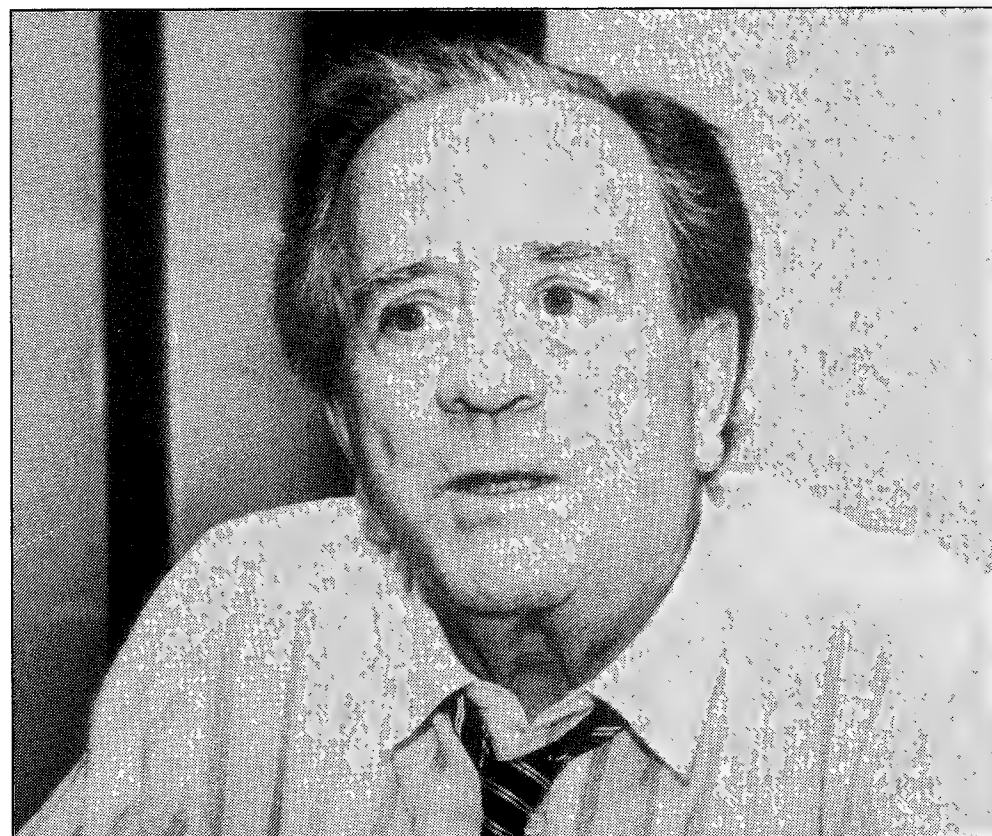
Como era há 50 anos

- Voltando ao Teatro, já que o motivo desta nossa conversa são os seus 50 anos de Teatro, como era o Teatro em Portugal no tempo em que começou?

«Bem, era um Teatro muito mais difícil. Lembro-me que o Teatro Nacional fazia a festa do autor à 15ª representação. Isto é significativo: é que se mudava de peça quase de 15 em 15 dias e quando chegava a um mês podia considerar-se um grande êxito. Veja bem que ritmo de trabalho era preciso ter. E eu tive que me enquadrar nesse ritmo, mas realmente a Amélia Rey Colaço, e o Robles, eram grandes encenadores, e eram grandes directores de actores.»

- A determinada altura, por causa de posições ideológicas, é afastado da Emissora Nacional...

«Como sabe, na Emissora Nacional, em 1948, em pleno período de "caça às bruxas" (depois de em 1945 ter sido promovido a locutor de 1ª classe), houve um despedi-



Igrejas Caelo, hoje: «Eu gostava de voltar a fazer Teatro»

mento colectivo de elementos que se tornaram suspeitos de serem contrários ao regime salazarista, estávamos no período que decorre a seguir às eleições de 45, em que nós subscrevemos listas de apoio à oposição. Eles não nos mandaram logo embora, porque a Emissora ficava desguarnecida, prepararam quadros, sem nos dizerem nada, mas quando chegou a altura fomos cerca de uma dúzia para a rua. Recordo a Etelvina Lopes de Almeida, o Freitas Branco, entre outros».

- Depois, segundo julgo saber, vem o Rádio Clube Português, o "Comboio das Seis e Meia" e depois os seus "Companheiros da Alegria". Mas nunca abandonou o Teatro, pois não?

«Sim, do recurso à Rádio Comercial (não posso esquecer o apoio do Jorge Botelho Moniz, apesar de ser um homem afecto ao regime de então), resultou, em 1951, a produção do programa “Os Companheiros da Alegria”, que começou por ser um programa para acompanhar uma “Volta a Portugal” em bicicleta e veio a constituir

um êxito espectacular. Mas o êxito tornou-se incômodo para os poderes públicos de então e, a propósito de um merecido elogio ao estadista Nehru, em 1954, o ministro da Presidência determinou a suspensão de todas as minhas actividades profissionais relacionadas com espectáculos públicos.

Recordo, a seguir, uma rubrica interessantíssima, que mantive com coragem e tenacidade, "O Perfil de um Artista", por onde passaram importantes intelectuais progressistas portugueses e brasileiros, através de 600 entrevistas de fundo, que na época constituíram a afirmação possível de posições muito nítidas a favor dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, levando ao povo a certeza de que a grande maioria era pela Liberdade, pela Democracia e contra o regime opressor».

- Quando é que regressa efectivamente ao Teatro?

«Em 1959, devido a um despacho do então ministro da Presidência, Marcelo Caetano, pude voltar a representar. Foi no Teatro da Trindade, com "Os Comediantes de

Lisboa" dos irmãos Lopes Ribeiro, onde representei com a Maria Lalande a peça de Manuela de Azevedo "Camilo e Fany".

Mais tarde, pôde assumir a direcção do Teatro Maria Matos, imprimindo-lhe feliz orientação a culminar com a representação da adaptação de "A Relíquia", que pode considerar-se um dos mais importantes espectáculos teatrais portugueses da década de 60».

- Entretanto acontece o 25 de Abril. O Igrejas Caeiro regressa à RDP e, em 1976, é nomeado director de Programas. E Teatro, nunca mais?

«Eu gostava de voltar a fazer Teatro, como diretor, ou como intérprete, não talvez numa exploração sistemática, mas talvez uma coisa para a televisão (como o TV Palco, que já fiz), enfim, gostava de fechar o meu ciclo de vida com o teatro, porque há aqui uma espécie de gratidão, porque o Teatro catapultou-me para uma vida diferente, porque o Teatro foi, afinal, o princípio. Gostava de fechar este ciclo longo de 50 anos com qualquer coisa que se relacionasse com o Teatro».

- E tem esperanças?
«Claro que sim, é tudo uma questão de arranjar disponibilidades».

Igrejas Caeiro e a Radiodifusão Portuguesa chegaram a acordo sobre as condições em que aquela empresa pública adquire para os seus arquivos as principais rubricas do programa "Companheiros da Alegria", produzido e realizado nos anos 50 e 60. Aos "Companheiros da Alegria" se deve a reposição do folhetim "Lelé e Zequinha", a célebre criação de Aníbal Nazaré e Nelson de Barros, a que Vasco Santana e Irene Velez deram vida no Rádio por forma inesquecível.

O valioso conjunto de documentos sonoros, constituído por 1496 bobinas de fita magnética, vai assim enriquecer extraordinariamente o acervo documental

Rodrigues Borges

B R E V E S

**Morreu
Elizeth Cardoso**

A cantora brasileira Elizeth Cardoso, conhecida como «A Divina», morreu segunda-feira no Rio de Janeiro, vítima de cancro. Nos seus 54 anos de carreira, Elizeth Cardoso interpretou numerosas canções de Heitor Villa Lobos, Ary Barroso, Noel Rosa, Vinicius de Moraes, Ciro Monteiro e Djavan.

Maria João Pires partiu um pé

A pianista Maria João Pires partiu um pé, pelo que anulou um recital previsto para 18 de Maio em Paris, anunciou o seu agente de concertos na capital francesa.

Maria João tinha agendado para amanhã um espectáculo com o violinista russo Viktoria Mullova.

Leituras da Novela Camiliana

O Grupo de Estudos Camilianos do Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa promove entre hoje, dia 8 de Maio, e 12 de Junho, um curso livre subordinado ao título "Leituras da Novela Camiliana". Esta iniciativa, no âmbito do centenário da morte de Camilo, tem o apoio do INIC e decorre na Faculdade de Letras de Lisboa, sempre às 19 horas. Os interessados devem inscrever-se, por carta dirigida à Universidade de Lisboa, 1699, Lisboa Codex), até 23 de Abril.

Diário de Lisboa

TEATROS E CINEMA

O teatro infantil

última representação de «Pimpão» no Nacional vem provar que os pequenos que defendem o desenvolvimento infantil, pois há sempre espaço para o espetáculo, desde que não sejam invadidos a imaginação das crianças.

«Pimpão» pertence ao teatro das peças e não pode ser esquecido. Resumidamente, trata-se de uma comédia: fantasia, saca, delicadeza, humor, muita música, muito brilhante e muito despenhoso.

Esta é a obra de André neto Lucília Simões, a seu cunhado, dos papéis mais entrecalhados da peça «A Avózinha», e que Maria João é a atriz ideal deste delicioso comédia, a qual pelo encanto sugestivo do seu gesto, do seu olhar, das suas plantas, os seus movimentos e animadinhos dum reino imaginário.

«Pimpão» repete-se no próximo domingo, em 15 de maio, a preços populares, o que propicia, sem dúvida, nova echeite ao teatro Nacional.

do repertório

o Recanto do Povo, em Setúbal, inicia-se com o espetáculo da companhia Mica Cavero-Vasconcelos, com a peça «A Jovialidade».

A peça é a primeira leitura, que segunda-feira, vai a ensaio-se no Gimnásio de Alameda da Alameda, passando colégio de Alameda da América do Norte, sem 30 actores quadros.

O teatro Nacional, em 15 de maio, a estreia a próxima quinta-feira, com o espetáculo antigo pitonico, o actor João Mendes, com a representação de «A Jovialidade», e um acto de «Filipa» de Almeida.

o espectáculo, o actor Robles, algumas palavras do académico Faria, e uma-se assistir a w. natário da

estreia de Igrejas Caeiro, no Nacional



Igrejas Caeiro contraindo com Amélia Rey Colaço

As entidades que promoveram o co-actuar a procura dum actor e duma actriz dadas estas condições com o resultado alcançado. A estreia de Igrejas Caeiro provou abundantemente que descobrimos um actor. E é de lamentar que se tivesse criado dificuldades e apresentação no teatro, ainda esta época, de Almeida, Oficial, e a carreira, sem dúvida, que desco-

Caeiro, no Nacional

do Nacional nasceu ontem um actor que pode vir a ser, dentro em pouco, um actor que não tem primos. Tem todas as condições para isso: modestia, presença agradável, elegância não afectada, voz quente, boa articulação, desenvoltura, naturalidade. Claro que todas estas qualidades são susceptíveis de se apertarem, quando o jovem actor tiver o domínio da com, que ainda não possui completamente. A experiência e os conselhos do ensaiador irão-lhe apontar deficiências inevitáveis num estudante.

O público dialogou com o seu simpático, mas mesmo caloroso nos aplausos e tanto mais assim como nos coros de aprovação e de agrado. Igrejas Caeiro deu com segurança o primeiro passo na sua carreira artística. Havemos de vê-lo e aplaudir, de futuro, em papéis novos as suas qualidades possam brilhar mais.

A repenação de «O caso do dia» é daquela que se justificava, mesmo que não fosse para proporcionar ao jovem actor um papel de estreia, pelo valor da obra, que é sem dúvida uma das mais equilibradas e das mais bem construídas de Romaldo Curto. O desenvolvimento do «fiança» diversos em que se resume a acção é perfeito de sentido teatral. O diálogo é da melhor qualidade e as figuras são trechos com mais de morte. A da aventureira espanhola fixa-se como um pulcra no teatro português. É preciso acrescentar que Amélia Rey Colaço viveu nos mais perfectos termos de uma personalidade. Que admirável lição de arte e de representação! A «Camões» é, da sua longa e brilhante galeria brasileira, uma criação enriquecedora. A sua linha o actor para reconhecer o mesmo da obra, que «O caso do dia» e a Camões.

A estreia amanhã, em A. Coliseu, de revista «O Recortes

A maior novidade do publico é a obra que se realiza amanhã, em sessão, no Coliseu popular de grande destino «Retalhos e Recortes», transbordando de os nossos melhores artistas cómicos, fantasia e em suas maracóes de curiosos movimentos de figuras, em admiráveis e sua baladas, pois em desnoze a proficiência do nosso coral coral Euzenador. Os preços para estes espetáculos popularizantes. Bilhetes à venda.

CARTAS

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 45 — O caso do dia — A's 20 e 45 e 50.
M. A. VITORIA — A's 20 e 45 e 50.
— «Ora vai tu!»

CINEMA

IVOLI — A's 21 e 30.
SÃO LUIZ — A's 21 e 30.
POLITEAMA — A's 21 e 30.
EDEN THEATRE — A's 21 e 30.
ODGON — A's 21 e 30.
PALACIO — A's 21 e 30.
CONDESA — A's 21 e 30.
CENTRO — A's 21 e 30.
CAPITOL — A's 21 e 30.
MADO — A's 21 e 30.
LVS — A's 21 e 30.
PARIS — A's 21 e 30.
ROYAL — A's 21 e 30.
OLIMPIA — Das 16 das 24.
SAL AO IDEAL — Das 16 das 24.
JARDIM CINEMA — A's 21 e 30.

Fol assim que o Diário de Lisboa assinalou, há meio século, a estreia de Igrejas Caeiro no Teatro

O Porto em quatro tempos-III

«Quanto maior for a subjectividade de uma obra de arte mais depressa ela chega à compreensão dos mais simples. Aqui é que nos surge a imagem do colectivo, quer de um povo, quer do universal...»

Mestre Júlio Resende: A sensibilidade como primeira cor

- Encontrava-me eu, já lá vão uns tempos, a montar um mosaico na fronteira de Valença. Um mosaico que lá se encontra, ao ar livre, tocado de sol, tocado de chuva. Encontrava-me concentrado, entregue ao meu trabalho, alheado de tudo, colocando pedrinha após pedrinha. Passam uns portugueses e dizem assim uns para os outros: «Olha a paciência deste gajo...» Passam a seguir uns espanhóis - e um deles, com um dedo apontado para o meu trabalho, chama a atenção dos outros com estas palavras: «Mira, que cores! Mira, que beleza!» Eu sorri e continuei com a minha tarefa - mas pensei cá para mim: «Muita coisa mudou, mas a verdade é que, sobre cultura, ainda há uma diferença entre nós e nuestros hermanos...»

Estas palavras, bem humoradas Resende, são de Mestre Júlio Resende, e centram-se no juízo, por ele emitido em entrevista que nos concedeu, «de que a nossa educação nunca fomentou o que cada homem tem dentro de si», não só no Porto como em todo o país.

Referindo-se a determinadas instituições nortenhas (Escola Superior de Belas Artes, Faculdade de Letras, Casa de Serralves, Cooperativa Árvore, Orquestra Sinfónica do Porto, Galerias de Arte, etc.), Júlio Resende, alto nome de pintor, muito simplesmente nos diz:

- No meu entender, falta um sentido global às actividades culturais portuguesas. O que, convém se diga, não se encontra ainda no horizonte... Necessário, no entanto, esse sentido global: só esse sentido permitiria se originasse uma produção artística sistemática, frequente, constante.

- Deve-se tal deficiência à inserção geográfica da

cidade...?

- Não. Ou melhor: a inserção geográfica já não tem a importância que tinha. Para já, pode dizer-se que o Porto é o receptor das coisas locais que aqui se produzem. Se mais houvesse, vinda do exterior, nada seria menosprezado... O Porto, embora algo já tenha de si, necessita que desfrute de mais. Precisa que haja teatro, dança, cinema, exposições... Ora compete a quem de direito promover que essas manifestações sejam assíduas. Até que... Bem, eu não gosto de emitir juízos definitivos. Penso que tudo evolui, que tudo... - Mestre, mas porque não termina a frase iniciada por «Até que...»?

Júlio Resende riu-se, acendeu o cachimbo, manteve-se silencioso por alguns segundos. Ambos estávamos sentados, frente a frente, na sua casa-atelier de Gramido, telas nas paredes, o rio Douro a adivinhar-se para além das vidraças grandes, deitadas sobre a estrada. Era a meio de uma tarde fria, o calorífero discretamente aceso, um certo ambiente de estufa. De quando em quando, a campainha da porta: eram antigas alunas suas que, ficando à porta, lhe vinham entregar trabalhos teóricos para apreciação, um artigo saído neste ou naquele jornal, uma troca de impressões em meia dúzia de palavras...

- Pessoas amáveis - dizia o mestre, como se desculpando, voltando à sua cadeira.

Valores que se perdem

- Porque não termina a frase iniciada por «Até que...»?

- Pois seja - disse Júlio Resende. - Até porque, dentro da capacidade criativa do homem nortenho, há valores

que se estão a perder - e isso por não lhe ser facilitada a sua concretização. Claro se pode objectar que as pessoas que sentem necessidades se devem manifestar. Mas o artista, embora igual aos outros homens, tem um temperamento muito especial...

- Pode especificar...?

- Um tanto complexo, parecendo mesmo contraditório o que vou dizer. É evidente que o artista (um músico, um escritor, um pintor, sei lá...) necessita de certas facilidades. Tempo, por exemplo... Mas, na minha opinião, e sem de maneira nenhuma fazer a apologia de uma política de portas fechadas (longe de mim tal ideia!), o artista deve encontrar uma certa dose de dificuldades no campo da arte. Isso "empurra-o" para a realização. Aliás, este meu juízo (e que não saiam embulhadas estas minhas palavras) prende-se com a não imposição de directrizes na actividade artística. A arte é o homem inquieto: só desta maneira é que pode ocorrer a transformação do que sentimos, contemplamos, ouvimos... Nos anos 40, veja lá!, pensava-se entre nós que...

Um novo silêncio, os olhos perdidos numa tela, os dedos automaticamente compondo o tabaco no cachimbo. E nós:

- Nos anos 40...

Arte é reflexão

- Nos anos 40 - prosseguiu Júlio Resende -, pensava-se que a pintura era coisa que se podia ensinar. Tudo, enfim, à base da técnica. Mas hoje não é já assim. Hoje a arte tem muito a ver com a reflexão. Interroga-se e interroga as pessoas. Desperta a consciência individual. Põe tudo em dúvida. Em causa. Basta dizer que há sempre um novo começo...

- Nunca na sequência de processos antigos, é...?

- Sim e não. Mas quando começo um quadro é como se voltasse a nascer... Isto já foi sentido por muitos pintores, por muitos homens, e eu, como homem entre os outros homens, também sou afectado por essa sensação. Não me considero nenhuma excepção...

- Parcela, portanto, de um colectivo...?

- Embora cada artista possua a sua individualidade própria, reflecte sempre, na minha opinião, a imagem de um colectivo, mesmo que se fale de Picasso, de Velazquez, de Goya, de Renoir, de Columbano, deste e daquele...

- Falou ainda agora de individualidade. Não quer especificar melhor...?

- Sim. Mas em vez de individualidade, vou utilizar o termo subjectividade... E direi: quanto maior for a subjectividade de uma obra de arte mais depressa ela chega à compreensão dos mais simples. Aqui, embora noutra medida, é que nos surge a imagem de colectivo. Quer de um povo (e aqui as autarquias, por diversos meios, têm um papel a desempenhar), quer do universal (cabendo aqui uma linguagem sensível entre os homens).

Valores humanos

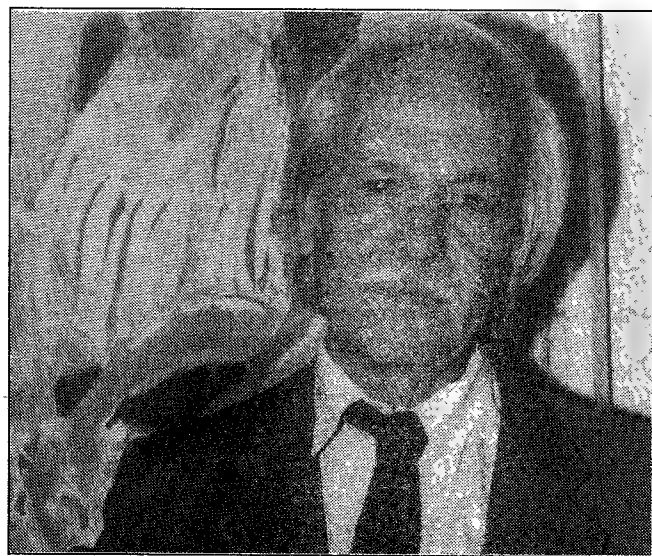
Mestre Júlio Resende, representado no País e no estrangeiro, tem sido convidado, por vezes, a dissertar sobre Arte (nomeadamente Pintura), em capitais europeias de cultura. A última vez (1989) foi em Bruxelas, na Academia Analecta, onde apresentou uma comunicação intitulada «A Arte e o Destino do Homem».

- Aí defendi a tese (e o diálogo em Gramido, em certa medida, tomou outro rumo) de que a sensibilidade é um detonador do Bem e do Belo. Seguindo este raciocínio, facilmente posso concluir que a sensibilidade, assim detonando o Belo e o Bem, será também a detonadora da verdade e da justiça que cada homem possui em si.

- E o leva a dar-se aos outros...?

- É isso. Sai da tradicional e romântica Torre de Marfim - e apossa-se inclusive da Ciência e da Técnica, sem que, de maneira nenhuma, se desumanize. A aproximação entre os homens será cada vez maior. Se o semelhante atrai o semelhante (a terra a terra, a água a água, o ar o ar), também o humano solicita o humano...

- Para si, Mestre Júlio Re-



Mestre Júlio Resende

sende, a sensibilidade é, por conseguinte, primordial...

- Sim. Cada vez estou mais convencido, embora com certo desagrado, de que a sensibilidade se situa nos antipodas de todos os outros ramos do saber.

- Com certo desagrado porquê...?

Um novo silêncio - e depois:

- Trata-se de uma ideia muito pessoal que me atemoriza, porque não posso deixar de pressentir que as sociedades, onde todos nos incluímos, são conduzidas por cérebros inflexivelmente racionais.

- Deve haver, no entanto, uma salvaguarda...

- Estou certo de que sim. Ou melhor: de acordo com filósofos, e até com cientistas, o homem completo deve pôr em prática duas funções que lhe são inerentes - a função teórica e a função estética. Creio que no Ocidente, o homem, no correr dos tempos, deu uma importância progressiva à função teórica, menosprezando, como é óbvio, a função estética. Este fenómeno levou ao desequilíbrio entre aquelas duas funções, daí derivando consequências diversas, como, por exemplo, o desinteresse do homem pela Arte.

- E propriamente em Portugal...?

- No que respeita ao nosso País, não ponho em dúvida a falta de uma verdadeira consciência de valores, o que, entre outros males, relegou para último plano a educação visual. Para exemplificar esta minha afirmação, limitar-me-ei a dizer que, no ensino médio, os professores não são devidamente motivados quanto ao ensino da sua matéria específica. Pior ainda: por vezes, é um professor de

matemática que "disserta" sobre educação visual. Situação ridícula e grave, pois que demonstra uma nítida ignorância ou menosprezo pelo lado sensível da educação.

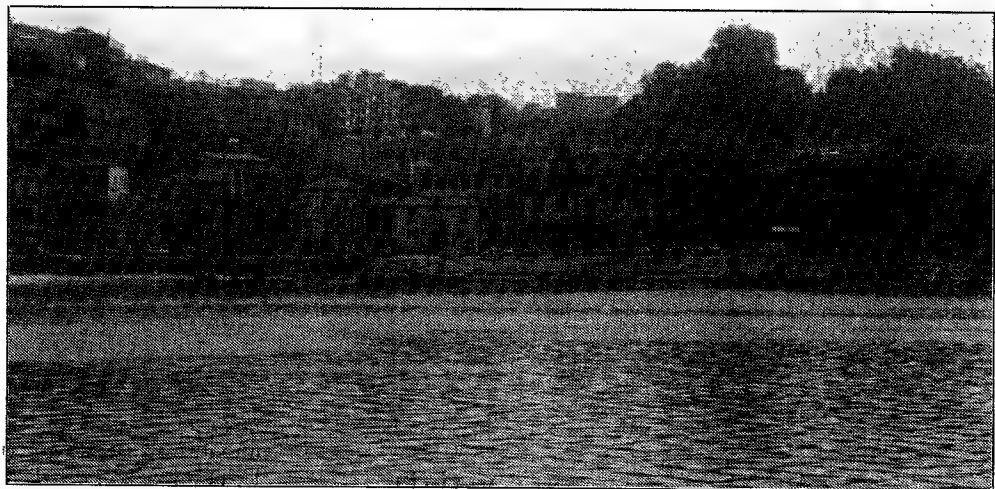
- Mas tal acontece na Escola Superior de Belas Artes do Porto...?

- Como sabe, fui aí professor. Nesse estabelecimento de ensino, e porque se deu conta do que eu acima acabo de dizer sobre a educação visual, foram implantadas uma série de medidas extra-escolares tendentes a procurar o homem real e com ele estabelecendo o indispensável diálogo. Como? - perguntar-me-á. Equipas compostas por professores e alunos percorreram o território pátrio numa acção de busca. Semelhante iniciativa proporcionou conhecimento e deu ocasião a momentos de reflexão sobre a realidade observada. Numa palavra: a sensibilidade entrou em diálogo com o mundo circundante. Foi, sem dúvida, uma acção positiva. Tocou-se a terra com as mãos, outras foram as paisagens que os homens viram, falou-se com o nosso semelhante... Acredito no que disse na comunicação apresentada em Bruxelas: um pouco de terra, um punhado de areia, um pouco de cal - bastam ao homem para transformar o nosso mundo.

- E talvez não mais se repita aquele célebre episódio do mosaico na fronteira de Valença. Desculpe, Mestre, se estou a forçar a nota...

- Não, não está. Talvez um dia, outro pintor que não eu, ouça portugueses dizer: «Olha que cores, olha que belo!» E nunca (os tempos evoluem) a seguinte lamentação: «Olha a paciência deste gajo...»

Pedro Alvim



Entre-os-Rios, ambiente do pintor

Maria João Martins

VIDEO C A T Á L O G O

Funny Lady - Uma Mulher Endiabrada

Juro que não é por causa do nariz de Barbra Streisand, mas sempre que ela aparece no ecrã, há algo de muito negativo que em mim se agita.



A história é a continuação de «Funny Girl - Uma Rapariga Endiabrada», dirigido por William Wyler em 1968. Só que neste caso, Fanny Brice já não é propriamente uma mocinha ambiciosa, mas uma atriz de fulgurante sucesso na Broadway que troca os afectos de Omar Sharif pelos de Caan. Até que enfim! Estamos com ela!

«Funny Lady». Realização: Herbert Ross. (E.U.A - 1974). Intérpretes: Barbra Streisand, Omar Sharif, James Caan. Cor. 136 minutos. Musical. Para maiores de 12 anos. Edição Publivideo / RCA Columbia.

Visitantes do Além

Nenhum género cinematográfico terá sido tão vitimado pela produção massiva de subprodutos como o terror. «Visitantes do Além» é um caso perfeitamente ilustrativo da situação. Trata-se da história de uma jovem família, cujo «lar, doce lar» se converte num pesadelo repleto de estranhos murmúrios e de misteriosas pegadas num sótão deserto. O trivial.



«Visitors». Realização: Joakim Ersgard. (G.B - 1989). Intérpretes: Keith Berkeley, Lena Endre, John Force, John Olson. Cor. 101 minutos. Terror. Música de Peter Wallin. Edição Mundial Video.

(A) Minha Bela Lavandaria

Realizado por Stephen Frears um ano antes deste haver efectuado uma deslumbrante recriação do século XVIII (com



«Ligações Perigosas», evidentemente), «A Minha Bela Lavandaria» é um filme duplamente perturbante.

Duplamente, porque, por um lado, aborda a discriminação racial na Grã-Bretanha de modo singular, por outro, debruça-se, sem sensacionalismo, fáceis, sobre as relações homo-sexuais entre um paquistanês aculturado na Inglaterra e um jovem inglês, pobre e marginal. Destaque para a interpretação de Daniel Day-Lewis, o vencedor do Oscar para o melhor actor no passado mês de Março (ver coluna «Cinco Estrelas»).

«My Beautiful Laundrette». Realização: Stephen Frears. (G.B - 1987). Intérpretes: Saeed Jaffrey, Roshan Seth, Daniel Day-Lewis, Gordon Warnecke. Cor. 93 minutos. Drama. Música de Ludus Tonalis. Para maiores de 16 anos. Edição Dopervideo.

CINCO ESTRELAS

Uma lavandaria do tamanho do Ritz

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce. Mesmo que, ao contrário do que idealizava Pessoa, a obra em questão seja um albergue de marginais transformado em lavandaria com visual de salão de cabeleireiro para meninas carreiristas.

«A Minha Bela Lavandaria», realizado por Stephen Frears em 1987, é um apanhado, às vezes cómico, às vezes dramático da sociedade em que vivemos. Com todos os seus paradoxos, injustiças e agressões.

A história (se, na verdade, existe neste filme uma só história) é a de um jovem paquistanês, nascido e aculturado em Inglaterra («não passas de um britânicozinho» - diz-lhe o pai a determinado momento) que, sendo filho de um casal que volta as costas ao meio hostil, ascende na vida graças às benesses de um tio que entretanto lançara mão de recursos pouco lícitos e fizera fortuna. Com os mesmos meios de que se serviria qualquer inglês, ou seja, sem contestar os mecanismos intrínsecos de uma sociedade que maltrata os estrangeiros. Ante esta situação, os ingleses desclassificados cometem actos terroristas de toda a espécie e aqui, poder-se-á talvez dizer, que



Stephen Frears tenta desculpabilizar um dos problemas sociais que mais agitam os países industrializados do Norte da Europa: a violência contra os emigrantes e, neste caso concreto, contra os paquistaneses.

Só que em «A Minha Bela Lavandaria», como na vida, os sentimentos não são lineares e a violência própria da hostilidade social pode transfigurar-se na violência não menos característica de uma relação amorosa proibida. Quando o jovem inglês auto-marginalizado se apaixona pelo paquistanês rico, o espectador sente que está na presença de uma ligação perigosa, não só porque é de homossexualidade que se trata, mas porque entre os dois rapazes está também o abismo racial e a busca de rápida normalidade por parte do grupo segregado. Por isso, o que a este mesmo grupo importa é a integração e, sobretudo, lavar mais branco numa lavandaria do tamanho do Ritz, onde se oferece a outra face a todas as injúrias. Menos ao amor...

Maria João Martins

APRESENTA

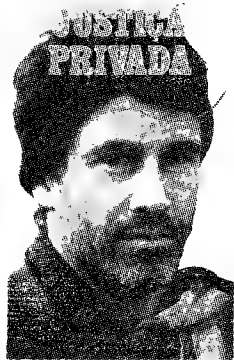


SARGENTO DA FORÇA 7



INTRIGA AO AMANHECER

A SEVICIA



Amor à Terceira Vista



ESTREIA DIA 10

NO SEU VÍDEO CLUBE

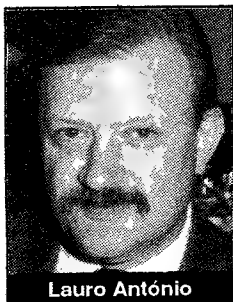
CULTURA E ESPECTÁCULOS

Falar de cinema

«Artistas e Ladrões...»

O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA (The Cook, The Thief, His Wife and Her Lover) - R: Peter Greenaway (Inglaterra, 1989); A: Peter Greenaway; F (cor): Sacha Vierny; M: Michael Nyman; Cen: Ben Van Os e Jan Roeles; Mont: John Wilson; P: Denis Wigman, Pascale Dauman e Daniel Toscan du Plantier/Allarts/Erato Films I; I: Richard Bohringer, Michael Gambon, Helen Mirren, Alan Howard, Tim Roth, Ciaran Hinds, Gary Olsen, etc. D: 120 m; Dist: Filmes Castello Lopes; Est: Forum Picoas e Quarteto (30-3-1990); Cl: **** (M/16 anos).

O cozinheiro vive da sua arte, pelo que é explorado e consente; o ladrão sobrevive de expedientes e mercê deles, possui um restaurante soberbo onde janta todos os dias, numa mesa régia, para a qual convida os capangas e os amigos de ocasião; a mulher do ladrão é a ostentação deste, o seu enfeite pessoal, «aquilo» que ele traz consigo



Lauro António

para demonstrar uma realidade que, afinal, é mentira (o ladrão é impotente, a mulher serve-lhe apenas em casa para jogos eróticos estéreis e no exterior como adorno); o amante da mulher do ladrão é o segredo que se guarda apenas do marido, como última e suprema provocação, já que quase todos os outros sabem daquela ligação, e alguns a ajudam mesmo (como é

o caso do cozinheiro e do pessoal da cozinha). Estas personagens do mais recente filme de Peter Greenaway, uma obra que se mantém fiel a um certo tipo de cinema que o cineasta britânico cultiva como poucos há já uns anos, mas que desta feita surge ligeiramente menos críptico e, por isso mesmo, mais acessível a um grande público. O que terá feito o sucesso de um título que bem merece a sorte que lhe tem sido reservada, dada a sumptuosidade da sua encenação e a originalidade dos propósitos, ainda que, aqui e ali, aflorem algumas ligações com A Grande Farra, de Marco Ferrari, mas com intenções inteiramente diversas.

Um dos aspectos a salientar desde logo é o rigor de toda a encenação que se cinge a meia dúzia de cenários, alguns deles ligados entre si, formando um bloco por onde se movimenta a câmara com uma liberdade de estilo só aparente, dado que tudo obedece a um minucioso estudo prévio. Nesse enorme «décor» temos o restaurante, a cozinha, com dispensas e arrecadações, os lavabos e o parque de estacionamento exterior, mas também ele cenário, como o demonstra essa panorâmica vertical de início do filme, que situa a obra e define desde logo aquele espaço como o de um «palco» de uma «ficção». Aqui se insinua uma primeira relação com o cinema de Manuel de Oliveira (também Benilde se iniciava nos bastidores de um palco de teatro... Mas não é só neste ponto que as associações com Oliveira se podem estabelecer; o tema deste filme e o de Os Canibais aproximam-se muito).

A estes cenários interligados, haverá que acrescentar um ou outro, isolado, como

o depósito dos livros, onde os amantes se encontram... A câmara de Peter Greenaway tem assim possibilidade de correr entre os diferentes cenários se não houvesse qualquer iato entre eles, mas a verdade é que, aqui e ali, há paragens imperceptíveis entre as filmagens de uma mesma panorâmica ou de um mesmo travelling. Por exemplo, para os actores mudarem de fato (no restaurante predomina o vermelho e os fatos acompanham essa tonalidade quente; na cozinha impera o verde e quando a «Mulher» passa do restaurante para a cozinha, o seu vestido muda de cor, o que acontece por diferentes vezes). Cada zona do cenário tem, deste modo, um significado plástico definido pelas cores e pelos próprios adereços (por exemplo, o restaurante é obsessivamente dominado por uma enorme reprodução de um quadro da escola flamenga - aliás o restaurante chama-se «O Holandês» - que é reproduzido todas as noites pela mesa do «Ladrão» e seus convivas, na sua sede de respeitabilidade exterior, que estala, melhor dizendo explode, à mais pequena contrariedade).

Inspirando-se certamente no policial negro norte-americano dos anos 40 (onde havia o gangster, a sua rapariga, aqueles que trabalham para ele e no final se revoltam...), O Cozinheiro é uma obra de significado metafórico mais ou menos claro, mostrando as relações de dependência entre «senhores» e «escravos», onde o papel do «artista» ocupa um lugar tolerado enquanto útil, estabelecendo cumplicidades com os dominados (a «Mulher») e os puros (a «Amante»). Mas a meta de Greenaway vai mais longe, aflorando com rara violência e um certo despudor a febre consumista da sociedade actual que transforma tudo (mas literalmente tudo, dando os excessos de cão de início do filme até ao cadáver do «Amante» no final, passando por folhas de livro de uma História da Revolução Francesa, como que é assassinado o «Amante») em alimento e nutrição.

Se a exuberância plástica desta obra é evidente e ronda intencionalmente alguns aspectos o «mau gosto», não se poderá esquecer de referir também a fabulosa banda musical de Michael Nyman, um dos aspectos essenciais deste pesadelo que o talento de Greenaway converte num fascinante exercício de inteligência e ironia.

Crítica de teatro

Muito barulho para alguma coisa

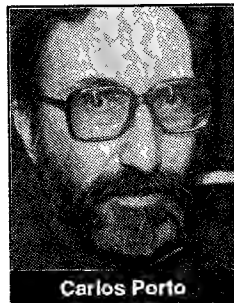
SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO (A Summer Night's Dream), de William Shakespeare. Encenação: Kenneth Branagh. Cenografia: Jenny Tiramani. Música: Patrick Doyle. Desenho de Luzes: Jon Linstrum. Interpretação: Chris Armstrong, Kenneth Branagh, Richard Briers, Ann Davies, Max Gold, Gerard Horan, Karl James, Edward Jewesbury, Bryan Kennedy, James Larkin, Sue Long, Francine Morgan, So Sionhám Remond, Simon Roberts, Ethna Roddy, Emma Thomson, Jimmi Yuill. The Renaissance Theatre Company (Londres). estreia em Lisboa: Teatro Municipal de São Luiz/2-05-1990.

A chegada a Lisboa, depois de passar por Porto e Coimbra, da Renaissance Theatre Company culmina uma campanha vertiginosa de promoção (marketing seria uma palavra mais apropriada) que não pode deixar de ter dois efeitos imediatos e que podem ser, ambos, perversos: o primeiro é o de conferir aos espectáculos ingleses uma dimensão social que o teatro não tem em Portugal e de que carece como de pão para a boca desde que essa dimensão social resulte de um empenhamento sincero e interessado do público em relação ao seu teatro e não de uma campanha que a artificializa através de estreias de gala e coisas do género. O segundo dos referidos efeitos consiste na criação de expectativas que os espectáculos podiam vir a trazer, com o esvaziamento desnecessário do QUE NESTA CAMPANHA PODIA SER MAIS SAUDÁVEL, ou seja, a demonstração da força social e da carga artística do teatro, embora neste caso da responsabilidade de uma companhia estrangeira. Algumas reacções que testemunhei em relação ao primeiro espectáculo apresentada pela companhia de Kenneth Branagh iam precisamente no sentido de não se ter entendido que o que o Teatro Nacional nos propunha não era mais, nem queria ser mais, do que um saudável e inteligente divertimento realizado com aquela limpeza, aquela eficácia, aquela técnica de representação de que o teatro inglês costuma dar provas. pedir mais a um espectáculo que honradamente se fica pela intenção de trabalhar para públicos maioritários, sacrificando por isso, necessariamente, quaisquer veleidades do imaginário vanguardista, seria um erro imperdoável, que alguns cometeram.

«Sonho de uma Noite de Verão» surge na encenação de Kenneth Branagh como uma peça sem problemas de leitura, sem enigmas. Trata-se de um jogo, muito bem clarificado sob o ponto de vista das suas zonas de representação, que assenta em duas bases essenciais: o texto e os actores. A definição do texto nas suas vertentes mitológica, teatral (como teatro no teatro) a paródia, é extremamente segura e sedutora no que se refere ao trabalho de marcação, ao trabalho dos actores, aos anacronismos propostos pela encenação (fatos e sacos, por exemplo), ao ritmo, que é um dos grandes trunfos deste espectáculo. Um ritmo que tem a ver não apenas com a marcação, com a definição das cenas, mas também com a própria língua e sobretudo com esse espantoso instrumento que é a voz dos actores ingleses, cuja técnica não me canso de admirar.

Mas o espectáculo não é nem quer ser mais do que isso; para o aceitar e para explicar o divertimento que nos propõe e que é óptimo, não devemos exigir mais, devemos mesmo aceitar um cenário à maneira do Victor Garcia dos anos 60, mas em mau e em pobre, e os fatos, alguns deles de um indescritível mau-gosto. Se fecharmos os olhos a isto, não poderemos deixar de admirar o trabalho deste grupo de actores que nos propõe alguns jogos teatrais de grande qualidade, de uma energia e de uma comunicabilidade quase perfeitas. É o que acontece, especialmente, com a cena dos dois casais, na segunda parte, cena admirável de graça, de elegância e de humor, pela marcação, interpretação, ritmo. Aliás, a partir dessa cena o espectáculo ganha uma vibração muito especial, entrando depois numa zona de relação muito produtiva com outra grande tradição do teatro inglês - o music-hall - o que torna o público imensamente feliz. É isso o que o espectáculo de Kenneth Branagh quer. E amplamente consegue, a meu ver. Será um acto de justiça destacar a contribuição que foi dada por intérpretes como Richard Briers e Emma Thompson, para citar apenas dois. E um terceiro: o próprio Kenneth Branagh que me pareceu excelente no papel de director da companhia. Mas falar em Laurence Olivier...

Deste espectáculo não se pode dizer, e ainda bem, tanto barulho para nada. Com as limitações apontadas, foi um prazer ver estes ingleses nesta peça de Shakespeare.



Carlos Porto

Peter Greenaway

Nasceu em 1942 em Inglaterra. Estudou pintura e realizou diversas exposições, sendo ainda ilustrador, romancista e montador de filmes documentais, actividade por onde se estreou no cinema, rodando vários trabalhos para o Central Office of Information. Em 1982, com O Contrato, torna-se num dos mais populares cineastas europeus de vanguarda. O seu grande sucesso de público é O Cozinheiro, o Ladrão, a sua Mulher e o Amante Dela.

Filmografia

Curtas e médias metragens: 1966: Train; Tree; 1967: Revolution; Five Postcards from Capital Cities; 1969: Intervals; 1971: Erosin; 1973: His for House; 1975: Windows; Water; Water Wracket; 1976: Gole by Numbers; 1977: Dear Phone; 1978: 1-100; A Walk Throgh H; Vertical Festures Remake; 1981: Act of God; Zandra Rhodes; 1983: Four American Composers; 1984: Making a Splash; A TV Dance - Canto 5; 1985: Insid Rooms - The Bathroom.

Longas-metragens: 1980: The Falls; 1982: The Daughters' Contrat (O Contrato); 1986: Z.O.O. a Zed and Two Noughts (Um Ze Dois Zeros, na RTP); 1987: The Bally of an Architect (O Ventre do Arquitecto, na RTP); 1988: Drowning by Numbers; 1989: The Cook, The Thief, his Wife and Her Lover (O Cozinheiro, O Ladrão, a sua Mulher e o Amante Dela).



Uma cena de «O Cozinheiro, o Ladrão, a sua Mulher e o Amante dela»

DESPORTO

Vuelta: Sicasal lá vai

Serafim Vieira continua a ser o melhor português na geral individual da volta à Espanha, cumprida a 14.ª etapa, na qual Manuel Abreu foi 5.º classificado. Serafim Vieira ocupa o 88.º lugar, com mais 59 minutos e 09 segundos que o «camisola amarela», o italiano Marco Giovannetti, enquanto a Sicasal mantém o 19.º posto na tabela por equipas. Jorge Silva ocupa o 1.º lugar na classificação das metas volantes (com 20 pontos apenas mais um que o espanhol Miguel Angel Iglésias).

Classificação dos ciclistas da equipa da Sicasal na tirada entre Santander e Najera, na extensão de 207 quilómetros: 1.º Groune Bernd (RFA, equipa de Estugarda, 5.14,25 horas; 5.º Manuel Abreu, mt.; 50.º António Pinto, mt.; 55.º Serafim Vieira, mt.; 100.º José Poeira, mt.; 125.º Cássio Freitas, a 8,14 minutos; 135.º Jorge Silva, mt.; 146.º Fernando Mota, mt.

Vuelta dos portugueses na classificação geral e diferenças em relação ao líder: 1.º Marco Giovannetti (Itália), Seur, 64.05,44 horas; 88.º Serafim Vieira, a 59.09 minutos; 104.º António Pinto, a 1.15,32 horas; 107.º Jorge Silva, a 1.17,54; 109.º José Poeira, a 1.19,45; 116.º Cássio Freitas, a 1.23,57; 133.º Manuel Abreu, a 1.35,13; 144.º Fernando Mota, a 1.45,57. Geral das metas volantes: 1.º Jorge Silva (Sicasal), 20 pontos; 2.º M. Angel Iglesias (Espanha), 19; 3.º Dirk De Wolf (Bélgica), 8. Geral por equipas: 1.º Once, 192.32,13 horas; 2.º Café Colombia, a 3,52 minutos; 3.º Kelme, a 5,22; 4.º Banesto, a 7,40; 5.º Seur, a 8,19;... 19.º Sicasal, a 2.24,08; 20.º Jolly, a 2.46,48.

«Costa Azul»
O VI Grande Prémio de Ciclismo da Costa Azul, a disputar de hoje até 12 do corrente, vai importar em mais de cinco mil contos revelou Edgar Costa, presidente da Região de Turismo de Setúbal-Costa Azul, numa conferência de Imprensa, onde afirmou que «cada vez mais se justifica apostar no binómio turismo-desporto, pois há que animar a vida das localidades e o ciclismo é a modalidade mais simpática para promover as belezas da região». A prova (num percurso de 692 quilómetros) é organizada pela Associação de Ciclismo do Distrito de Setúbal e abrange os concelhos de Almada, Alcácer do Sal, Seixal, Alcochete, Setúbal, Sines, Barreiro, Grândola e Montijo (distrito de Setúbal) com passagens por Odemira (Beja) e Vendas Novas e Montemor-o-Novo (Évora).

Segundo contou Eduardo Guilherme (presidente da Associação de Ciclismo do Distrito de Setúbal) «vão estar presentes as melhores equipas nacionais à excepção da Sicasal. O Grande Prémio tem cada ano mais participantes». Os principais patrocinadores da prova são as diversas câmaras municipais da região.

Com exigência de «depuração» no futebol sportinguista

Ivic a um passo de Alvalade

Com a aproximação do termo da temporada, os treinadores andam num virote. Sabido o interesse que o presidente sportinguista tem por Tomislav Ivic ou Marinho Peres (para a sucessão de há muito anunciada de Raul Águas) e enquanto o técnico brasileiro vem protelando a resposta ao convite, alegando permanentes razões particulares, o treinador jugoslavo que (episodicamente), passou pelo Benfica mas granjeou grande prestígio ao serviço do Porto parece mais perto de Alvalade, até porque o ordenado mensal pretendido (cerca de 5000 contos) é substancialmente inferior ao auferido por Eriksson no Benfica (mais de 8000 contos, fora prémios de jogo).

Nas conversações que tem tido com Sousa Cintra, é ponto firme mantido por Ivic, que, a mudar-se de França (Paris Saint-Germain) para o Sporting, fará uma grande depuração no Departamento de Futebol leonino, sendo curioso (por exemplo), adiantar-se o que pensará o ex-técnico portista que, em Tóquio, quando da Intercontinental, afirmou que *Gomes é finito*, sabendo-se que o *bibota de ouro* ainda tem mais dois anos de contrato com os verde-brancos.

Romão em Setúbal?

Quase garantido: José Romão não muda de Chaves para a Amadora, porque um belo convite do presidente sadino Fernando Oliveira pode encaminhá-lo para Setúbal. Simultaneamente, no Estrela, a clivagem entre dirigentes (António Soares e Aníbal Duarte) está dando hipótese de ascensão de Jaime Salvado à presidência, ficando por alguns dias retardada a rendição de João Alves (que vai para o Boavista), face a Manuel Fernandes ainda esperar qualquer proposta para integrar o corpo técnico do Sporting. Uma hipótese que cria forma entre os amadores é o recrutamento de José Augusto (ainda em Penafiel), falando-se que também Rui Mâncio (actualmente no União da Madeira) pode transferir-se para o Marítimo ou para o Desportivo de Chaves.

Belenenses em frente na Taça

Foi por unanimidade que o Conselho de Justiça da Federação de Futebol resolveu atribuir o triunfo ao Belenenses, no jogo disputado com o Vitória de Setúbal, no Bonfim, que foi interrompido a 14 minutos do termo do tempo regulamentar por falta de Luz, quando o «placard» estava em 2-0, favorável aos «azuis» lisboetas. Assim, derrotado na secretaria por 0-3, o Vitória sadino cede o lugar na Taça de Portugal aos comandados por Moisés de Andrade. O juiz dr. Vaz Sequeira, presidente do Conselho

de Justiça, revela ter sido atribuída a vitória à equipa de Belém por se entender que *compete ao clube da casa conservar em boas condições as suas instalações eléctricas. Como o Vitória de Setúbal não o fez, foi considerado culpado da situação.*

Ainda acerca da decisão tomada, Vaz Sequeira defendeu ser errado comparar este caso com o que aconteceu no jogo Maia-Gil Vicente (II Divisão Norte) destacando que, neste último, foram fenómenos naturais (trovoadas e chuvas) que provocaram a interrupção do encontro.

Valonguense trava a Taça

Segundo informa hoje o nosso prezado colega «O Jogo», o Valonguense acaba de interpor recurso da decisão do Conselho de Disciplina sobre o «caso Ricardo», solicitando a suspensão da realização do jogo Farense-Belenenses, previsto para a próxima 5.ª feira e incluído nas meias-finais da Taça. O Valonguense alega que o brasileiro Ricardo (Farense) foi utilizado *ilícita e abusivamente pelos algarvios, porque alinhou quatro dias depois de ter visto o 4.º cartão amarelo da época perante o clube nortenho, antes do Conselho de Justiça ter reunido e deliberado sobre o castigo* (mínimo de um jogo de suspensão) *que deveria ter cumprido*. Por seu turno, o Farense afirma que Ricardo Narusevicius cumpriu essa penalidade na 3.ª feira anterior ao jogo taceiro, num Farense-Louletano em reservas.

Campeonatos: fases derradeiras

Os vencedores das zonas Norte e Centro do Nacional de Futebol da 2.ª Divisão defrontam-se na jornada inaugural da 2.ª fase da prova (dia 10 de Junho) no recinto dos campeões nortenhos, ditou o sorteio efectuado em Lisboa. A 2.ª fase, que se disputa, entre os dias 10 e 30 de Junho (em duas voltas) e na qual intervêm os vencedores das três zonas, vai apurar o campeão nacional da divisão secundária.

No que respeita à 2.ª fase da 3.ª Divisão (constituída por duas zonas) o campeão da série «B» recebe, no dia 2 de Junho, o vencedor da zona «C», em confronto referente à jornada inaugural da Zona Norte. Por seu turno, no 1.º embate da Zona Sul (que será também efectuado a 2 de Junho) o vencedor da Série «E» enfrenta o vencedor da Série «D», no campo deste.

A «poule» da 3.ª fase do Nacional de juniores, com início no próximo dia 20, será constituída pelos encontros entre os vencedores da zona três e um, e entre os campeões da zona dois e quatro. A 3.ª fase do Campeonato de juniores (que será disputada entre os vencedores das quatro zonas, segun-



Ivic: mais barato que Eriksson, também pode voltar ao futebol português

do um esquema semelhante aos escafões seniores) termina no dia 24 de Junho.

No escalão de juvenis, a 3.ª e última fase do torneio nacional processa-se entre 14 de Junho e 8 de Julho, com a 1.ª jornada apresentando encontros entre os primeiros classificados da zona três e quatro, e os vencedores das zonas um e dois.

Quanto à 2.ª fase da Taça Nacional de Futebol Feminino, (entre 2 de Junho e 7 de Julho) a jornada inaugural vai opor as campeãs das zonas Centro e Sul.

Seleção: estágio na Holanda

A selecção nacional de futebol vai defrontar três equipas de clubes holandeses, durante um estágio a realizar na Holanda, entre 25 do corrente e 5 de Junho, a 1.ª concentração desde que Artur Jorge assumiu o seu comando técnico e integra o plano de preparação da equipa das «quinas» para a fase de apuramento para o «Europeu» de 1992, a disputar na Suécia. A nossa selecção defronta os clubes holandeses a 30 do corrente, 2 e 4 de Junho.

O seleccionador das «quinas» vai designar 21 ou 22 futebolistas para o estágio holandês e a lista de convocados será conhecida no próximo dia 18. Nota: já existe projecto para o calendário de jogos de 1990/91 e 1991/92, mas Artur

Jorge recusa-se a comentá-lo por ainda não ter sido aprovado pela direcção federativa. O técnico nacional considera «óptimas» as condições de trabalho na selecção, classificando igualmente como «ótima» a altura para o estágio da selecção na Holanda, «por ser a única». «Não se achou oportuno prejudicar a preparação do Benfica para a final da Taça dos Campeões Europeus (em Viena) e também se teve em conta o Campeonato Nacional de Futebol» — disse Artur Jorge, confirmando ainda que Portugal vai disputar dois encontros particulares, depois da fase final do «Mundial» de Itália; com a RFA (29 de Agosto) e com a Suécia (26 de Setembro).

Sporting - Porto: particular em França

Esta tarde (16 horas) duas formações representativas do Sporting e do Porto fazem um jogo em Paris, em espectáculo para os emigrantes. As duas turmas apresentam-se muito desfalcadas, especialmente os «dragões», que não fizeram deslocar o técnico Artur Jorge e os campeões nacionais Demol, Branco, Jaime Magalhães, Semedo, André, Jorge Couto, Madjer e Rui Águas.

João Pinto: nova lesão

João Pinto (Atlético madrileno) sofreu uma contusão no

joelho direito durante o jogo com o Elche (domingo) na 2.ª Divisão espanhola. A lesão do jogador português não é tão grave como se chegou a pensar, estando afastadas as suspeitas iniciais de fractura da rótula. Contudo, João Pinto terá de permanecer 48 horas em repouso absoluto para os médicos determinarem com rigor a gravidade da lesão.

«Eles (jogadores do Elche) queriam partir-lhe a perna desde o princípio do jogo e acabaram por quase o conseguirem», comentou Jesus Gil y Gil (presidente do clube) em declarações a um jornal de Alicante no final da partida, que a filial do Atlético de Madrid perdeu, por 1-0.

Fiorentina: «casa» em Avellino

A Fiorentina, cujo estádio ficou interditado por mau comportamento dos seus adeptos, decidiu escolher Avellino (Sul de Itália) para local do jogo da 2.ª «mão» da final da Taça UEFA (dia 16) frente à Juventus, clube do português Rui Barros. A UEFA interditou o campo da Fiorentina, determinando que o jogo da 2.ª «mão» teria de disputar-se fora de um raio de 300 quilómetros de Florença.

A Fiorentina terá de anular (em Avellino) a desvantagem de 3-1 trazida da 1.ª «mão» da final frente à Juventus, em Turim.

DESPORTO

Mesmo que a uva da vindima que resta, seja destinada a vinagre, Artur Jorge não consentirá que ela fique na videira

Porto de honra na ressaca do campeonato

Bem, quanto ao merecimento do triunfo do FC Porto no campeonato ainda em marcha, já tudo deverá ter sido escrito. Honra ao mérito, porque a honra não se discute e o mérito é inquestionável. Os dois encontros que restam para cumprimento do calendário portista, nada adiantam. Os «dragões» dispensam os pontos em confronto. Mas vão discutir com a mesma dignidade que exibiram ao longo das 32 jornadas que contavam para a «tabela». Artur Jorge não tolera «brincadeiras em serviço» e até ao lavar dos cestos, a vindima continua mesmo que a uva apanhada seja para vinagre.

Estivemos, durante toda a maratona futebolística bem atentos ao comportamento da turma das Antas e fomos atentos na correcta aplicação das normas instituídas por Artur Jorge (excelentemente interpretadas por Octávio Machado, Hernâni Gonçalves, Luís César e demais elementos que integram o gabinete técnico do clube) e não descuidamos o comportamento do executivo liderado por Pinto da Costa (exemplarmente secundado por Pôncio Monteiro, Reinaldo Teles e todos os outros componentes de uma verdadeira equipa).

Título que deverá ser atribuído ao colectivo. Desde Pinto da Costa a Vítor Baía, de Domingos Gomes a João Pinto, de Artur Jorge a Jaime Magalhães, de Reinaldo Teles a André, de Octávio Machado a Rui Águas, de Sardoeira

Pinto a Jorge Couto e (essencialmente) desde o sócio de ontem, ao de 1906. Venceu o Futebol Clube do Porto. Está em festa os «dragões». O futebol também.

Títulos e goleadores

Desde a sua fundação (2 de Agosto de 1906), o Futebol Clube do Porto é, inquestionavelmente, um dos mais poderosos clubes de futebol a nível nacional, europeu e mundial. Porque venceu diversos campeonatos nacionais, conquistou a Taça dos Campeões Europeus, venceu uma Supertaça e arrecadou uma Intercontinental. Acresce, ao brilhante palmarés, ter sido finalista na Taça das Taças. A nível nacional temos: quatro campeonatos de Portugal (1921/22, 1924/25, 1931/32 e 1936/37); um Campeonato da Liga (1934/35), 10 campeonatos nacionais, quatro supertaças Cândido de Oliveira, 13 Taças de Portugal, 13 campeonatos de juniores, 13 vezes vencedor da Taça Nacional de juvenis, seis triunfos na Taça Nacional de iniciados e ainda a conquista de uma Taça Nacional de infantis.

Entre os melhores marcadores de golos do historial dos campeonatos nacionais (Jorge Couto obteve no domingo o n.º 3342), Pinga foi o primeiro distinguir-se na arte de bem rematar tendo como sucessores: Costuras (1939), Kordnya (1940), Correia Dias (1942), Araújo (1948), Azumir (1962) e, finalmente, Fernando Gomes que superou to-



Francisco Paraiso

Plantel de luxo

da a concorrência nos anos 1977, 1978, 1979, 1983, 1984 e 1985, tendo-se metido pelo meio, Jacques que se cotou como o goleador-mor na época de 1981/82.

Ainda a propósito de golos, o FC Porto sofreu ao longo dos 56 campeonatos nacionais (52 mais os quatro da Liga) 1512.

Outros números

Quanto aos pontos averbados nas 56 provas os portistas somaram 2059 nos 1438 jogos realizados o que equivale a 817 deixados no boral dos adversários.

Outras curiosidades: no total dos (56) campeonatos disputados e quando restam duas jornadas para o termo da prova o FC Porto regista 896 vitórias, 263 empates e 273 derrotas.

No «ranking» nacional os «dragões» ocupam o 3.º lugar

no «ranking» seguidos do Benfica e do Sporting. Eis a ordem:

Clube	Pres.	Jogos	Pont.
Benfica	56	1438	2277
Sporting	56	1438	2106
Porto	56	1438	2059

Clubes em presença: nos 56 campeonatos, participaram 59 clubes, com a curiosidade de apenas o Benfica (28 títulos), Sporting (16) e o FC Porto (11) serem totalistas. Já agora refira-se o nome dos clubes que participaram somente uma vez: Fafe, Recreio de Águeda, Desportivo das Aves, Riopele, União de Lisboa, União de Coimbra, Ginásio de Alcobaça, Vizela, Leça, Oliveirense e Casa Pia.

Este campeonato

A supremacia portista neste campeonato tem resposta nos números: 32 jogos, 26 vitórias, quatro empates, duas derrotas, 68 golos marcados e 14 sofridos. Quanto ao ritmo de resultados foi assim:

Os 68 golos marcados até agora, Rui Águas soma 17, enquanto Madjer rubricou 13 seguindo-se Demol com 10.

No domínio da (in)disciplina, André já viu o amarelo por seis vezes, Branco foi contemplado com a mostragem de cinco amarelos e um vermelho, Geraldão e Demol seguem-se com quatro amarelos. O vermelho só foi visto por Branco.

Quanto a árbitros nomeados para os jogos do FC Porto temos: José Pratas, Pinto Correia e Ezequiel Feijão (três jogos cada); José Silvano, Veiga Trigo, Francisco Silva, Rosa Santos, Bento Marques (duas) e Manuel Nogueira, Mário Leal, Donato Ramos, João Simãozinho, António Marçal, Serafim Alvito, Francisco Carroço, José Guímaro, José Filipe e Xavier Oliveira (uma).

A curiosidade consiste no facto de Ezequiel Feijão (um árbitro de inquestionável craveira) ter dirigido os dois encontros com o Marítimo.

Alves Henriques

Artur Jorge com três títulos conquistados é o treinador português mais vitorioso e entre os estrangeiros somente se encontra superado por Otto Glória (cinco triunfos)

Painel

Quando em 1934, teve início o Campeonato da Liga, o triunfo pertenceu ao Futebol Clube do Porto sendo treinador o húngaro (mais tarde naturalizado português) Joseph Szabo e, nas três seguintes edições da prova com aquela designação, a vitória pertenceu ao Benfica sob orientação do húngaro Lipo Herzka.

A partir de 1938/39, a competição máxima do futebol português passou a denominar-se Campeonato Nacional e a história conta-se pelos números e nomes. O «quadro de honra» aqui fica:

Ano	Clube	Treinador	Nacionalidade
1938/39	FC Porto	François Gutkas	Austríaco
1939/40	FC Porto	M. Siska	Húngaro (a)
1940/41	Sporting	Joseph Szabo	Húngaro (a)
1941/42	Benfica	Janos Biri	Húngaro (a)
1942/43	Benfica	Janos Biri	Húngaro
1943/44	Sporting	Joseph Szabo	Húngaro
1944/45	Benfica	Janos Biri	Húngaro
1945/46	Belenenses	Augusto Silva	Português
1946/47	Sporting	Robert Kelly	Inglês
1947/48	Sporting	Cândido Oliveira	Português (b)
1948/49	Sporting	Cândido Oliveira	Português
1949/50	Benfica	Ted Smith	Inglês
1950/51	Sporting	R. Galloway	Inglês (b)
1951/52	Sporting	R. Galloway	Inglês (c)
1952/53	Sporting	R. Galloway	Inglês (c)
1953/54	Sporting	Tavares da Silva	Português (d)
1954/55	Benfica	Otto Glória	Brasileiro
1955/56	FC Porto	D. Yustrich	Brasileiro
1956/57	Benfica	Otto Glória	Brasileiro
1957/58	Sporting	E. Fernandez	Uruguaio
1958/59	FC Porto	Bela Guttman	Húngaro (e)
1959/60	Benfica	Bela Guttman	Húngaro
1960/61	Benfica	Belga Gutman	Húngaro
1961/62	Sporting	Juca	Português
1962/63	Benfica	F. Riera	Chileno
1963/64	Benfica	Lajos Czeizler	Húngaro
1964/65	Benfica	Elek Schwartz	Romeno
1965/66	Sporting	Otto Glória	Brasileiro (f)
1966/67	Benfica	F. Riera	Chileno
1967/68	Benfica	Otto Glória	Brasileiro
1968/69	Benfica	Otto Glória	Brasileiro
1969/70	Sporting	Fernando Vaz	Português
1970/71	Benfica	Jimmy Hagan	Inglês
1971/72	Benfica	Jimmy Hagan	Inglês
1972/73	Benfica	Jimmy Hagan	Inglês
1973/74	Sporting	Mário Lino	Português
1974/75	Benfica	Milorad Pavic	Húngaro
1975/76	Benfica	Mário Wilson	Português
1976/77	Benfica	John Mortimore	Inglês
1977/78	FC Porto	J.M. Pedro	Português
1978/79	FC Porto	J.M. Pedroto	Português
1979/80	Sporting	F. Mendes	Português
1980/81	Benfica	Lajos Baroti	Húngaro
1981/82	Sporting	Macolm Allison	Inglês
1982/83	Benfica	S.G. Eriksson	Sueco
1983/84	Benfica	S.G. Eriksson	Sueco
1984/85	FC Porto	Artur Jorge	Português
1985/86	FC Porto	Artur Jorge	Português
1986/87	Benfica	John Mortimore	Inglês
1987/88	FC Porto	Tomislav Ivic	Jugoslavo
1988/89	Benfica	Toni	Português
1989/90	FC Porto	Artur Jorge	Português

a) Viria adquirir a nacionalidade portuguesa

b) Coadjuvado por Fernando Vaz

c) Coadjuvado por Alvaro Cardoso

d) Coadjuvado por José Szabo (então já naturalizado português)

e) Rendido pelo brasileiro Otto Bumbel

f) De parceria com Juca

Como se verifica, nos 52 campeonatos nacionais (incluindo o que ainda decorre), o Benfica trepou ao pódio 25 vezes (mais três na Liga), o Sporting arrecadou 16 troféus, o FC Porto venceu 10 edições (mais um da Liga) e o Belenenses triunfou em 1945/46 sendo o primeiro título obtido sob comando de um treinador português (Augusto Silva).

Refira-se que foram 11 os treinadores lusos a inscrever o seu nome no painel de honra. Foram eles: Augusto Silva, Cândido de Oliveira, Tavares da Silva, Juca, Fernando Vaz, Mário Lino, Mário Wilson, José Maria Pedroto, Artur Jorge e António Oliveira «Toni». Acrescente-se que enquanto Pedroto e Cândido de Oliveira bisaram, Artur Jorge acaba de fazer o «tri».

Como se poderá observar no quadro, Otto Glória foi quem rubricou mais êxitos (5 títulos), seguindo-se com três (e para além do já citado Artur Jorge), Janos Biri, R. Galloway, Bela Guttman e Jimmy Hagan.

Sobre os técnicos que conduziram o FC Porto à conquista do seu 11.º título de campeão nacional foram Joseph Szabo, François Gutkas, M. Siska, Dorival «Yustrich», Bela Guttman, José Maria Pedroto, Tomislav Ivic e Artur Jorge.



Rui Águas: o sucessor de Pinga, Costuras, Correia Dias e Gomes

DESPORTO

Futebol lá por fora Italianos insultam e assobiam a selecção

A selecção italiana de futebol foi recebida com frieza e alguns jogadores apupados pelos adeptos da Fiorentina, quando a equipa chegou no domingo ao centro de estágio de Converciano (Florença).

A Imprensa transalpina considera que a má recepção proporcionada à Squadra Azzurra poderá ser um mau presságio para o Campeonato do Mundo que se aproxima.

Os adeptos da Fiorentina assobiaram e insultaram alguns dos jogadores da selecção, devido a rivalidades clubísticas no campeonato, chegando a atingir os carros dos futebolistas, à chegada ao centro de estágio, onde a selecção inicia a sua preparação para o mundial.

O centro-campista Nicola Berti, que deixou a Fiorentina há dois anos para ingressar no Inter de Milão, foi um dos mais atingidos pelos adeptos, que não lhe perdoaram ter deixado a equipa. O jogador chegou ao centro de estágio num veículo da Polícia, que o protegeu. «Iniciámos mal a longa caminhada... começámos com a Polícia a proteger os jogadores», escreve o «Gazzetta dello Sport» na primeira página. «A equipa italiana atacada pelos adeptos», titulava o «Corriere dello Sport», de Roma.

Devido a estes incidentes, o presidente da Federação Italiana de Futebol, Antônio Matarrese, afirmou que pretende alterar os planos de preparação da selecção, transferindo-a de Converciano para Marino, perto de Roma.

Clubes ingleses na «corda mamba»

O presidente da União Europeia de Futebol (UEFA), o sueco Lennart Johansson, afirmou que o regresso das equipas inglesas às taças europeias, a decidir no dia 24, poderá sofrer um revés, devido aos incidentes no último fim-de-semana.

Johansson criticou as autoridades desportivas britânicas: «Nós queremos que os clubes ingleses regressem às competições europeias, e vamos fazer tudo para que isso suceda, pois já é tempo, no entanto, após os incidentes de fim-de-semana nos estádios, estou muito céptico sobre a autorização para o regresso dos clubes ingleses», acrescentou Lennart Johansson, salientando que vai reunir-se no sábado com o secretário-geral da UEFA, Gerhard Aigner, com o ministro dos Desportos britânico (Moynihan), e outros dirigentes do futebol britânico.

«Os responsáveis pelo futebol inglês terão de dizer à UEFA o que querem, e se é possível o regresso ou não à Europa. A sua opinião será importante para a nossa reunião a realizar dia 24 de Maio em Viena», acrescentou o presidente da UEFA.

No sábado registaram-se incidentes em várias cidades inglesas, após jogos da Segunda Divisão. O incidente mais grave ocorreu em Bournemouth, após o jogo com o Leeds United, tendo ficado feridas 20 pessoas. A Polícia prendeu 73 adeptos.

Espanha: convocações

Os defesas Rafael Alkorta e Fernando Hierro são as principais novidades na lista dos 22 futebolistas convocados pelo seleccionador espanhol, Luis Suarez para o Itália-90.

O técnico espanhol apostou na juventude e causou alguma surpresa ao convocar estes dois jovens, ambos de 22 anos, para a equipa que vai ao mundial. No entanto, o seleccionador disse que a chamada destes dois jogadores se deve ao facto de ambos serem polivalentes: Alkorta, do Atlético de Bilbao, pode actuar tanto a central como a lateral-esquerdo, e Hierro, do Real Madrid, joga em qualquer posição na defesa.

A ausência mais notada na equipa para Itália é a do centro-campista Eusebio, do Barcelona, substituído por Rafa Paz, do Sevilla. «Eusebio pode actuar em diferentes posições no centro do terreno, e Rafa Paz joga apenas pelo corredor direito, mas depois de meditar, optei por este último», afirmou Luis Suarez, referindo que chamou à selecção o grupo mais idóneo do futebol espanhol actual.

José Maria Bakero, do Barcelona, que esteve ausente devido a lesão, foi convocado, devido à sua experiência e capacidade de goleador. «Tentaremos chegar o mais longe possível, e tal como as restantes selecções finalistas, antes de jogar temos grandes aspirações», acrescentou o técnico.

Luis Suarez disse não ter avisado outros jogadores para eventuais substituições de última hora devido a lesão, pois o prazo limite para entregar a lista de convocados na FIFA termina a 29 de Maio. No entanto salientou que «os possíveis reforços estão controlados».

A lista dos 22 jogadores espanhóis para Itália é a seguinte: **GUARDA-REDES:** Zubizarreta (Barcelona), Ochotorena (Valência) e Ablanedo (Sporting Gijón); **DEFESAS:** «Chendo», Manuel Sanchis e Fernando Hierro (Real Madrid), Jimenez (Sevilha), Andrinua (Atl. Bilbao), Gorritz (Real Sociedad), Quique Sanchez (Valência) e Alkorta (Atl. Bilbao); **MÉDIOS:** Michel e Rafael Martín Vazquez (Real Madrid), Fernandez (Barcelona), Rafa Paz (Sevilha), Fernando (Valência) e Villarroya (Saragoça); **AVANÇADOS:** Manolo (Atl. Madrid), Butragueño (Real Madrid), Julio Salinas e José Maria Bakero (Barcelona), Miguel Pardeza (Saragoça).

Hugo Sanchez iguala Telmo Zarra

O mexicano Hugo Sanchez, avançado do Real Madrid, igualou o recorde de 39 anos que pertencia a Telmo Zarra, como melhor marcador do Campeonato de futebol da Espanha, com 38 golos na temporada que terminou no domingo.

Sanchez, que marcou quatro golos de grande penalidade, foi o melhor «artilheiro» da Liga espanhola, com mais cinco golos do que Polster, do Sevilla, que dos seus 33 marcados, sete foram de «penalty».

Franqueadas as portas do circuito de velocidade de Jerez de la Frontera, o campeonato do mundo de motociclismo faz a entrada na Europa, pela Espanha

Até como motos...

Do nosso enviado especial

Calcula-se que mais de 170 mil adeptos do circo das duas rodas se tenham lançado à estrada, num festival de cor e concerto de escapes, para dar as boas vindas à terceira prova do campeonato do mundo de motociclismo, nas classes de 125, 250, 500 c.c. e side-cars. Se a formula um é para ver no sofá, de copo na mão, as provas de motos - todas as provas - são uma onda incontrolável de alegria, imaginação e liberdade que só os pérgas de metal detêm.

Desiludam-se os detractores do motociclismo se dele apenas retiraram a violência de uma liberdade que os constrange ou o distanciamento das melancólicas Gold Wing estereofónicas e climatizadas. Para os que acham que as motos são um veículo perigoso, talvez fosse interessante saber quem detém a pole-position dos acidentes: se elas ou os pacíficos automóveis.

Enquanto prevalecer a ideia - se fosse só isso! - de que a moto é um veículo de luxo, e como tal onerar com esse tique o imposto de circulação; enquanto não tivermos uma pista permanente de motociclismo, a menos que o projectado autódromo de Braga saiba descomplexar essa falsa questão; enquanto se continuar a ver os motociclistas como marginais ou snobes, os milhares de portugueses que vieram a Jerez terão de continuar a trocar escudos por pesetas e estradas criminosas por vias terrestres civilizadas. Quando é que os condutores portugueses das grandes cidades se aperceberão que é preferível combater o stress urbano investindo o dinheiro das multas na aquisição de uma moto?

Adelante, tio... Ocupado o

território compreendido entre a baía de Cádiz e Sevilha - há mais de um mês que se esgotaram quaisquer possibilidades de alojamento - Jerez transformou-se num efervescente salão de motos a desafiar a passividade das quatro rodas.

Servida por um aeroporto sensivelmente a meio da auto-estrada que liga a capital da Andaluzia ao seu porto Atlântico, soube aproveitar essas infra-estruturas para criar um autódromo internacional, e arrecadar uns milhões de pesetas, em progressão. Por outro lado, a Espanha detém uma tradição motociclista exemplar (basta recordar Ángel Nieto) e um parque de duas rodas que encosta os portugueses ao Atlântico.

Mais que as corridas, o que se vive em Jerez é a feérie dos paddocks e das boxes, dos acampamentos delirantes, o incenso das octanas e do couro, a serenata de decibéis. É voltar a sentir no rosto o vento a mais de 180 km/h ou curvar como uma ave na estrada que liga Badajoz a Sevilha, numa Honda CBR 1000 F, para vir dar os resultados das quatro provas decorridas em Jerez de la Frontera.

Contrariando a modorra mediterrânica, as provas de domingo cumpriram os horários com uma precisão helvética (sob um calor andaluz de se pôr o capéu!) com a largada das motos de 125 c.c. Partindo da pole-position, o espanhol Jorge Martínez (JJ Cobas Rotax) foi o vencedor das 22 voltas aos 4,218 quilómetros do circuito. A escassos dez centésimos do segundo quedou-se o francês S. Prein (Honda Lanson), detentor da melhor volta - a 20ª - quando fez 1'56.223, à média de 130.625 km/h. Foi uma prova morna,

mais para massajar as emoções e limpar as variáveis que os treinos deixaram no asfalto.

Para a corrida de 250 cc, eram precisas 24 voltas para perfazer um total de 101,232 quilómetros. Detentor da pole-position, Helmut Bradl (Honda HB) foi substituído no comando, logo à largada, pelas Yamahas de John Kocinski (Malboro Roberts) e Luca Cadalora (Agostini Malboro). A liderança da corrida de 250 cc conheceria só quatro alternâncias, sempre entre Kocinski e Cadalora, enquanto Bradl se preocupava mais em manter a terceira posição.

Cadalora faria à sexta volta a melhor da prova, com 1'50.318, à média de 137,646 km/h. Mas os momentos mais emocionantes desta prova viveram-se na última volta, quando na antepenúltima curva Cadalora ultrapassou Kocinski, que por sua vez o dobrou na última, recuperando o comando (só perdido por escassos metros) da corrida de 250 cc, que ganhou.

Nessa mesma volta, o campeão espanhol de 125 cc, Alex Criville, juntou-se na enfermaria ao francês Dominique Sarron, que terminou nos fardos de palha a defesa da quinta posição.

Prova rainha de Jerez, para a de 500 cc as atenções concentravam-se na primeira fila da grelha da partida, inevitavelmente protagonizada por Michael Doohan (pole-position), Wayne Rainey, Wayne Gardner e Dominique Sarron. Os pilotos da Honda Rothmans, Doohan e Gardner, equipavam pneus tipo A (a fina flor da borracha), face aos tempos que Doohan conquistara nos treinos, apesar de correr com a moto de reserva. Mistérios das afixações,

surpresas das condições climáticas. O inverno passado, Doohan deslocou-se a Jerez para treinos.

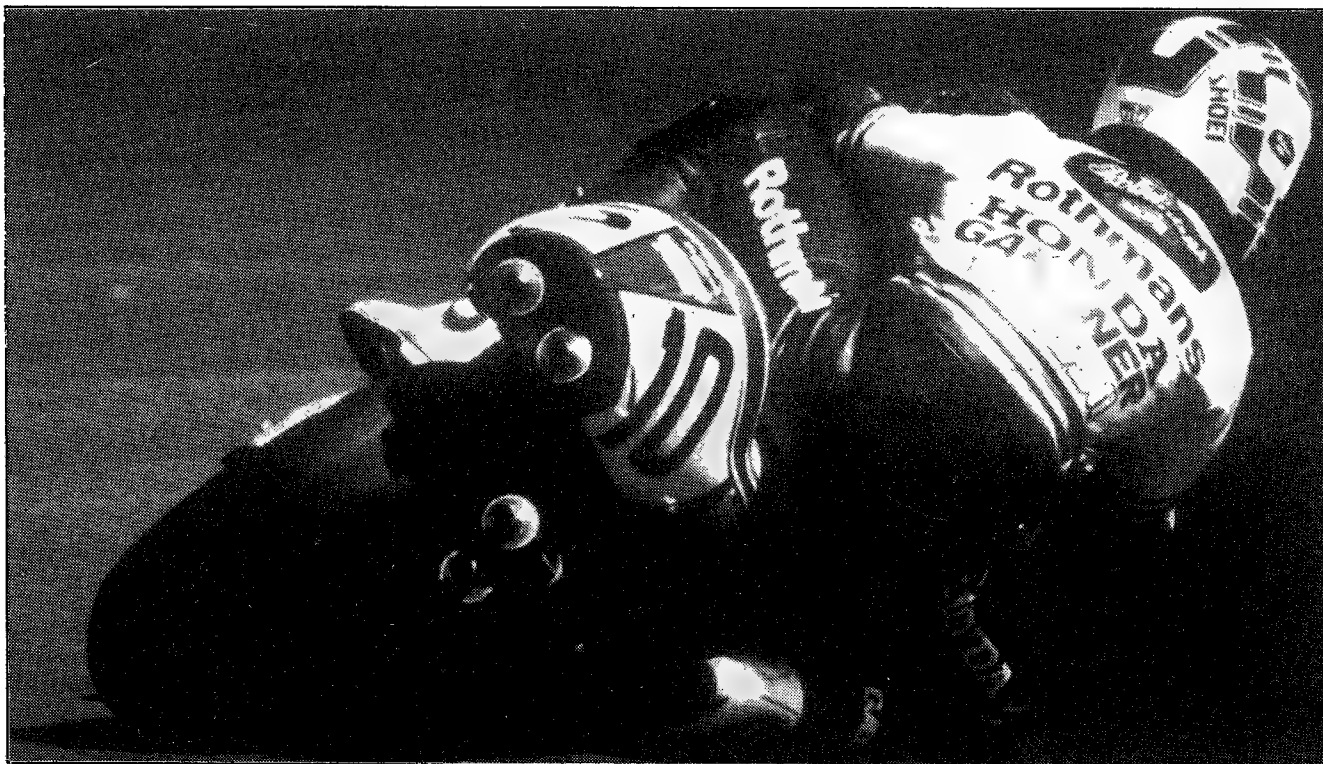
Mas os dois Wayne australianos, Gardner e Rainey (Yamaha Malboro Roberts), uma vez mais vieram acertar acelerações e desafiar a gravidade conquistando os dois primeiros lugares, respectivamente. A meio da corrida, o domínio de Rainey foi surpreendido pela astúcia de Gardner que, numa memorável ultrapassagem por dentro, na curva que antecede a recta da meta, se distanciou irremediavelmente (7" 307) do seu compatriota.

Doohan, que na quarta volta fazia o melhor tempo, 1' 48.290, à média de 140.223 km/h, foi o quarto classificado, suplantado pelo norte-americano Swantz, da Suzuki Lucky Strike. O brasileiro Alex Barros (Cagiva Corse) ficou-se pela última posição (17ª) a 27 voltas do estonteante Gardner.

A prova de side-cars, curiosamente, desmoronou a impressionante moldura humana que vitalizava os áridos cerros que ladeiam a pista. Apesar da espectacularidade da prova, sobretudo o curvar, os amantes das rodas voltaram as costas a uma modalidade híbrida, a um conflito entre o kart e a moto.

Uma última palavra para a amabilidade da equipa Honda Rothmans aos convidar os jornalistas portugueses para este grande prémio. Mais que proporcionar-lhes uma experiência e um espectáculo inesquecíveis, cumulou-os de atenções (sorteou, por exemplo, uma viagem aos três próximos grandes prémios, Iugoslávia, Holanda e França) e recebeu-os num firmamento de estrelas. O profissionalismo até nem cansa...

Jorge Fallorca

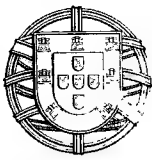


Wayne Gardner: vencedor em Jerez de la Frontera

AGENDA

I Série N.º 105
Dia 8 de Maio

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 18/90:
Distribuição de indemnizações compensatórias e subsídios não reembolsáveis.

Decreto Regulamentar n.º 11/90:
Procede ao ajustamento das remunerações do director e respectivos assessores do Secretariado para a Modernização Administrativa.

Ministério das Finanças

Despacho Normativo n.º 30/90:
Atribui ao Secretário de Estado do Tesouro a competência para a aplicação de coimas decorrentes de contra-ordenações por infracções à legislação cambial.

Ministérios das Finanças e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 344/90:
Altera o quadro de pessoal da Direcção-Geral de Inspeção Económica (DGIE).

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto-Lei n.º 146/90:
Desenvolve o regime do processo de concurso próprio para as categorias de ministro plenipotenciário e de embaixador.

Portaria n.º 345/90:
Fixa o mapa do pessoal assalariado da Embaixada de Portugal em Caracas, com efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1990.

Portaria n.º 346/90:
Fixa o mapa do pessoal assalariado do Consulado-Geral de Portugal em Joanesburgo, com efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1990.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 347/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Monte Ruivo e Angeirinha», «Herdade do Cesseiro» e «Courela da Samarra», situadas na freguesia e concelho de Viana do Alentejo.

Portaria n.º 348/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Monte do Olival», «Monte do Outeiro» e outras, situadas na freguesia de Odívetas, concelho de Ferreira do Alentejo.

Portaria n.º 349/90:
Estabelece normas relativas ao Programa Nacional de Sementes. Revoga a Portaria n.º 10/89, de 5 de Janeiro.

Portaria n.º 350/90:
Rectifica a Portaria n.º 855/89, de 29 de Setembro, que sujeita ao regime cinegético especial várias propriedades situadas na freguesia de Espírito Santo, concelho de Mértola.

Ministério da Educação

Portaria n.º 351/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Santarém, através da Escola Superior de Gestão, a conferir o diploma de estudos superiores especializados em Marketing e Consumo e regula o respectivo curso e condições de acesso.

Ministérios das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-Lei n.º 147/90:
Revoga o Decreto-Lei n.º 46 788, de 23 de Dezembro de 1965, na parte respeitante às faixas de terreno *non aedificandi* afectas por aquele diploma ao ramal ferroviário para a Margueira.

Região Autónoma dos Açores

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 17/90/A:
Aprova a Lei Orgânica da Secretaria Regional do Turismo e Ambiente.

O ESTADO DO TEMPO

H O J E

CONTINENTE

Em todo o território Céu muito nublado no Centro e Sul e pouco nublado nas regiões do Norte, aumentando de nebulosidade a partir da manhã. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas, em especial durante a tarde e nas regiões do interior. Vento geralmente fraco.

Mar encrespado com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e com ondulação Sueste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

Amanhã e depois

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante Leste. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas em especial nas regiões do Sul.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante Oeste. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

Mar encrespado com ondulação Norte de 1 a 2 metros na Costa Norte e também encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã e depois

Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado de Norte, por vezes com rajadas fortes e sendo fraco na área do Funchal. Aguaceiros nas vertentes voltadas ao Norte.

AÇORES

Grupo Ocidental

Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado de Nordeste, tornando-se fraco a partir da noite. Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 3 metros.

Grupos Central e Oriental

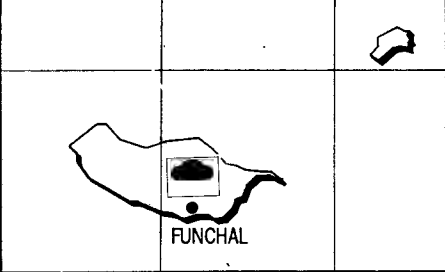
Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado de Nordeste. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Amanhã e depois

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de Sul no Grupo Ocidental e de Nordeste nos grupos Central e Oriental.

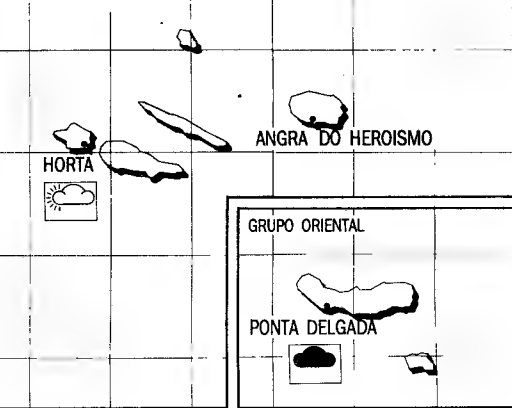
* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



AÇORES

GRUPO CENTRAL



- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoadas
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

M A R É S

Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
03.06 3,4m	08.44 0,9m
15.24 3,5m	21.01 0,8m

Amanhã

03.43 3,4m	09.15 0,8m
15.59 3,5m	21.33 0,8m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Bragança.....	10	11	P. nub.
V. Castelo.....	11	11	Neblina
Vila Real.....	10	10	P. nub.
Porto.....	10	13	Neblina
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	13	14	Neblina
C. Carvoeiro.....	15	15	P. nub.
C. Branco.....	14	14	M. nub.
Portalegre.....	16	16	Neblina
Lisboa.....	16	16	Neblina
Évora.....	13	13	Neblina
Beja.....	13	14	M. nub.
Faro.....	12	12	M. nub.
Sagres.....	13	15	Encoberto
P. Delgada.....	15	15	M. nub.
Horta.....	16	16	P. nub.
Funchal.....	14	16	M. nub.

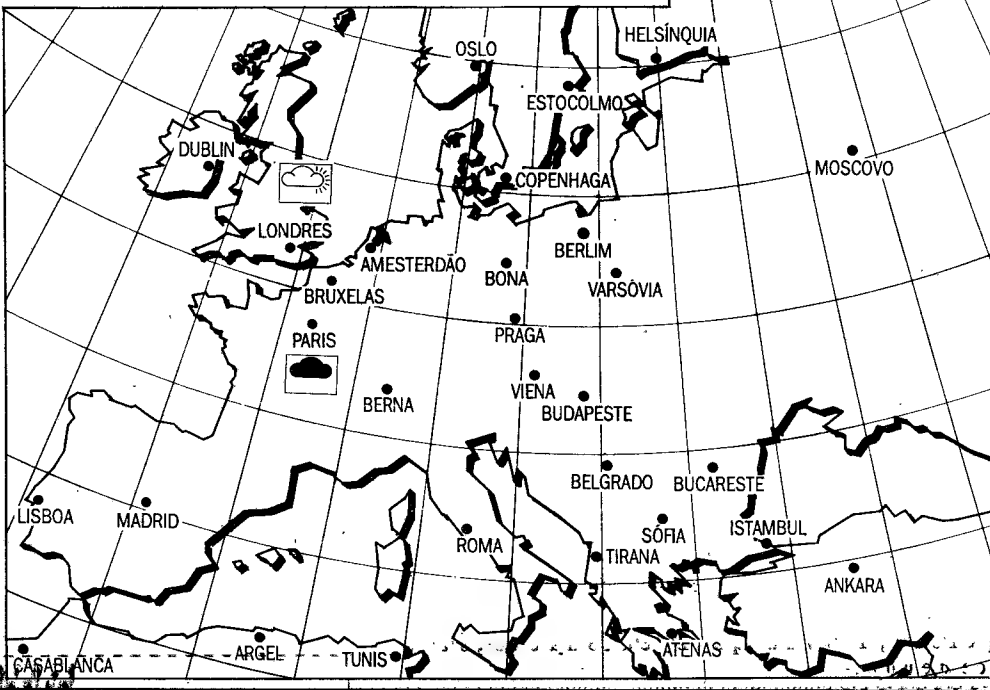
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 24; Porto, 26; Faro, 21; P. Delgada, 19; Funchal, 21.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid.....	10	10	P. nub.
Londres.....	7	8	P. nub.
Paris.....	12	14	M. nub.
Bruxelas.....	9	10	Neblina
Amsterdão.....	2	11	Neblina
Genebra.....	9	10	M. nub.
Roma.....	9	11	Limpo
Oslo.....	13	14	P. nub.
Copenhaga.....	11	16	P. nub.
Estocolmo.....	4	10	M. nub.
Berlim.....	13	16	P. nub.
Viena.....	7	13	P. nub.
Varsóvia.....	11	15	P. nub.
Atenas.....	13	17	Neblina
Moscou.....	7	7	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	7	25	Quente
Houston.....	13	26	Aguaceiros
Los Angeles.....	18	31	P. nub.
Montreal.....	2	13	Limpo
Nova Iorque.....	8	18	Limpo
S. Francisco.....	10	20	Neblina
Toronto.....	1	15	Limpo
Vancouver.....	5	15	Limpo
Washington.....	9	18	Limpo
Hong Kong.....	17	26	Limpo
Melbourne.....	11	22	Aguaceiros
Pequim.....	12	22	P. nub.
Perth.....	9	20	Limpo
Singapura.....	24	33	Trovoadas
Sydney.....	13	26	Limpo
Tóquio.....	13	20	Chuva
Wellington.....	9	13	Aguaceiros



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Bairro América: Costa Ferreira, Rua Fernão Magalhães, 33, Tel. 8149448; **Baixa:** Du-
rão, Rua Garrett, 90, Tel.
3476185; **Campo de Ourique:**
Condestável, Rua Coelho da
Rocha, 119, Tel. 666206; **Chile**
- **Alto São João:** Vitalis, Rua
Morais Soares, 69-C, Tel.
8141779; **Estefânia:** Morgado
Lourenço, Largo D. Estefânia,
4-5, Tel. 554808; **Estrela:**
Martins, Calçada da Estrela,
165-167, Tel. 660823; **João XXI:**
Onilda, Av. João XXI, 13-A,
Tel. 886848; **Lumiar - Quinta**
do Lambert: Reis, Rua Pedro
Bandeira, 2-A, Tel. 7597432;
Marquês Pombal - Picoas:
Correia Almeida, Av. Fontes
Pereira de Melo, 21, B-C, Tel.
547385; **Olivais Norte:** Cen-
tral Olivais, Rua Alferes Bar-
rilaro Ruas, 7-C, Tel. 315539;
Palhavã: Aguiar, Av. Colum-
bano Bordalo Pinheiro, 98-
A, Tel. 7260934; **Santo Amaro:**
Correia Azevedo, Rua Luís
Camões, 42-B, Tel. 3638625;
Buraca - Amadora: Vaz
Martins, Praceta Fernando
Pessoa, Loja E - 36-B, Tel.
970660; **Carnaxide:** Central
Carnaxide, Av. Portugal, 16-
B, Tel. 4184913; **Odivelas:**
Gonçalves, Rua Dr. Egas
Moniz, 30-B, Tel. 9815662;
Pontinha: Pontinha, Estrada
Santo Elói, 4 Lote SE, Tel.
479220.

REFORÇO

Ajuda: Lídia Almeida,
Calçada da Ajuda, 170, Tel.
3637318; **Alvalade:** Cartaxo,
Av. da Igreja, 21-C, Tel.
897958; **Avenidas Novas:**

Valle, Av. Visconde Valmor,
60-B, Tel. 773043; **Benfica -**
Igreja: Marques, Estrada
Benfica, 648, Tel. 700096;
Campolide: Pátria, Calçada
dos Mestres, 30-A, Tel. 680627;
Hosp. São José - Desterro:
Silmar, Rua São Lázaro, 128,
Tel. 542829; **Infante Santo -**
Pampilha: Infante Santo, Rua
Olival, 290, Tel. 661063;
Palácio São Bento: Micael,
Rua São Bento, 380-382, Tel.
662162; **Penha de França:**
Central da Penha de França,
58-60, Tel. 8144945; **Picheleira:**
Marluz, Calçada da Piche-
leira, 140 B-C, Rua Prof. Mira
Fernandes, MAF, Tel. 880703;
Vale Formoso - Poço Bispo:
Barros Gouveia, Rua Vale
Formoso de Cima, 79-B, Tel.
8595180; **Colina Sol - Bran-**
doia - Amadora: Vidal Reis,
Urb. Alfornel - Cel. G - Lote
35, Tel. 996540; **Olivais Basto:**
Nova, Rua Açores, 11-A, Tel.
9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G.
Guerra, 29, Tel. 2104953. Per-
manente; **Linda-a-Velha:**
Melo Almeida, R. D. Diogo
Couto, Lote 182, Tel. 4190610.
Permanente; **Tires:** Guima-
rães, L. Duartes, Lote A - r/c,
Tel. 2441616. Até às 22 h; **Al-**
cabideche: Carvalho, B.^o
Padre P. Correia, 4, Tel.
2690363. Até às 22 h; **Porto**
Salvo: Ferreira Bastos, R. D.
Firmino Rebelo, Tel. 2421015.

MÉDICO
DE
URGÊNCIA

795 06 80/9

Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar,
Av. M.^a Conceição, Lote B,
Tel. 2470777. Permanente; **S.**
Dom. Rana: Godinho Silveira,
R. A. Albuquerque, Lote B -
Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22
h; **Malveira da Serra:** Luz,
Estrada Nacional, Tel.
2850635. Até às 22 h; **Oeiras:**
Central, R. Conde Ferreira,
29, Tel. 4430058. Permanente;
Parede: Brandão, Av.
República, 77-C, Tel. 2471954.
Permanente; **Sassoeiros:**
Amaral Semblano, Quinta das
Encostas, Tel. 2461312. Até
às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-
B - Hera, Tel. 2852121; **Ma-**
dorna: Madeira, Rua A, Tel.
2476326. Até às 22 h; **Amor-**
eira: Abrantes, Viv.^a Maria
Carlos Anjos, Tel. 2682313.
Até às 22 h; **Estoril:** Marques
Santos, R. Ferreira J.A., 15,
Tel. 260116. Até às 22 h; **Cas-**
cais: Marginal, Av. Marginal,
Tel. 280078. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Carmele, R. Elias
Garcia, Lote 28, Tel. 4933303.
Permanente; **Dias & Brito,** Av.
Marquês Pombal, 45-A, Tel.
4940118. Até às 22 h; **Damaia:**
Confiança, R. Bartolomeu
Dias, Lote D, Tel. 971023. Até
às 22 h; **Queluz:** André, Av.
Elias Garcia, 151, Tel. 4350043.
Permanente; **Albergaria, L.**
Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q.
Baixo, Tel. 4356487. Até às 22
h; **Cacém:** Garcia, Av. Mis-
sionários, 2, Tel. 9242181.

Algueirão: Vítor Manuel, Est.
Algueirão, 123, Tel. 9217814.
Até às 22 h; **Mercês:** Claro
Russo, R. Abade Faria, 2-A,
Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio**
de Mouro: Riomouro, Av.
Óscar Monteiro Torres, 6, Tel.
9260194. Até às 22 h; **Sintra:**
Marrazes, L. Afonso Al-
buquerque, 24, Tel. 9230058.
Permanente; **Colares:** Abreja,
Av. República, 86, Tel.
9830027. Até às 22 h.

OUTRA
BANDA

Almada: Macedo Henriques,
R. Bern. Francisco Costa, Lote
1, Tel. 2751297. Permanente;
Cova da Piedade: Atlântico,
Av. Rainha D. Leonor, 45-A,
Tel. 2764466. Permanente;
Monte de Caparica: Guer-
reiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel.
2950727. Até às 19 h; **Costa**
de Caparica: Chai, Av. Gen.
Humberto Delgado, Tel.
2903218. Até às 19 h; **Feijó:**
Feijó, R. Borges Rego, 7, Tel.
2290911. Até às 22 h; **Sesimbra:**
Lopes, R. Cândido
Reis, 23, Tel. 2233028. Até às
19 h; **Lavradio:** Parreira, R.
D. Silva Cristino, 15-A, Tel.
2042016. Até às 19 h; **Bar-**
reiro: Pimenta, R. Cons.^o Joaq.
Ant.^o Aguiar, 259, Tel.
2073012. Permanente; **Baixa**
da Banheira: Cardoso, R.
Liberdade, 59, Tel. 2041044.
Até às 19 h; **Corroios:** Abreu
Cardoso, B.^o Cid. Setúbal, 1-
B, Tel. 2536172. Até às 19 h;
Amora: Matos Lopes, R. 1.^o
Maio, Lote 401, Tel. 2216355.
Permanente; **Aldeia Paio**
Pires: Central, Est. Nacional,
9, Tel. 2210365. Até às 22 h;
Montijo: Giraldes, R. Almi-
rante Reis, 45, Tel. 2310008.
Até às 22 h; **Moita:** Parque,
Av. Dr. Egas Moniz, 24, Tel.
2392294. Até às 19 h.

HÁ 20 ANOS

Inverno
em Maio

A região de Lisboa teve hoje uma autêntica manhã de Inverno, em plena Primavera, com vento e chuva forte. As autoridades marítimas, cerca das 9 e 30, resolveram mandar suspender todas as carreiras fluviais, com excepção da do Barreiro, que não foi muito afectada. As águas do Tejo, na verdade, encontravam-se bastante agitadas. Balanço do mau tempo: carreiras fluviais suspensas, um batelão afundado, ramos de árvores partidos pelo vento - e aguaceiros por mais 48 horas na previsão dos meteorologistas.

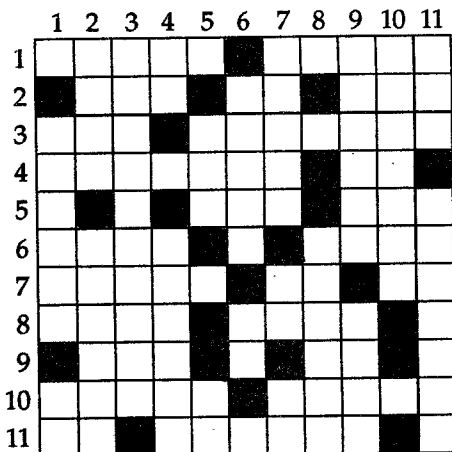
Incidentes
numa Universidade de Caracas

Foram mortos dois estudantes e feridos, pelo menos, cinco pessoas em consequência de uma batalha a tiro que se travou ontem numa universidade desta capital entre policia e manifestantes contra a guerra. Isto é: os estudantes protestavam contra a ofensiva norte-americana no Camboja - e trocaram tiros com a Polícia durante cerca de meia hora, antes de serem obrigados a dispersar com granadas de gás lacrimogénio.

Adiado o lançamento
da Apolo-14

A cratera de Fra Mauro serão objectivo da Apolo-14, ou seja, esta desempenhará a missão malograda da Apolo-13.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17913

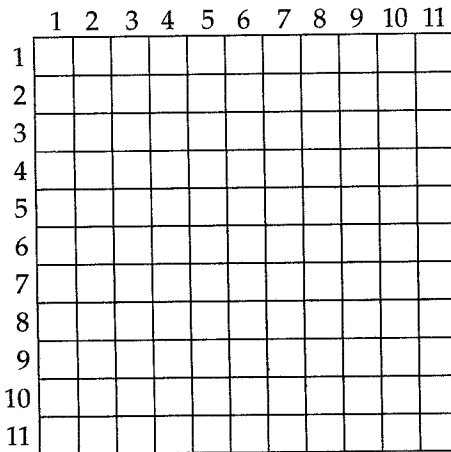
HORIZONTAIS:

- 1 - Cavidade no queijo (pl). Entrada.
- 2 - Uma das Cíclades. Sufixo que designa estado. Estava.
- 3 - Ocas. Prolongar.
- 4 - Estado do Sudoeste da Europa, que ocupa a maior parte da Península Ibérica. Nesse lugar.
- 5 - Preposição e artigo (pl). Passada.
- 6 - Informação (fig.). Costumes.
- 7 - Mete em mala. Rado (s.q.). Reis.
- 8 - Bebida do Peru. Magoar.
- 9 - Zombar. Vi.
- 10 - Verdadeiros.
- 11 - Carta de jogar. Mistura.

VERTICAIS:

- 1 - Viçosos (fig.). Batráquio.
- 2 - Ligas. Namoro.
- 3 - Estalagem.
- 4 - Ósmio (s.q.). Fábrica de loiça de barro.
- 5 - Nome de mulher. Samário (s.q.).
- 6 - Órgão da vista (pl). Preposição.
- 7 - A parte dianteira do navio (pl). Letra grega. Abreviatura de Santíssimo.
- 8 - Povo antigo da Gália.
- 9 - Borrifais. Capital da Tetónia (URSS).
- 10 - Desleal.
- 11 - Rio da Suíça. Marcar.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo
o provérbio nele inscrito



PROBLEMA N.º 16723

HORIZONTAIS:

- 1 - Caseiro.
- 2 - Freguesia do concelho de Arouca. Penetrar.
- 3 - Tesouro público. Apellido.
- 4 - Freiras (Gir. Bras.). Isto é (inv.).
- 5 - Era cristã. Mulheres baixas e gordas.
- 6 - Confusões.
- 7 - De outro modo. Membro de ave.
- 8 - Faz notações em. Porco. Artigo definido (ant.).
- 9 - O mesmo que anona. Mesquinho. Nota musical.
- 10 - Conduzir para cá. Macacos de cauda comprida.
- 11 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Mamífero carnívoro. Solitário.

VERTICAIS:

- 1 - Espécie de feltro-bordado para tapetes ou reposteiros, que se fabrica em Brussa. Antiga moeda de Veneza.
- 2 - O mesmo que pega (ave). Esposa do filho.
- 3 - Indignar. Galeota dos mares do Levante.
- 4 - Engenho de tirar água. Mesa em que se celebra a missa, no culto católico.
- 5 - República da Europa meridional entre o Mediterrâneo, os Alpes e o Adriático. O mais.
- 6 - Brada. Gálio (s.q.).
- 7 - Caminhar. Símbolo religioso da Índia.
- 8 - Alcool de melado. Antiga unidade monetária da Alemanha. Líquido gorduroso.
- 9 - O mesmo que arsenico (ant.). Designação genérica das plantas herbáceas.
- 10 - Avivásemos o lume.
- 11 - Atraiços. Aplano.

SOLUÇÃO
N.º 17 912

HORIZONTAIS: 1 - O. DINHEIRO. 2 - Dama. Sras. 3 - Cai. Aporta. 4 - Elmos. Aro. 5 - Gaita. NS. És. 6 - Atear. Heli. 7 - Loa. Oc. RR. 8 - Cá. Urso. Ao. 9 - Avós. Ua. 10 - Irara. Saia. 11 - Assassinado.

SOLUÇÃO
N.º 16 722

HORIZONTAIS: 1 - Xaréu. Xingu. 2 - Ocara. Am. Ru. 3 - Cu. Anóia. 4 - Hagui. Gr. 5 - Irema. Atava. 6 - Mará. Piadas. 7 - Imina. Lura. 8 - Lua. Lãs. 9 - Canaã. Amais. 10 - Oi! III. Vise. 11 - Sensuais.

PROVÉRBIO:
O DINHEIRO
CEGA A RAZÃO.

EFEMÉRIDES

1794

- Morre, na guilhotina, o físico francês Antoine Lavoisier.

1878

- Em Portugal, o gabinete de Fontes Pereira de Melo aprova uma nova lei eleitoral que concede, pela primeira vez, direito de voto a todos que saibam ler ou possuam uma renda mínima.

1945

- Com a confirmação da rendição da Alemanha nazi, efectuada por Keittel em Berlim, é proclamado o dia da vitória na Europa.

1977

- Os índios norte-americanos, que, como forma de protesto contra o tratamento de que têm sido alvo, ocuparam durante 70 dias, a cidade de Wounded Knee, no Dakota do Sul, rendem-se às autoridades.

1985

- O presidente dos EUA, Ronald Reagan, chega a Lisboa para uma visita oficial de 41 horas, no que é a sua primeira deslocação oficial a Portugal.
- Realiza-se, em Coimbra, o funeral do ex-governante e ex-dirigente do PSD Carlos da Mota Pinto.

1987

- O principal candidato dos democratas para as eleições presidenciais de 1988 nos EUA, Gary Hart, abandona a corrida devido a um escândalo de envolvimento com uma actriz, Donna Rice, 29 anos.

1988

- François Mitterrand é reeleito Presidente da República francesa (54 por cento dos votos, contra 46 de Jacques Chirac).

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho

T. 806496

LIGAÇÕES SUJAS

Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalovsky
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
MISS DAISY
Filme de Bruce Beresford
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 4

CRIMES E ESCAPEDELAS
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 7

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15,
19.00, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 10

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Sessões às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
ELEIÇÕES SEXUAIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
O FORASTEIRO DA MORTE
Filme de Max Klevén
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
CÓDIGO VÍBORA
Com Chris Robinson
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
O POLÍCIA DE MIAMI
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
IDOLAS DO SEXO
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
THE PITCH O'CHANCE
Às 18.30, seguido de
LIFE'S HARMONY
THEY HAD TO SEE PARIS
Às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfca 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.45, 16.30,
18.45 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

FILHA DA MÃE
Filme de João Serrão
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA
MULHER E O AMANTE DELA
Filme de Peter Greenaway
M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.15 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162

CRIMES E ESCAPEDELAS

M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CRIMES E ESCAPEDELAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
LUA-DE-MEL ATRIBULADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
ONDE MORREM OS VALENTES
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
CONCURSO SEXUAL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAISO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

FILHA DA MÃE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão - T. 326305
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PE ESQUERDO
Filme de Jim Sheridan
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

CRIMES E ESCAPEDELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

O COZINHEIRO, O LADRÃO,
A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 13.30, 16.15,
19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3

MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.15 e 21.30

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
COMO O CÉU SE ENGANOU
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

Rita Blanco em «Filha da Mãe», em exibição no Auditório 1 do Forum Picoas

TURIM

Est. de Benfca, 723-A - T. 706666
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA
ALMADENSETelef. 2752127
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DA CAPARICA
CAPARICA OCEANOAv. Gen. Humberto Delgado - T.
2905011Sala 1
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 15.45 e 21.30Sala 2
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
BLAZE - AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653

CASCAIS
MIRAMARSala 1
Telef. 2841744
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15Sala 2
CRIMES E ESCAPEDELAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRASSala 1
Telef. 2479144
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30Sala 2
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759
Sala 1
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.15 e 21.45Sala 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIACentro Comercial Babilónia
T. 4934871

LIGAÇÕES SUJAS

M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570
LAMBADA - DANÇA PROIBIDA
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15Sala 2
DEMÓNIO DE SAÍAS
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30Sala 3
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO

LISBOA

ABC

Parque Mayer
De 3.ª a Sáb. às 21.30. Dom às 16.00
WHAT HAPPENED TO
MADEIRA IGLESIAS
De Filipe La Féria

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco de Borja, 24 - T. 607299
De 3.ª a Sáb. às 21.30. Dom. às 16.00
TEATRO DOCE TEATRO
De Edward Radzinsky

CHAPITÔ

R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
5.ª, 6.ª e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
De Fernando Gomes

CINEMA STADIUM

Av. Combatentes G. Guerra, 52-Algés
6.ª e Sáb. às 21.30
OSTRÉS CHAPÉUS ALTOS
De Mihura, pelo grupo de teatro -
Intervalo

CLUBE ESTEFÂNIA

R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3.ª a Sáb. às 21.30. Dom. às 16.30
INIMIGOS
De Nigel Williams

COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818

CAFÉ TEATRO

FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.TRIBUNAL CÍVEL DA
COMARCA DE LISBOA
6.º JUÍZO

ANÚNCIO

O Dr. Vítor Manuel Fer-
reira Mesquita, MM.º Juiz de
Direito da 3.ª Secção do 6.º
Juízo Cível de Lisboa.FAZ SABER que nos autos
de Execução de Sentença n.º
2169/B que MARIA JUVITA
GASPAR LOPES COSME DE
FREITAS ALVES SANTIAGO
DOS SANTOS E OUTRAS, mo-
vem contra MARIA ALICE LO-
PEZ FEIJÃO DE SAMPAIO
MELLO E CASTRO, viúva, com
última residência conhecida na
Urbanização da Portela, Lote
112 - 2.º Dt.º em Sacavém,
correm editos de trinta dias,
contados da data da segunda
publicação do respectivo anún-
cio, citando a executada acima
identificada, para no prazo de
10 dias, decorrido o prazo dos
editos, deduzir oposição ou pa-
gar a quantia de Esc. 2
236 550\$00, acrescida de ju-
ros vencidos desde o trânsito
em julgado da sentença conde-
natória e dos que se vencerem
até integral pagamento, ou no-
mear bens à penhora, que ga-
rantam o pagamento de tais
quantias, sob pena de não o
fazendo se considerar devolvi-
do ao exequente o direito de ne-
meação de bens à penhora, se-
guindo o processo seus ulterio-
res termos até final.Lisboa, 26 de Abril de 1990
O Juiz de Direito
Vitor Manuel Pinto Ferreira
Mesquita
A Escrivã-Adjunta
Maria de Jesus Matias
DL 2.ª Pub. - 8/5/90

TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS
D
A
V
I
D
A
D
E
BENILDE

Subsídio SEC

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE JOSÉ RÉGIO
ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD
COM: ALEXANDRA LENCAST

CARTAZ

IBÉRICO

R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sáb às 21.30.
Dom. Feriados, às 17.00
O FIM
De António Patrício.

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - T. 897017
3ª a 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb às 20.30 e 22.45.
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA VITÓRIA

De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha - T. 770969
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
NA SÓLDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO
De Bernard- Marie Kottés

TEATRO DA GRAÇA

Trav. de S. Vicente, 11 - T. 875626
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Sáb. e Dom. às 16.00
CENAS DA VIDA DE BENILDE
Uma adaptação de Jorge Lisopad da peça de José Régio «Benilde ou a Virgem-Mãe»

VARIEDADES

Parque Mayer - T. 320000

De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

OUTRAS LOCALIDADES

CASCAIS

ESTORIL

CASINO ESTORIL

T. 2684521
De 4ª a 6ª às 21.30
sáb. às 18.00 e 21.30.
Dom. às 17.00
SOMENTE ENTRE NÓS
De Reginaldo Faria

MUNICIPAL

MIRITA CASIMIRO

Av. Fausto Figueiredo - Monte Estoril - T. 2670320
De 3ª a Sáb. às 21.30. Dom. às 17.00
QUERO SER REI ESTA NOITE
De Peter Shaffer

LINDA-A-VELHA

ACADEMIA

RECREATIVA

R. Fontes P. de Melo, 21
Aos sábados às 21.30
FALAR VERDADE A MENTIR
De Almeida Garrett

ODIVELAS

TEATRO

DA MALAPOSTA

T. 9673299
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom. às 16.00
A FLORESTA
De Alexander Ostrowsky
3ª, Sáb. e Dom. às 16.00

PORTO

TEATRO

SÁ DA BANDEIRA

T. 2003595
5ª às 21.30,
6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados às 16.00 e 20.30
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Dantas

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

BARCOS DE PAPEL - Pintura de Alda Nobre, Fátima Pinto e Teresa Silva
Sala Almada Negreiros - Cais de Alcântara (Inaugura dia 10, às 18 horas)
JOÃO VAZ DE CARVALHO - Pintura Altamira/Galeria de Arte - Rua Filipe Folque, 48 (Inaugura hoje, às 21 e 30)
LUCIO MUÑOZ - Pintura sobre madeira Galeria Nazoni - Avenida Columbano Bordalo Pinheiro (Inaugura dia 10, às 21 e 30)
ROCHA DE SOUSA - Exposição antológica: pintura, desenho, colagem e vídeo
Galeria Municipal de Arte - Almada (Inaugura hoje, às 21 e 30)

LISBOA

CABRITA REIS - Instalação de nove desenhos frente a uma parede enigmática com sete gotas secas. "A casa dos suaves odores" continua a meditação mediterrânica de Cabrita Reis. O recurso a materiais áridos (estafe), pautados pela serenidade da água ou a luz do azeite, tem revelado um dos percursos mais sérios e exaltantes da arte portuguesa contemporânea.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raul Cascais, 1 (14 e 30/19 e 30, excepto domingos. Até 2 de Junho)

HELENA ALMEIDA - Mais dos desenhos que da pintura de Helena Almeida, poderíamos falar de levitação. Depois de uma relação com o corpo (em "Desenho Habitado/Pintura Desabitada", Helena Almeida apagava, frequentemente, o corpo fotografado com a pintura) nunca como agora o risco do desenho levitou, numa volumetria que - na pintura, nos ferros pintados - se confronta com a espacialidade da escultura.
Galeria Valentim de Carvalho - Rua da Cruz dos Poais, 111 (15/20 horas, excepto domingos. Até dia 19)

MANUEL VILARINHO - Desenhos a tinta da china e carvão sobre papel, mostrados na intimidade que a Loja de Desenho lhe dispensa. A liberdade do desenho permite confidências que a pintura de Manuel Vilarinho não faz. O resultado é um diário de bordo de uma itinerância profundamente urbana, sem os tiques da denúncia, percorrida pela exemplaridade da solidão.
Loja de Desenho - Rua da Academia das Ciências, 2 (15/19 e 30, excepto domingos e segundas-feiras. Até dia 15)

MANUEL BAPTISTA - A SNBA recolhe-lhe em duas salas 27 anos de pintura recortada e colada. Obra sem sobressaltos, indiferente às solicitações da viagem do mercado, esta exposição permite compreender um projecto coerente consigo próprio, evolutivo sem espalhafato. A dignidade da obra de Manuel Baptista, aqui antológica, bem merecia que a SNBA lhe atribuisse o espaço do salão, em vez de distribuímos o prazer de piso.
SNBA - Rua Barata Salgueiro (14/20 horas, excepto segundas-feiras. Até dia 13)

PAULO QUINTAS - Primeira exposição individual de um pintor onde se saúda a orfandade. Paulo Quintas escapa

aos escrutinadores de referências, e mostra uma pintura de que, se mais não houvesse a dizer, teríamos que falar do prazer de inventar/descobrir. Para isso, Paulo Quintas dispõe apenas do papel, como suporte, e o amarelo infectado pelo verniz. O que já não é pouco. Para atravessar o fogo, a salamandra só precisa da pele.
Pedro e o Lobo/Arte Contemporânea - Rua do Salitre, 169 (15/20 horas, excepto domingos. Até dia 17)

DUANE MICHALS - Fotografia Centro de Arte Moderna
GIL TEIXEIRA LOPES - Pintura Alta Mixta - Escolas Gerais, 34 (14/20 horas, excepto domingos e segundas-feiras. Até 2 de Junho)
TRABALHOS RECENTES - Fotografias de América Silva, Curado Matos, Monteiro Gil e Sérgio Elay
AAPACO - Rua Freitas Gazu, 24 (18/21 horas, excepto domingos e segundas-feiras)

AMADORA GRAVURA CUBANA
Recreios da Amadora (Até dia 13)

ESTORIL MARIA GABRIEL - Desenhos recentes Galeria Arcada - Arcadas do Parque, 18 (11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até dia 14)

OEIRAS FRANCESAS EM COLECTIVA - Aguarelas de Brigitte Papi Junça, Ghislaine Tournier, Christine Faguet, Leonor de Castro, Dominique Larrouy e Claudine Thireau
Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 (10/13 e 14/19 horas. Sextas e sábados, também 20 e 30/22 e 30. Até 5 de Junho)

J.F.

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Unho e a Seda; 15.00: Praça dos Sonos; 17.00: Antena 1 - Regiões; 17.15: Porto d'Albrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/7; 17.00: Sete Mares; 19.00: Informação e Música; 20.00: No Estádio e no Estádio; 20.15: Musical; 20.30: A Voz da Solidariedade; 21.00: Diálogo; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2
Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Horizontes; 17.30: Sonata N.º 32 em Do Menor Op. 111 para piano de Beethoven; 18.15: Ângulos e Reflexos; 19.00: Integrals. Os concertos para piano e orq. de Mozart; 19.30: Álbum Musical. Obras de Maurice Ravel, Luigi Boccherini, Tchaikovsky, Chopin, Donizetti, Gershwin e Pachelbel; 20.10: Álbum Musical; 20.40: Esta Madrugada no Dols; 21.00: Da Broadway ao West End - O Musical; 22.00: Concerto Barroco - Georg Friedrich Handel; 23.00: Euroádio - O Festival de Salzburgo, 1989. 00.35: Grandes obras da primeira metade do século XX; 01.00: Grandes Obras da Segunda Metade do Século XX; 02.00: Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; 17.00: Contacto; 19.00: Jornal; 19.30: Quanto o Telefone Toca; 20.00: Praça de Táxis; 21.00: Pela Estrada Fora; 22.00: Religiosos; 22.15: Desporto; 23.00: 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; 21.00: Mercado de Sonhos; 00.00: A Noite Passada; 01.00: Som da Frente; 03.00: Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO

RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; 16.00: Banda da Amizade; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: A Viagem Continua; 20.10: Boa Nova; 20.30: Conversa de Amigos; 21.00: Sequência; 22.00: Revista; 22.30: Bola Branca; 23.30: Suplemento Especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

15.00: Fórmula Três; 18.00: Idealix; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA 18.º ANO
PRAÇA DE ESPANHA - RESERVAS TEL. 726 08 18
NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO*
SEXTA-FEIRA
11 de MAIO
23,30 h
RECITAL UNICO
SIMONE

FESTIVAL DA OTITE!
SABADOS AS 24 h APOIO SAMSUNG

SINTRA ANIMAÇÃO TURÍSTICA SINTRA

ADEGA REGIONAL DE COLARES

MAIO

NIKITA STOROJEV

Uma Noite Russa
Dias 9, 11 e 13 - 21.30h.

CARLOS PAREDES

Guitarra Portuguesa
Dias 17, 18 e 19 - 21.30h.

AURELIA SAXOFONE QUARTET

Dias 24, 25 e 26 - 21.30h.

JUNHO

GRUPO DE METAIS DE LISBOA

Dias 1 e 2 - 21.30h.

SOULS IN MOTION

Grupo de Dança Jazz
Dias 7, 8 e 9 - 21.30h.

ESPECTÁCULO: 1.000\$00

ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal de Sintra

COLABORAÇÃO

Adega Regional de Colares

INFORMAÇÕES:

Turismo de Sintra, tel. 923 11 57 / 923 54 01
Turismo de Colares, tel. 929 26 38

BILHETES:

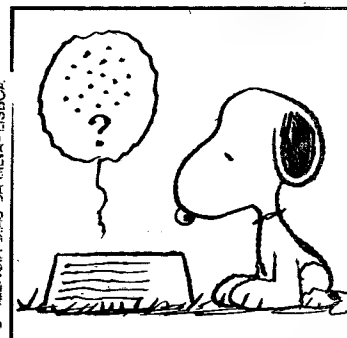
Turismo de Sintra das 9.00 às 19.00 horas
Turismo de Colares das 9.00 às 19.00 horas
Valentim de Carvalho das 10.00 às 23.45 horas

APOIO

Câmara Municipal de Lisboa / British Council / Embaixada da Holanda
Adega Regional de Colares
Sarró / Royal / Enatur / Cantão Jovem

casa da comédia
Tel: 607299 — 677481
De terça a sábado às 21.30h
domingos às 17 h
TEATRO doce TEATRO
comédia amarga de EDWARD RADZINSKY
GLICÍNIA QUARTIN encenação de FERNANDO HEITOR
JOÃO D'ÁVILA
Apoios — Publicações Don Quixote —
Tabaqueira — Aeroflot — Aquafiori — Cana Pé-
Tricana — UBNTIFOR Antena 1
Público — Diário de Notícias — RADIOLA

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

15.45 - MATINÉE: «AS CRIANÇAS DE AN LAC»

Um filme de John Llewellyn Moxey (EUA, 1980), com Shirley Jones, Ina Balin, Beulah Quo, Alan Fudge e Ben Piazza. Este telefilme propõe a reconstituição de um episódio do fim da guerra do Vietname: a retirada das centenas de crianças orfãs que tinham sido recolhidas numa instituição de An Lac. Trata-se de um relato que se baseia em factos reais. Aliás, o argumento parte de uma história de Ina Balin, actriz norte-americana que viveu directamente os acontecimentos e que aparece a interpretar o seu próprio papel.

17.30 - A HORA DO LECAS
18.30 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO

2º episódio

19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEDIÁRIO
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - PRIMEIRA PÁGINA
22.20 - CRÓNICA DO CRIME



Amanhã no 1º Canal, às 13.30, «Também os Rios Correm»

34º episódio

23.15 - 24 HORAS
23.45 - UM DIA...
23.50 - REMATE
00.05 - CARTAS DE HUMOR
Com Carlos Cunha

RTP-2

16.35 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
24º episódio
17.00 - CONTOS CONTADOS
Num lugarejo do Baixo Alentejo, um cabreiro passa a vida a sonhar com a grande cidade. Um dia, resolve mesmo ir a Lisboa e o destino permite, que numa das ruas da velha Alcântara a sorte lhe sorria. Ao regressar à sua terra, é já um dos homens mais ricos da região.

17.20 - O HOMEM NA MARGEM
18.15 - TELEMERCADO
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - O MASCARILHA
20.15 - CLÁSSICOS DA TV
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS

«A Pastoral»: um filme de Otar Iosseliani (URSS, 1976), com Rezo Tsarchalachvili e Marina Kartzevadese. Trata-se de uma das películas míticas do cineasta soviético Iosseliani, que aqui narra a experiência de um grupo de jovens na Geórgia, sua terra natal. A par do levantamento etnográfico, o autor dá-nos uma visão romântica das pessoas, inseridas no seu meio ambiente natural. Preto e branco, duração 95 minutos.

23.25 - UNIVERSIDADE ABERTA

AMANHÃ

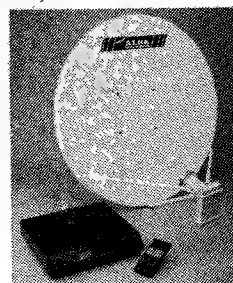
RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - TAMBÉM OS RIOS CORREM
14.20 - O MUNDO ANIMAL
14.45 - PONTO POR PONTO
15.40 - MATINÉE:
MEU IRRESISTÍVEL SELVAGEM
17.25 - A HORA DO LECAS
18.30 - O SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEDIÁRIO
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.30 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Quatro Amigos»
23.50 - 24 HORAS
00.20 - UM DIA...
00.25 - REMATE
00.40 - CARTAS DE HUMOR

ALBA

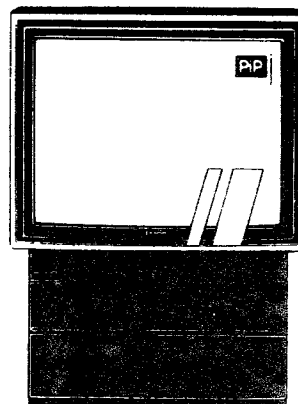
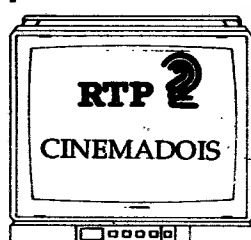
ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.45 - FILHOS E FILHAS
15.10 - AGORA ESCOLHA!
16.45 - O LICEU DEGRASSI
17.00 - CONTOS CONTADOS
17.10 - UM MISTÉRIO MISTERIOSO
17.40 - ROTA MARÍTIMA DA SEDA
18.30 - TELEMERCADO
18.45 - VIA RÁPIDA
18.55 - ESPECIAL DESPORTO FUTEBOL
Final da Taça dos Vencedores das Taças
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
22.05 - O RISO DE CAIM
22.55 - SÉCULO XX
23.45 - SIMONE AO VIVO/89

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

CLÍNICA DENTÁRIA
20 DE JUNHO

ADULTOS E CRIANÇAS

MANTER OS DENTES SADIOS É IMPORTANTE
PARA A SAÚDE FÍSICA E PSÍQUICA

• Método eficaz (baseado na Trilogia Analítica) para lidar com o medo.

HORÁRIO: DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA — DAS 8.00 ÀS 20.00 H
SÁBADO E FÉRIADOS DAS 8.00 ÀS 18.00 H

Rua. Quirino da Fonseca, 14-B — 1000 LISBOA — (À ALAMEDA) —
TELEF. 53 25 89/52 23 97/325 41 73

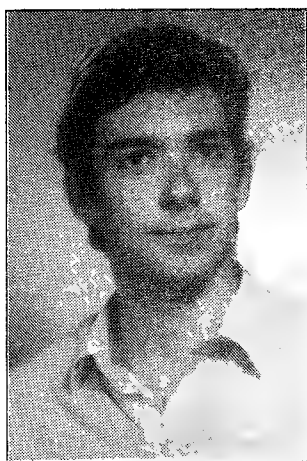


TERÇA-FEIRA, 8 MAIO 1990

«O Tribunal de Contas deveria ser o braço armado do Parlamento»

Sousa Franco, «Diário de Notícias», 07.05.90

A PERGUNTA DO DIA



António Ravara
presidente do Conselho Nacional da Juventude

Quais são os seus projectos imediatos para o CNJ?

«Não tenho projectos pessoais. Fui eleito pela vontade das associações que compõem o Conselho Nacional da Juventude. Daí que a eleição desta nova direcção corresponda à vontade de terminar com uma certa crise que sentíamos. Pretendemos reforçar o trabalho político e de reflexão em torno de grandes áreas, como sejam a educação, emprego e formação profissional, o associativismo juvenil e a cooperação com os países africanos de língua oficial portuguesa. Outra área é a das relações internacionais. O CNJ tem protocolos com outras organizações internacionais de juventude. Vamos continuar esse trabalho.

A nova direcção vai corresponder a um reforço do poder de participação das suas organizações, dado que o Comité de Representantes Permanentes, que era um órgão consultivo, passou a ter poderes deliberativos.»

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

As escutas telefónicas em Grande angular

A tradicional festa da Queima das Fitas em Coimbra

Eduarda Dionísio escreve no Forum

Cartas de Washington e de Moscovo

ENTREVISTA

O nome de José Barata Moura traz imediatamente à memória as deliciosas cantigas do «Fungagá da Bicharada». Actualmente, está mais preocupado com as pessoas que não pensam, que estão rendidas ao pseudo-pragmatismo e que preferem a bandeira da crise à análise profunda

«As pessoas continuam a não gostar de pensar»

D.L. - O que aconteceu às cantigas do «Fungagá da Bicharada»?

J.B.M. - As cantigas para miúdos não foram uma etapa que tenha terminado. Continuo, só que com um ritmo muito mais lento e muito atrapalhado por todas as outras decorências do meu trabalho na Universidade. Isso já acontecia mas, à medida que se vai tendo outras responsabilidades e se vai ficando mais velho e cansado, as coisas já não se fazem com a mesma velocidade.

D.L. - Portanto, não parou.

J.B.M. - Não. Não há qualquer decisão da minha parte de que as cantigas tenham correspondido a uma fase que acabou ou que está adormecida. Agora, tudo isso também tem muito a ver com os desafios e estímulos exteriores. A pressão é uma coisa importante para a gente fazer as coisas.

D.L. - E não tem havido essa pressão?

J.B.M. - Não

D.L. - No entanto, o Fungagá foi uma grande êxito...

J.B.M. - Penso que pode ter sido um êxito porque corresponde a uma actividade importante e que deve continuar. A força vem do facto de as cantigas responderem a uma necessidade.

D.L. - E continua-se a responder a essa necessidade?

J.B.M. - Se compararmos a época em que comecei e a actual, é evidente que há muita coisa que se transformou num sentido correcto e adequado. Se é suficiente ou se não poderá ser feito de outras maneiras ou ter dimensões mais enriquecedoras, isso eu penso que sim.

D.L. - Porque começou a fazer canções para crianças?

J.B.M. - Por volta de 1965/66 já fazia cantigas de intervenção. Por questões da minha vida pessoal, passei a contactar com muitas crianças e as cantigas surgiram da brincadeira, do inventar de histórias com elas. Não foi um projecto deliberado.

D.L. - Na China, durante a Revolução Cultural, o curso de filosofia foi considerado um curso não produtivo, que não interessava. A filosofia é produtiva?

J.B.M. - Não sei se podemos falar de Revolução Cultural porque, se formos ver, determinados centros de poder continuam a pensar que a filosofia talvez, pior do que ser improdutivo, é algo que pode trazer complicações porque as pessoas continuam a não gostar muito de pensar. Às vezes criam-se uns certos automatismos de pseudo-pragmatismo, pseudo-rendimento no imediato e as pessoas acham que a reflexão crítica é uma perda de tempo. É um erro muito grave de perspectivas, porque a filosofia nunca foi inimiga da acção e da transformação e é uma dimensão fundamental. Essa atitude é um empobrecimento cultural muito grave e tem um preço.

D.L. - Apesar disso, ainda há muitos jovens que escolhem a filosofia...

J.B.M. - Há, e muito interessados. Isso é

das coisas mais gratificantes.

D.L. - Então, ainda há muita gente que não está tão dominada por esse pragmatismo.

J.B.M. - Creio que sim. Mas a chave para o desenvolvimento dos estudos filosóficos em Portugal passa pela necessidade de um enquadramento e de apoios institucionais diversificados e, aí, era necessário intervir de uma forma mais eficaz e mais atenta. Isso não está a acontecer. Não se trata ape-



nas de formar licenciados em filosofia, é também preciso diversificar os domínios de actuação cultural em que eles podem intervir.

D.L. - Acha que o PCP está a atravessar uma crise?

J.B.M. - Qualquer desenvolvimento histórico faz-se sempre a partir de crises. A crise acompanha o surgimento de novas questões e a procura de novas respostas. Nesse sentido, não é uma coisa que me preocupa. Preocupa-me mais a falta de seriedade e de profundidade no pensar e do actuar relativamente a esses novos problemas.

D.L. - Em que se traduz essa falta de seriedade?

J.B.M. - Há quem pense que basta tocar a campainha e dizer que há crise. O que é preciso é estudar os problemas e isso, muitas vezes, não é feito.

D.L. - Porque é que ainda há tanta gente no PCP, quando os regimes de Leste se estão todos a revelar um falhanço?

J.B.M. - Porque, contrariamente ao que muita gente pensa, a militância num partido comunista nas sociedades capitalistas nunca foi uma simples filial de propaganda relativamente ao que se passava no Leste. A luta dos comunistas tem razões objectivas que não se resumem a funcionar como altifalante. Tem uma dimensão internacionalista porque há muitas questões globais, mas há muitas questões específicas de cada país e é isso que faz com que as pessoas não abdicuem dessa perspectiva de compreender e transformar a realidade.

D.L. - Então, ainda vale a pena ser comunista...

J.B.M. - Penso que sim.

D.S.



Dia feliz mãezinha

Ainda bem que não sou mãe: os filhos podiam ter-me oferecido um ou mais desses bolos solenes comprados nas pastelarias de esquina, artisticamente fadadas, e eu, obrigado a agradecer, admirar e provar pelo menos um bocadinho apesar do alibi da dieta. Felizmente não sou mãe e ninguém me ofereceu nenhuma mercadoria com a expressiva inscrição em redondo, *Feliz dia, Mamã ou Dia feliz, Mãezinha* ou simplesmente *Parabéns de um pasteleiro prudente: se não vendesse todo o stock para o Dia da Mãe, vendia no dia seguinte ou depois, dia de outro santo, ou doutros anos feitos. Parabéns, com acento, sem acento... a licença poética não precisa da ortografia para nada. A inscrição neutra não compromete a venda adiada do bolo adiado, que, com o tempo, ainda é melhor.*

Os ditos bolos são de estudar, quanto à forma e ao conteúdo. Massa de amêndoa ou pão-de-ló, creme de pasteleiro, rosas brancas ou amarelas (e até verdes e azuis, pintadas de fresco), de açúcar, gemas de ovos, margarina, farinha e fermento, eventualmente polvilhadas de açúcar *icing-sugar*, metidos em forno caseiro, à antiga, ou eléctrico, ou de microondas. Ó cerejas cristalizadas do amor filial! Espetadas sobre os montinhos de claras nos quatro cantos, declaram-no inequivocamente.

É urgente uma tese universitária sobre esse barroco popular das formas, com uma passagem interessante para o maneirismo não raramente perto do rococó finissecular. Ortodoxia dos modelos? Sim, mas com desvios bairristas. Variáveis e invariáveis. Como digo, de estudar.

Ainda bem que não sou mãe e que não sou obrigado a consumir pelos vários sentidos esses *kitchen* admiráveis do novo navegador que, quanto à expressão artística nas cidades, nos intervalos dos descobrimentos, prefere a vida doce, sem ângulos e muito linda.

Jorge Listopad



A.M.A. *Auto Monumental de Acesso*

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

Diário de Lisboa

A Rede Digital com Integração de Serviços vai ter em Portugal um projecto piloto até finais de 1991, envolvendo assinantes das áreas de Aveiro e Coimbra. Em Lisboa já se prepara pessoal para lidar com esta nova tecnologia

RDIS é a chave que integra comunicações do futuro

A RDIS - Rede Digital com Integração de Serviços - é a chave das comunicações do futuro, permitindo a integração do tecido económico português no espaço europeu.

Trata-se de uma nova geração de serviços de telecomunicações que, como a sua própria designação deixa entender, integra vários serviços baseados em diversos tipos de equipamentos terminais: telefone digital, fax, telex e microcomputadores, para já. De forma mais simples, integra voz, imagem e dados.

Se é um avanço importante para a sociedade no seu todo, não deixa, logo de início, de ser essencial para o tecido empresarial. As relações entre empresas, desde a simples consulta, à venda, passando pela demonstração, vão concretizar-se através da RDIS.

E quem não se modernizar tecnologicamente não pode esperar estar num mercado que não está disposto a manter duas bases operacionais: uma electrónica, apoiada na RDIS, e outra clássica, baseada na movimentação de recursos humanos.

As empresas operadoras de telecomunicações portuguesas - CTT e TLP - estão conscientes desta situação e avançam na criação das bases necessárias para que os empresários possam acompanhar o progresso.

É assim que formam pessoal para trabalhar com esta tecnologia e se preparam para, em Aveiro e Coimbra, lançarem uma rede piloto até finais de 1991. Em 1992 deverá estar lançada a RDIS de banda estreita a nível nacional e no ano seguinte a nível internacional.

Pág. 7



Mercado de capitais começa a animar

O mercado de capitais português «aqueceu» na semana passada e a temperatura parece querer manter-se pelos tempos mais próximos. Aumenta o volume de negócios, sobem as cotações. Mas para os mais atentos o que se passa não é nada de espectacular ou de imprevisível.

A corretora Judite Correia, diz ao DL admitir que ao longo de Maio entre muito dinheiro na bolsa portuguesa. Refere também que a presente recuperação deve-se essencialmente à entrada dos estrangeiros, que regressam a Portugal com as mais valias obtidas noutras bolsas periféricas, como a grega ou a turca, actualmente em fase de boom. Entretanto, a nossa colaboradora Isabel Braz dá aos leitores algumas indicações sobre a forma de bem investir no mercado de capitais, ou seja, utilizando, mais do que o simples palpite, a ciência, tornando, desta forma o «jogo» em algo de aliciante, porque participado por todos os intervenientes.

Centrais

Desenvolvimento por Geraldo Dias
Pág. 3

Mais trabalho nos estaleiros em resultado do aumento do transporte marítimo
Pág. 3

O presidente da Peugeot comete a heresia de não querer a CEE
Pág. 6

Empreiteiros prejudicados com obras do Estado

O Governo atrasa os pagamentos, mas é exigente para os seus credores

De forma cíclica, os empresários de obras públicas queixam-se das dívidas que o Estado não paga. Se, por agora, a situação parece ser de acalmia, a realidade é que as perspectivas continuam a não ser prometedoras para o sector.

As associações queixam-se, inclusivamente, de continuarem a viver a situação grave de terem de cumprir junto do Estado e a

tempo e horas, os compromissos legais, sob pena de serem accionados por quem é, afinal, seu devedor.

O atraso na aplicação do Orçamento do Estado, a limitação de despesas públicas entendida como o protelamento do pagamento do que é devido, em vez de serem evitados gastos com novos empreendimentos, são

outras das razões que levam os empresários a ficar preocupados.

É um mundo que movimenta muitos milhões, grande parte deles por pagar a quem, para poder continuar a actividade, tem de, frequentemente, recorrer ao crédito bancário, a taxas de juro elevadas, como é publicamente conhecido, e que não são compensadas pelos possíveis juros de mora a pagar

pelo Governo ou pelas autarquias.

Quanto à construção de casas, os empreiteiros fogem da habitação social, por questões óbvias. E se há quem recuse assumir o ónus dos altos preços praticados, há também quem diga que o que é necessário são correctas políticas de solos e de habitação.

Última página

AGROPROMOTORA

CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS
PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA

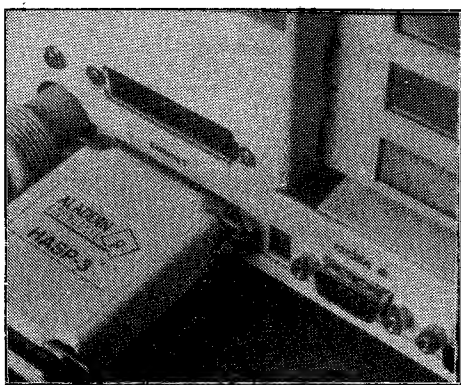
RUA. CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

Protecção de software tem novo sistema

Está disponível em Portugal o novo sistema de protecção de software desenvolvido pela empresa israelita Aladdin Knowledge Systems, já em uso em mais de 30 países.

Trata-se do HASP (Hardware for Software Protection), sistema com-



Versão base do HASP

posto por uma ficha especial conectável à porta paralela de computadores PC/XT/AT e compatíveis e de software próprio que permite uma rápida protecção de programas, impedindo a sua execução quando a ficha está instalada.

Compatível com qualquer software, o sistema é virtualmente inviolável. Somente uma password fornecida ao programador permitirá aceder à ficha, sendo os códigos possíveis na ordem dos biliões.

Americanos e canadianos calçam portugueses

Os Estados Unidos da América e o Canadá são os dois países que mais importam calçado português, revelam dados fornecidos esta semana pela APICCAPS, Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado.

Na sua totalidade, Portugal exportou um volume de 62,8 milhões de pares de sapatos, no valor de 134,1 milhões de contos, contra 52,2 milhões no ano anterior, no valor de 106 milhões de contos.

Os EUA importaram cerca de 2,6 milhões de pares de sapatos, no valor de 6,9 milhões de contos, enquanto o Canadá recebeu 434 mil pares no valor de 765 mil contos. Nos últimos dez anos, Portugal registou um aumento de 441 por cento na exportação de calçado, atingindo, em 1979, o montante de 5,4 milhões de contos.

Segundo informa a APICCAPS, 14 empresas do sector vão deslocar-se em breve àqueles dois países com o objectivo de intensificarem as exportações. Irão participar na realização de diversas mostras de calçado português nas cidades de Montreal, Chicago, Atlanta e Nova Iorque.

Uma fonte daquela associação referiu, entretanto, que as indústrias portuguesas participaram com êxito, no final do passado mês de Abril, em Hong Kong, na maior exposição do sector que se realiza na Ásia e na qual participaram mais de 12 mil profissionais do sector.

«DL»/Lusa

Renault: terceira a facturar e primeira na exportação

A Renault Portuguesa, foi no ano passado, a primeira empresa exportadora e a terceira em volume de negócios (apenas ultrapassada pela EDP e Petrogal). Durante o corrente ano estima investir 6,4 milhões de contos, em particular na modernização das suas instalações industriais de Cacia e Setúbal.

Durante 1989 a Renault manteve a sua liderança na venda de automóveis de passageiros e veículos comerciais ligeiros, com quotas de mercado, respectivamente, de 21,2 e 16,6 por cento.

Numa conferência de Imprensa ontem realizada, foi afirmado que as medidas do Governo restritivas do consumo vão fazer-se sentir mais em 1990 do que no ano passado, o que poderá limitar a evolução do volume de negócios.

Estes, no ano passado, atingiram 123 milhões de contos (mais 25 por cento do que em 1988, quando se situaram em 98 milhões). O grupo Renault facturou em Portugal 147 milhões de contos, tendo resultados líquidos consolidados de 6,9 milhões de contos.

Por outro lado, as exportações subiram para os 70 milhões de contos, contra apenas 42 milhões em 88. De referir que esta empresa efectuou em 1989 compras à indústria portuguesa no valor de 21 milhões de contos.

Segundo afirmou Vístulo de Abreu, presidente do conselho de administração da Renault Portuguesa, o investimento a efectuar nos próximos anos em Portugal será apenas dirigido ao sector automóvel, de forma a reforçar a base industrial instalada, aumentando a sua produtividade e qualidade.

Finalmente, refere-se que a Renault Portuguesa criou mais postos de trabalho em 1989, passando para 12 073 empregados contra 11 295 em 1988.

Redacção «DL»

O VIII Congresso exige maior consulta empresarial na actividade hoteleira e secretário de Estado promete desburocratização e defende que turista português tem de ser respeitado

Turismo português precisa de novos regulamentos

A revisão urgente do actual regulamento dos empreendimentos turísticos, substituindo a intervenção administrativa pelas forças do mercado e a criação de uma comissão consultiva da actividade hoteleira, em que participe o sector empresarial, são algumas das conclusões do VIII Congresso Nacional de Hotelaria e Turismo realizado na passada semana em Ponta Delgada, Açores.

O secretário de Estado do Turismo, César Torres, por sua vez, prometeu o diálogo e a desburocratização para o sector, realçando as potencialidades do turismo português.

Os 300 congressistas sublinharam que tendo em conta que o sistema de incentivo ao investimento hoteleiro, em vigor, não pode ser considerado como sucedâneo do Instituto de Utilidade Turística, «torna-se imprescindível e urgente a sua recuperação, reestruturando-o por forma a torná-lo num instrumento de reequilíbrio da oferta e melhoria da re-

spectiva qualidade».

Consideraram, por outro lado, que, na sequência das posições assumidas publicamente pela Associação dos Hotéis de Portugal sobre o actual regulamento dos empreendimentos turísticos, é urgente a sua revisão, «no sentido de uma diminuição clara da intervenção administrativa ao nível da concepção, desenvolvimento e funcionamento dos estabelecimentos hoteleiros».

Na opinião dos congressistas, «deixar-se-ia às forças de mercado a respectiva regulação e ajustamento de acordo com as tendências que em cada momento se forem desenhando».

Concorrência europeia

Os participantes no Congresso salientaram também que, face ao novo espaço económico europeu e ao consequente aumento da concorrência entre os vários agentes económicos que nele actuam, é necessário tirar partido das vantagens comparativas do turismo, pelo

que os planos de ordenamento e desenvolvimento regional «deverão ter em conta as aptidões e potencialidades de cada região, de modo a maximizar os investimentos nelas realizados».

O reforço de verbas de acordo com a importância e peso específico do sector turístico na economia nacional torna-se imprescindível, afirmam os congressistas, propondo que se delegue num membro do Governo, com tutela sobre o turismo, as competências dos vários organismos intervenientes, «de modo a tornar mais expedito e eficaz o funcionamento deste sistema de incentivos».

Propõem, por outro lado, a reformulação dos critérios que presidem à atribuição dos subsídios e a simplificação dos procedimentos para todos os actos administrativos, como reduzir e fixar prazos, tendo em vista melhorar os níveis de celeridade e eficácia na decisão.

A comissão consultiva a criar com a participação da Associação dos Hotéis de

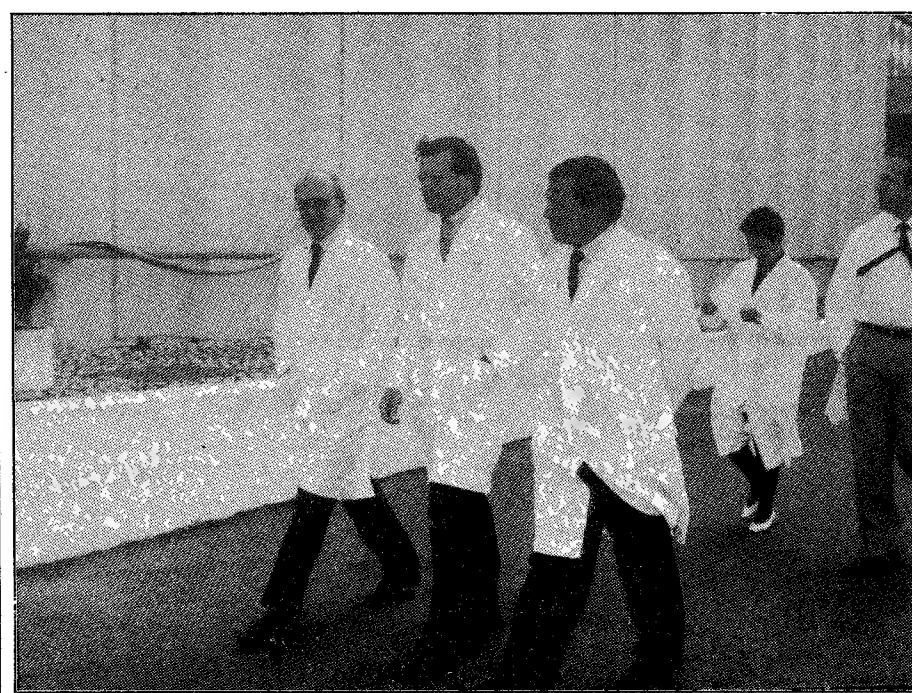
Portugal teria como atribuições, entre outras, referem os congressistas, «analisar as condições de dispensa de requisitos exigidos por aquele regulamento e se pronuncie sobre a classificação, reclassificação e desclassificação dos estabelecimentos hoteleiros».

A Região Autónoma dos Açores, face às suas reais potencialidades turísticas reivindicadas, por sua vez, a abertura de uma delegação permanente da Associação dos Hotéis de Portugal.

Na intervenção que fez no Congresso, César Torres, secretário de Estado do Turismo, prometeu desenvolver «uma política de diálogo com todos os agentes do turismo e desburocratizar os problemas que se levantam aos hoteleiros».

Para César Torres, o cliente português «não pode ser considerado bom apenas quando as carências de abastecimento de alguns mercados turísticos internacionais se verificam».

«DL»/Lusa



Richard Markham (ao centro) visita instalações da MSD em Queluz

Investigação farmacêutica tem nova empresa

Uma nova empresa, essencialmente vocacionada para a investigação medicamentosa na área da gastroenterologia, foi criada em Portugal pela Merck Sharp & Dohme (MSD). O investimento foi de 75 mil contos.

A MSD é uma multinacional norte-americana, mas fortemente instalada no mercado europeu. O presidente para a Europa deste grupo farmacêutico, Richard Markham, deslocou-se a Portugal para inaugurar a nova empresa. Na altura considerou que o mercado do sector

português é propício ao investimento na investigação.

«A filial portuguesa da MSD é das mais dinâmicas, encontrando-se entre as cinco mais bem posicionadas na Europa», afirmou Markham durante a visita às instalações da empresa, em Queluz.

Considerou ainda que a política do Governo para o sector industrial farmacêutico «está no bom caminho», acrescentando: «No sector, Portugal só ganhou com a integração europeia e o mercado promete prosperar.»

Pescadores do Norte contra Governo

Armadores do Norte concentraram-se ontem junto às Câmaras de Vila do Conde e Póvoa de Varzim para protestar contra as recentes medidas da Secretaria de Estado das Pescas, em particular a ordem de apreensão de todas as embarcações que tragam a bordo malhagens de 30 e 32,5 milímetros.

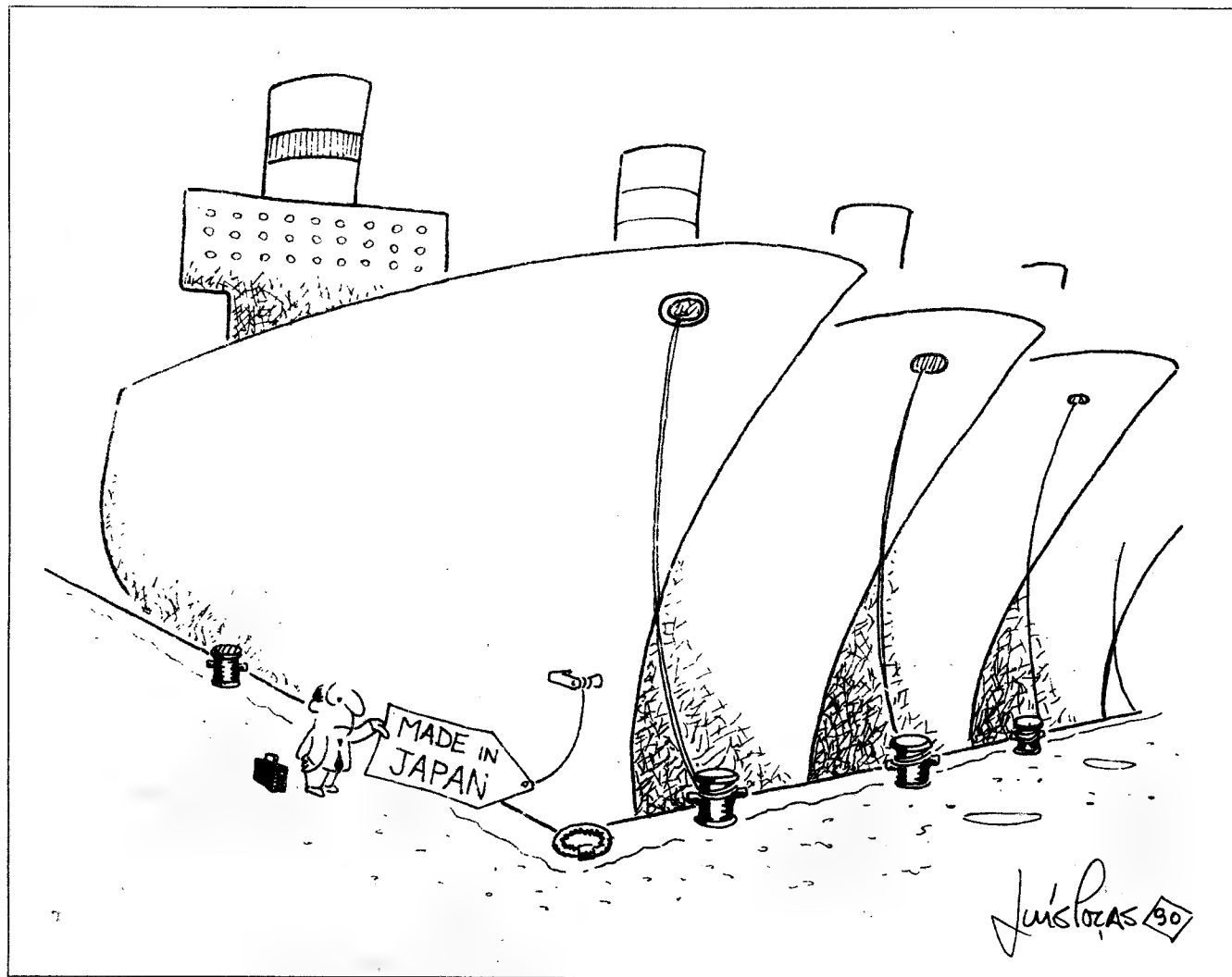
A decisão da Secretaria de Estado «apanhou de surpresa» os armadores daquelas duas praças piscatórias, uma vez que aquele órgão do Governo «não cumpre os compromissos assumidos com os pescadores», segundo diz um responsável da Associação de Armadores de Pesca do Norte.

«Esperamos desde 19 de Abril uma reunião com o Conselho Consultivo das Pescas para o desbloqueamento da situação, mas o encontro já foi adiado por duas vezes consecutivas sem prévio conhecimento dos armadores», adiantou a mesma fonte.

O «mal-estar» que se vive no seio dos pescadores nortenhos foi agravado na semana passada, quando o navio-patrolha «Rovuma» apreendeu ao largo da Póvoa de Varzim as artes de pesca da embarcação poveira «S. Carlos», por a sua malhagem ser ilegal.

Em consequência do incidente, os armadores de pesca procederam à paralisação da sua frota, numa acção que conta com o apoio dos pescadores da Figueira da Foz, Matosinhos e Viana do Castelo.

ECONOMIA



Os estaleiros europeus preparam-se para enfrentar os japoneses e os coreanos numa altura em que aumenta a actividade do transporte marítimo

Bons ventos sopram na indústria naval

Não é como o «boom» do transporte aéreo. Mesmo assim, a marinha mercante mundial parece ter saído da pasmaceira. Os mecanismos encandeiam-se e explicam-se facilmente. O transporte marítimo reflecte saúde da economia. Fim da guerra do Golfo ou aceleração das trocas de bens industriais entre a Europa e o Extremo Oriente? Ou, pelo contrário, acontecimentos de Junho último na China ou o ciclone Hugo sobre as Antilhas?

No ano passado, tal como em 1988, o crescimento da procura no sector, nos países da OCDE, revelou-se satisfatório. As trocas por mar aumentaram 6,1 por cento, uma percentagem que exprime as toneladas exportadas multiplicadas pelas milhas percorridas.

Petróleo, ferro, gás, carvão, automóveis, a quase totalidade dos sectores, excepto os cereais, beneficiaram desta conjuntura. A consequência desta situação foi o aumento nas tarifas sobre as mercadorias. De uma assentada, os armadores conseguem amortizar os seus navios.

Apesar dos especialistas assegurarem que um petroleiro dura vinte anos, nos últimos cinco a frota mundial envelheceu substancialmente. No entanto, os clientes regressam, o que obriga os estaleiros a mo-

dernizarem-se e a frota a reciclar os navios mercantes. Os clientes desejam agora aproveitar a calma para entregarem os navios.

Segundo as últimas estatísticas do Gabinete de Classificação da Lloyds, publicadas em Londres, a tonelagem dos navios construídos em 1989 aumentou 21 por cento em relação a 1988. As encomendas, comparando os números de 89 com os do ano anterior, vão atingir os 34 por cento em 1990. Os corretores noruegueses Fearnleys prevêem um crescimento da frota mundial superior a 2 por cento ao ano, pelo menos até 1993.

As indústrias de transporte e de construção naval obedecem a ciclos. Em período de marasmo, o mercado enche-se de navios inutilizados, os armadores vendem-nos aos ferros-velhos indianos, paquistaneses e asiáticos do Sueste. Mas quando a procura internacional aumenta, toda a gente tenta encontrar um pavilhão disponível.

Logicamente, os preços internacionais, fixados por comparação com os preços japoneses, sobem. Um petroleiro de 250 mil toneladas custa 76 milhões de dólares, contra os 49 milhões de há dois anos. A mesma baixa acontece com os porta-contentores de 2500 toneladas: 42 milhões de dólares contra 32 milhões.

Mais do que nunca, os construtores navais do Japão e da Coreia do Sul são os donos do mundo e a recente aliança do gigante nipónico Mitsubishi com o alemão Daimler provocou um calafrio aos construtores europeus mais fortes, como o francês Alsthom e o alemão Howalds-werke.

O Japão obteve a supremacia no ano passado, distribuindo 40 por cento da mercadoria mundial, enquanto a Coreia ficou em segundo lugar com percentagens entre os 23 e os 29 por cento. De seguida vêm a China, Taiwan, Jugoslávia, Alemanha Federal, Dinamarca e Itália.

Regresso militar

Com a concorrência do Extremo Oriente, a Alsthom e a Bremer Vulkan (alemã) fizeram acordos entre si para o fabrico de corvetas, estando, aliás, os estaleiros alemães muito activos na construção de pavilhões militares para exportação.

Ao mesmo tempo, as empresas francesas, alemãs e holandesas apresentaram ofertas conjuntas a grandes companhias, como a CGM, a Hapag Lloyd e a Nedlloyd, com o objectivo de renovar as frotas. No entanto, o expansionismo japonês, a agressividade coreana e as práticas proteccionistas ou integradas, como faz o grupo

dinamarquês Maersk nos seus próprios estaleiros, conseguiram gorar aquelas tentativas.

Em nove navios encomendados, o grupo francês CGM possui apenas dois construídos em estaleiros franceses e Delmas-Vieljeux anunciou recentemente um contrato de três navios com a Jugoslávia. Em suma, é uma ilusão que os armadores e os estaleiros consigam encontrar uma solidariedade comercial aceitável, visto que os seus interesses não são os mesmos e dependem de ministérios diferentes.

Nos estaleiros do Atlântico, em Saint Nazaire, onde trabalham 4500 assalariados, nenhum navio está em construção para um armador francês, salvo um cliente à medida, ou seja a marinha nacional. Quatro fragatas estão a ser construídas pela Alsthom para a «Royal» e um navio de grande transporte, para mísseis de precisão, o «Monge», substituirá o «Henri-Poincaré» no final de 1992.

A evolução deste sector indica que está aberta a via para a exportação de material de guerra naval francês, baseado em modelos alemães, holandeses e britânicos, o que agrada a toda a gente e em especial ao Ministério da Defesa.

François Grosrichard
Exclusivo «DL»/Le Monde

COMENTÁRIO

Desenvolvimento

Assiste-se hoje por parte das perspectivas mais inovadoras do desenvolvimento à recusa do bloqueamento global na ausência de uma transformação social total. Por outro lado, regista-se o fim das ilusões totalitárias do mercado, das burocracias ou das organizações internacionais.

Dá-se o reconhecimento da especificidade de cada conjunto local/regional e da necessidade de agir a esse nível. Valoriza-se a descentralização/participação e adaptação das tecnologias a um projecto social, salienta-se a importância das culturas locais e estruturas sociais vivificadas no contacto com o outro.

Se a economia mundializada estrutura o espaço as configurações particulares jogam-se na sua evolução. A compreensão de uma dada situação concreta leva a qualificá-la apontando vulnerabilidades estratégicas para, a partir daí, construir a pluralidade dos possíveis desse espaço social com uma história e um dado relacionamento eco-geográfico.

O local é um espaço social modelado por relações económicas, relações de comunicação, uma cultura e conflitualidades associadas a um sistema de relações sociais. Forma uma configuração social que marca a estratégia, as políticas económicas, quer as de que é alvo, quer as que correspondem à criação da sua autonomia.

O processo de criação de autonomia, o quadro de estratégias alternativas cruza o sistema produtivo local e o sistema político local.

O sistema produtivo local é, simultaneamente, um modo específico de organização industrial baseado num complexo mais ou menos denso de relações inter-empresas - dinâmica industrial - e um local de mobilização e utilização de mão-de-obra - dinâmica social.

A configuração do espaço é o resultado de uma tensão entre uma dinâmica de internacionalização dentro da divisão internacional do trabalho e uma dinâmica de recentralização local.

A recentralização local é um movimento de endogeneização das forças produtivas e das relações de produção, sem o que o espaço será uma simples reserva de mão-de-obra e um local de passagem dos capitais sem qualquer articulação com um processo de industrialização. Tal processo exige investimento endógeno em relação com as condições de reprodução social e facilitando as relações inter-empresariais horizontais e verticais.

As empresas não têm necessariamente de ter origem local, mas importa a criação de condições que reduzam a extravasão e activem de forma controlada a dinâmica industrial e a dinâmica social de modo a que os dinamismos regionais não se traduzam em conchaves de utilização de mão-de-obra barata, recursos naturais ou localização geográfica.

A dinâmica industrial ultrapassa os conchaves inarticulados que se esgotam na utilização pontual de recursos, muitas vezes virados para a exportação em detrimento do mercado interno e adiando a modernização tecnológica - a que se prestam as regiões sem tradição. A mudança passa pela alteração das condições de base e das estruturas, de modo a beneficiar os níveis de execução, mas não quer significar uma perspectiva receptadora de capitais externos alheia à consolidação de um tecido local e à relação entre a comunidade e o meio.

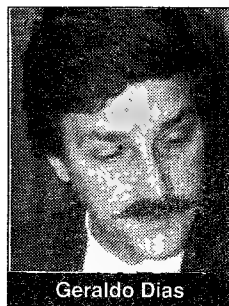
A emergência dos novos dinamismos regionais revela toda a importância dos agentes locais e questiona a qualidade das suas relações com os agentes exteriores. Há uma componente institucional de descentralização em todos os níveis que é condição necessária para potencializar todas as possibilidades do desenvolvimento.

Mais do que sistemas de incentivos ao desenvolvimento local o que está em causa é a criação a esse nível de sociedades de desenvolvimento que agenciem mecanismos redistribuidores do rendimento a favor das regiões, formas de associativismo que organizem as capacidades técnicas e os meios disponíveis, pois que as dificuldades do desenvolvimento autónomo são também o resultado de uma certa inorganização das componentes política e cultural que agravam a dependência exterior.

A reorientação de poderes e capacidades de acção para o nível local/regional deverá responder às necessidades sociais mais urgentes, assegurar as condições de um desenvolvimento a longo prazo e melhorar a capacidade de mobilizar os recursos para os objectivos escolhidos.

Os sistemas políticos locais com as suas instituições e associações ganharam em legitimidade, mas não se desenvolveram para responder às expectativas que sobre si recaem. A sua capacidade financeira é um indicador da importância concreta que se atribui à sociedade local.

A dependência financeira central limita a capacidade de iniciativa e desenvolvimento local e o subdesenvolvimento local agrava, por sua vez, essa mesma dependência. É uma espiral regressiva a exigir a aplicação de reformas institucionais, o fortalecimento dos parceiros locais e da opinião pública local, de modo a alterar as atitudes passivas e corporativas.



Geraldo Dias

«Price earning ratio», «payback period», análise de factores de comportamento das empresas, de sectores de actividade, de cotações e de transacções, são alguns recursos para se investir bem na bolsa. O resto é palpite, que pode dar dinheiro, mas que perturba o sistema

Fixadas as regras de venda do Totta e da Unicer

Foram já aprovadas as regras para a privatização da Unicer e do Banco Totta & Açores. Em ambos os casos são reservados 15 por cento do capital a alienar para os trabalhadores das duas empresas e para pequenos subscritores, podendo também uma pequena fracção ser destinada a emigrantes.

No caso do Totta & Açores, o Estado vai conservar, numa primeira fase, uma participação social até 20 por cento, que posteriormente será vendida em OPV, em bloco ou fraccionadamente.

Os accionistas à data da definição das condições finais e concretas das operações a realizar, exceptuando o Estado, têm reservado um lote de acções até 60 por cento das alienadas na primeira fase, no caso da Unicer, e até 40 por cento no caso do Totta & Açores. As restantes acções serão oferecidas ao público em geral, ressaltando-se, no caso do Totta, acções oferecidas para aquisição aos depositantes e aos residentes detentores de títulos de participação e de obrigações emitidas pelo banco.

Os actuais accionistas que concorram a esta fase terão as suas propostas proporcionais ao número de acções detidas, com arredondamento por defeito.

Por outro lado, os estrangeiros não poderão ficar com acções com direito de voto representativas de mais de 10 por cento do capital, no caso do Totta, e de 20 por cento, no da Unicer. Caso não sejam vendidas todas as acções pelos mecanismos descritos, o Governo poderá oferecê-las aos actuais accionistas, ou aliená-las em OPV, caso representem menos de 2,5 por cento no Totta, ou cinco por cento na Unicer.

As acções adquiridas pelos trabalhadores (que têm condições especiais de preço e pagamento) não poderão ser oneradas nem alienadas, sendo nulos os contratos promessa e de opção estabelecidos antes ou durante aquele período de tempo. Estas acções, durante um ano, não terão direito a voto, o mesmo acontecendo com as dos emigrantes. Tanto para o Totta como para a Unicer, o Estado, enquanto for accionista, reserva para si o direito de veto em todas as matérias que digam respeito a fusão, cisão, transformação, dissolução ou alteração dos estatutos, incluindo o aumento e a redução do capital.

Prazol penalizada com suspensão

As acções da Prazol foram suspensas pela Comissão Directiva da Bolsa de Valores de Lisboa, por ter efectuado pagamento de dividendos sem ter publicado antecipadamente o respectivo aviso no «Boletim de Cotações». Ainda na corrente semana as referidas acções deverão ser readmitidas no mercado. É já o segundo caso de suspensão no corrente ano pelos mesmos motivos. O primeiro verificou-se em Abril, com os títulos do Banco Internacional de Crédito.

Refere-se que, no início de Abril, haviam sido também suspensas as acções da Emasa, estas em resultado de uma oscilação anormal da cotação.

Por outro lado, foram excluídas da Bolsa as acções da Zagope, por falta de liquidez. Ou seja, as acções não eram transaccionadas há mais de seis meses, ao que acresce o facto de a empresa se encontrar em má situação económica e financeira.

Mercado de capitais: investimento ou jogo

Em 1985 activou-se de novo o mercado de capitais, incentivando-se a corrida às bolsas de valores, primeiro de Lisboa e depois também do Porto.

O número de empresas cotadas no mercado de capitais era de apenas 24 em 1985. Em Setembro de 1987 já estavam cotadas 82 títulos, correspondentes a 77 empresas. E em 1988 já se podia contar com mais de uma centena de empresas cotadas, ultrapassando, assim, a dimensão conhecida em 1973, com 147 empresas cotadas na Bolsa.

O «boom» que se verificou nesta nova fase induziu a entrada de novos investidores no mercado, atraídos pela aparente facilidade de conseguir maiores rendimentos. Por um lado, a escassez da oferta de títulos cotados, face à crescente procura, provocou uma tendência subida das cotações; por outro, a alta de preços criou um clima de euforia, dadas as significativas mais-valias (preço de venda deduzido do preço de compra das acções).

Assim, a nova da economia portuguesa surgiu com o fenómeno bolsista. É, aliás, consensual a importância atribuída ao ressurgimento da Bolsa com o seu papel intermédio entre as poupanças e o investimento produtivo. Tal importância só se concretizará caso o mercado de capitais cresça de forma sustentada e gradual, o que pressupõe um comportamento fundamentado e informado por parte dos agentes económicos nele envolvidos.

A aplicação de capitais em

acções deve ser encarada como um investimento que vai gerar rendimentos que são algo incertos e cada vez menos um jogo. Quanto maior for a incerteza em relação aos benefícios que se podem retirar, maior será a propensão para encarar a Bolsa como se de um jogo se tratasse. Assim, o grau de racionalidade e de informação disponível no mercado determinará que se fale de investimento ou de jogo.

Análise bolsista

O estudo do comportamento das cotações dos títulos em causa na bolsa de valores é influenciado por variadíssimos factores, dos quais se destacam a evolução da economia em geral, as expectativas do desempenho do sector onde a empresa se insere, a situação económico-financeira da mesma e os aspectos psicológicos dos intervenientes no mercado.

Muitos investidores ignoram estas influências e dependem inteiramente dos preços (cotação) como sinal do valor das acções.

Assim, os dados providos de outras fontes de informação, baseiam-se apenas na evolução dos preços. Uma elevada oscilação nas cotações de um determinado título pode colocar os investidores de sobreaviso sobre algo de anormal que se estará a passar. No entanto, a realidade poderá ser um aumento de capital próximo, obtenção de prejuízos, mudança de gestores, etc.

Ao investir-se em acções, um dos instrumentos indispensáveis a analisar são os documentos contabilísticos

publicados pelas próprias empresas, visando, fundamentalmente, o diagnóstico da situação económica e financeira da empresa.

Através destes documentos temos acesso a dados como o volume de negócios (correspondente à soma do valor das vendas com as prestações de serviços), a rentabilidade das vendas (quociente entre os resultados e o valor das vendas) e dos capitais próprios (quociente entre os resultados líquidos e os capitais próprios), assim como os lucros, solvabilidade (que é o quociente entre a situação líquida e o passivo e que nos informa das capacidades da empresa em recorrer a financiamentos externos), autonomia financeira (quociente entre os capitais próprios e as dívidas a médio e longo prazos - informa-nos da dependência da empresa face a financiamentos externos) e dividendos (parcela distribuída aos accionistas da empresa).

Este tipo de informação dá-nos as situações económicas e financeiras das empresas cotadas, podendo, assim, o investidor formular expectativas próprias em relação a cada empresa. Para além disso, é possível proceder a uma análise sectorial, chegando-se a valores médios.

A análise bolsista pode igualmente ser feita através de instrumentos específicos que nos vão dar o comportamento das cotações dos títulos na bolsa de valores.

Um facto conhecido é o PER (price earnings ratio), que nos é dado através do quociente entre a cotação actual (price)

e o resultado líquido correspondente a cada acção da empresa (earnings). Este indicador exprime o número de anos necessários para que o investidor recupere o custo de uma determinada acção através dos rendimentos proporcionados pelos dividendos. Trata-se de um indicador enquadrado numa óptica de rendimento, por contraposição de uma óptica patrimonial (que nos pode ser dada pelo valor contabilístico).

Deste modo, o price-earnings é tanto maior quanto maior for a proporção dos lucros distribuídos, quanto maiores forem as taxas de crescimento esperadas para o futuro e quanto menor for o custo de oportunidade.

No entanto, existem algumas desvantagens neste indicador, como a de não estar adaptado à evolução do mercado. Para ultrapassar essa deficiência, pode-se recorrer a outro indicador, como o payback period (período de recuperação), pouco conhecido do público, mas amplamente utilizado na gestão financeira das empresas como critério de escolha de alternativas de investimento.

Ao realizar um investimento, as empresas normalmente exigem que a recuperação dos montantes investidos se concretize findo um determinado período de tempo. Assim, um payback mais curto significa que o desembolso com o investimento é recuperado mais rapidamente.

Este conceito foi transportado para a estratégia de gestão de carteiras, com as adaptações e hipóteses ne-

A actual tendência de subida da Bolsa portuguesa vinha a ser anunciada, em público, pela corretora Judite Correia que, nesta entrevista, alerta, ainda, para a necessidade de um tratamento do accionista a parte inteira e para as eventuais consequências do modo de privatizar



Judite Correia: «Temos de mostrar que o mercado de capitais pode remunerar de forma compensadora»

Enrico Vasconcelos

Durante alguns encontros recentes de intervenientes na Bolsa (seminário da CIP e congresso da ASSOCI), a corretora Judite Correia prognosticou a subida desta. O ocorrido na passada semana deu-lhe razão. Em declarações ao DL justificou o seu prognóstico e abordou, ainda, a necessidade das empresas tratarem os detentores dos seus títulos como accionistas de parte inteira, além de expressar o seu ponto de vista quanto às privatizações.

Judite Correia entende que «o mercado vai retomar» e que a subida actual «não era difícil de prever». De resto, está a suceder o mesmo que no ano passado, por esta altura, só que desta feita «a cadência é mais rápida e mais forte».

Na base da recuperação, mais uma vez, encontram-se os estrangeiros. Os seus contactos permitem-lhe, inclusive, prever que «vai entrar muito dinheiro em Portugal este mês».

Sem certas quanto à duração deste período, a corretora explica-o pelo afluxo de capitais oriundos de mercados, como o turco ou o grego, onde estão a vender para realizar mais-valias, à semelhança do que fizeram em

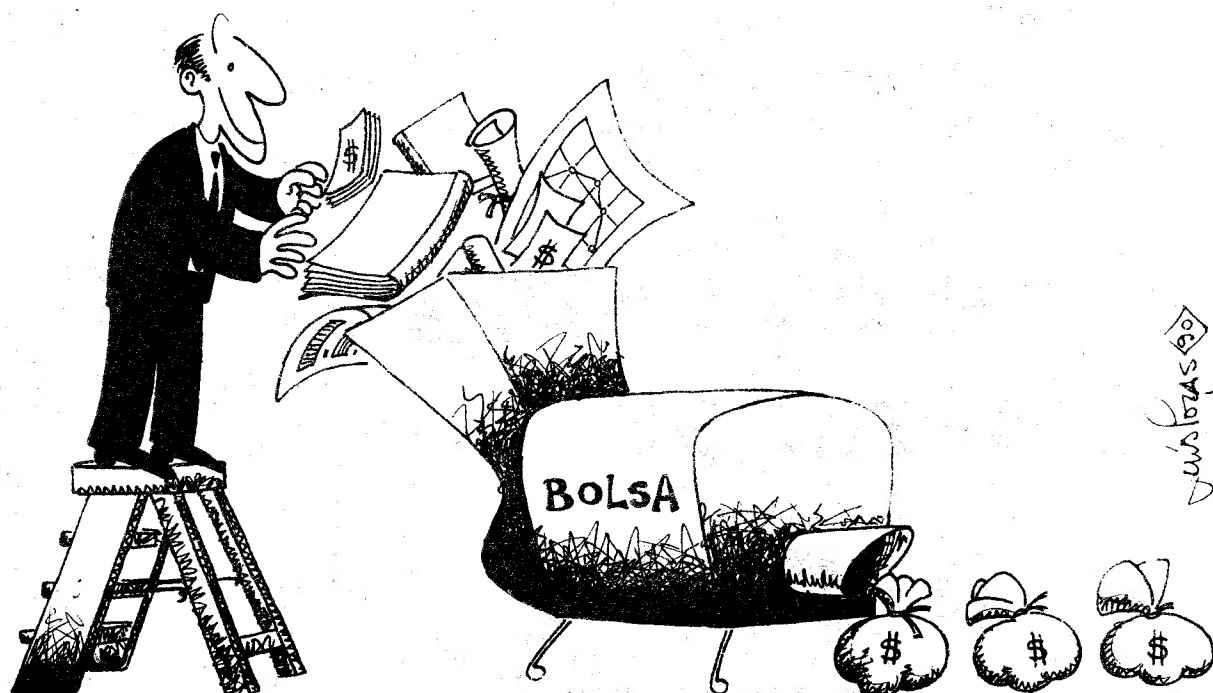
Vai entrar

Portugal há bem pouco tempo.

Estes capitais sabem como tirar mais-valias de mercados como o nosso. «Fazem sempre o mesmo: compram, na baixa, só boas empresas». Basta referir, a propósito, que são poucos os «papéis» que concentram as operações.

A decisão quanto ao timing de entrada, precisa, releva de uma análise muito profissional, que leva em conta diversas variáveis: situação da economia nacional (legislação, estabilidade social e política,...), determinação dos sectores estratégicos a nível internacional (caso do de construção e reparação naval, no caso actual de Portugal), avaliação das empresas (com a organização de visitas de analistas e técnicos para aferir in situ da realidade efectiva) e, por fim, a determinação do melhor momento para a entrada.

«Só tenho pena que não haja mais portugueses a fazer o mesmo», afirma. E ficam dois avisos. Primeiro, também se ganha na baixa: «Há "papéis" que deram 100 por cento de lucro em semanas». Segundo, atenção à liquidez: «Como a liquidez é muito restrita, os



cessárias à especificidade do mercado de ações. É então definido como o período de tempo necessário para que a cotação actual de um título seja igualada pelo valor actualizado dos lucros por ações futuras. Quanto menor for o período menos «caro» é considerado o título. A vantagem deste indicador é que a sua fórmula de cálculo não só inclui o PER, como também introduz na análise dois dos factores determinantes na evolução das cotações: o crescimento dos lucros por ação e a taxa de juro da melhor aplicação alternativa.

No estudo das cotações através do *payback* pode acontecer um título ter um PER mais elevado que outro, mas, em contrapartida, possui uma perspectiva de crescimento dos lucros superior. Nestes casos, o dilema da escolha do título é ultrapassado com o cálculo do *payback*. Este, como inclui em simultâneo os factores PER e crescimento dos lucros, determina qual dos dois títulos é menos caro e, portanto, mais atractivo para comprar.

A desvantagem que se atribui a este indicador é a complexidade da sua

fórmula, tendo que ser calculada em computadores ou em calculadoras mais sofisticadas.

Há outros instrumentos para análise, como as cotações e transacções dadas pelas bolsas de valores, ou a capitalização bolsista, que representa, teoricamente, o valor de mercado da empresa e que é obtido pela multiplicação do número de ações cotadas de cada empresa pela sua cotação.

A influência psicológica

Em Portugal têm-se verificado determinadas situações na bolsa que originam fenómenos curiosos. E isto porque o factor psicológico tem sido muito forte. Por de trás disto está, como é óbvio, a falta de informação técnica e daí, muitas vezes, a intuição funcionar como um factor preponderante na movimentação da bolsa.

É lugar comum dizer-se que para lidar com ações é indispensável possuir-se um *feeling* próprio, uma sensibilidade que se vai adquirindo. O facto de se seguir a onda da maioria é, por vezes, a maneira mais rentável para se investir. Os melhores negócios são, normalmente,

aqueles em que a generalidade do mercado não acredita.

O facto de não se notarem ainda sinais de uma forte ascensão na cotação não quer dizer que não se deva comprar. Pelo contrário, é usual verem-se muitos investidores acorrerem a fortes compras de um título quando o seu preço já está a subir: adquirem com cotações pouco razoáveis, não correndo o risco de comprar na altura em que o título atingiu o «pico».

Investir em ações numa perspectiva de médio prazo, com base nos indicadores económico-financeiros das empresas e na evolução da economia e dos sectores económicos, é uma outra via que se pode revelar mais segura do que aquilo que a maioria dos pequenos investidores pensam.

O factor psicológico acaba muitas vezes por originar fenómenos que levam muitas vezes as operações bolsistas a cair em campos subjectivos, como é o caso das cotações subirem assustadoramente quando consta que vai haver uma incorporação de reservas com o fim de aumentar o capital social.

No entanto, a incorporação de reservas traduz uma operação contabilística na qual se transfere para capital social um montante que já constituía os capitais próprios.

Apesar de não passar de uma alteração na estrutura da situação líquida, não modificando o seu valor absoluto, tem-se verificado que, ao anunciar-se um aumento do capital social por esta via, as cotações tendem a subir abruptamente, como se os investidores, globalmente, entendessem que o valor intrínseco de cada ação iria então aumentar, ignorando-se que uma operação deste tipo não aumenta o valor global do património líquido da sociedade, mas passa e ser dividido por um número maior de ações.

Com este exemplo verifica-se que possuir expectativas correctas do mercado de capitais é importante, mas não se pode ignorar e deixar de prever as expectativas dos «outros». Ter em conta todos estes factores é saber investir, não deixando de participar no jogo que a bolsa proporciona.

Isabel Braz

Uma semana «quente» Maior volume de negócios com cotações mais altas

Depois de um Abril frustrante, a Bolsa de Lisboa conheceu na semana passada um comportamento altamente positivo. As transacções de ações aumentaram 252 por cento em relação à semana anterior e, com elas, subiram as cotações.

Em apenas quatro sessões, devido ao feriado do 1º de Maio, o volume de negócios da vertente accionista ultrapassou os oito milhões de contos, o que representa 77 por cento do total de transacções (outros títulos incluídos), as quais se situaram nos 10,5 milhões de contos (mais 114 por cento do que na semana anterior).

No entanto, na semana passada fez-se também sentir um decréscimo das transacções de obrigações, que se situaram em 1,1 milhões de unidades no valor de 1,4 milhões de contos (menos 12,5 por cento). Por outro lado, os títulos de participação tiveram um crescimento na ordem dos 46,5 por cento.

No Porto

Também no Porto se viveu uma semana animada, com aumento de volume de transacções e recuperação das cotações.

O volume global de negócios atingiu os 1,7 milhões de contos (mais 133 por cento relativamente à semana anterior), tendo sido negociados cerca de meio milhão de títulos nos três segmentos do mercado.

Foi no segmento accionista que se registou o maior movimento e tal, como em Lisboa, foram as «blue chips» a liderar a recuperação. No Norte sobressaíram as ações da Sonae e do Continente, em Lisboa as Sonae, BCP, Corticeira Amorim e Marconi portador. No entanto, viriam a ser as ações ao portador do Manufactureiros Hanover que alcançariam a melhor *performance* de valorização da semana (mais 20,3 por cento) de entre os 30 títulos mais líquidos da Bolsa de Lisboa, tendo passado de 2160 para 2600 escudos entre segunda e sexta-feira.

A quebra mais significativa, na medida em que foram os títulos mais transaccionados, foi a das ações BCP nominativas, as quais na semana anterior tinham tido a melhor valorização.

Esperado

Segundo os operadores do mercado de capitais, a «febre» altista da semana passada era esperada, na medida em que um grande número de títulos tinham baixado para limites insustentáveis.

Por outro lado, havia indícios de que os investidores estrangeiros se preparavam para regressar ao mercado, o que, por seu turno, teria um efeito de arrastamento dos investidores nacionais.

DL/Lusa

Ar muito dinheiro na Bolsa

estrangeiros serão sempre os primeiros a vender, pelo que os portugueses não poderão esperar pelos limites».

Accionistas inteiros

Inquirida sobre a ausência dos pequenos investidores, Judite Correia afirma que a racionalidade destes «é a da sua bolsa», com o que remete para «todas as outras aplicações que oferecem rentabilidades maiores».

Assim, sugere, «temos de mostrar que o mercado de capitais pode remunerar de forma compensadora e assegurar a liquidez que as pessoas precisam, que lhes garanta a venda sempre que queiram, o que seria um *plus* em relação a outras aplicações, cuja liquidez seja mais demorada ou penalizante».

Para tal, a existência de «uma forte política de dividendos» e o tratamento do detentor de ações como «accionista de parte inteira» muito contribuiriam.

A verificação desta política exigirá ação do Ministério das Finanças (que terá de a enquadrar com outras: orçamental, fiscal, creditícia, cambial, rendimentos e preços) e visão dos

empresários («que têm de se convencer a distribuir dividendos»).

Este tratamento preconizado para os accionistas «é perfeitamente normal nas economias maduras» e consubstancia-se na prestação regular de informação, na questionação pública dos administradores por analistas, na exigência de uma dispersão efectiva do capital social («condição lógica, se não as empresas estão na Bolsa formalmente»), no acompanhamento dos programas de investimentos apresentados, na mudança de mentalidade dos administradores (habitados a gerir empresas familiares) e na referida política de dividendos.

Para suprir as carências de informação, Judite Correia advoga o fornecimento de estudos e análises sobre as empresas, por parte das várias entidades envolvidas no mercado de capitais: corretores, sociedades financeiras de corretagem, Banca e a própria Bolsa.

Isto porque «a qualidade de análise é factor de preferência». Exemplifica com o caso da Soponata, cujas ações estavam subavaliadas, como se verificou o ano passado quando passaram de

1780 para cinco mil escudos. «Bastava ver o relatório da empresa. Há pouca gente atenta a este tipo de coisas», diz.

Privatizações

Judite Correia acha correcta a estratégia do Governo de não querer passar para o estrangeiro o controlo dos centros estratégicos da economia. Só que «há várias maneiras de o fazer».

Por exemplo, «na Banca, devia começar-se por vender os maus e não os bons bancos, porque os grupos que cá querem entrar comprem qualquer um, porque só querem entrar. Não lhes importa que tenham ou não capital ou *know-how*, porque isso é o que eles vão trazer».

Por entender que «não é preciso justificar a dinâmica de vitória das privatizações», a corretora afirma que «é um erro vender primeiro os melhores, os que dão lucro, porque quando chegar a altura de vender os maus é capaz de já não haver dinheiro ou as alternativas de investimento, desde logo o Leste, serem melhores».

«Há conjunturas para tudo», remata.

Rui Nunes



Bolsa: finalmente a recuperação

ECONOMIA

Calvet, o herege, deixa de considerar o Japão como o inimigo principal e vira-se contra a Europa comunitária que acusa de não ser suficientemente proteccionista. Os observadores procuram as razões de tal atitude, mas confessam-se confundidos

O liberal presidente da Peugeot ataca Europa do liberalismo

Uma personagem que incomoda, um iconoclasta por vocação. Jacques Calvet, o presidente da Peugeot, continua a surpreender pela sua inteligência flexível. Os seus ataques contra os japoneses já há muito tempo eram conhecidos. Não perdia ocasião para se lançar ao ataque contra o perigo amarelo, contra as insídias da Toyota e da Mazda, contra a estratégia comercial sem escrúpulos de Tóquio. Mas agora pôs de lado o Japão, sem explicações. Talvez farto de repetir sempre o mesmo, decidiu que é outro o inimigo mais temível: a Europa de Jacques Delors, uma burocracia capaz apenas de produzir directrizes incompreensíveis.

É difícil perceber o que esconde a heresia de Jacques Calvet. Ninguém, em Paris e arredores, é capaz de saber se a escolha do seu novo alvo foi meditada. E nem sequer pode saber quais são as profundas motivações da sua análise. Para os demais, as afirmações do presidente da Peugeot pareceram apressadas, um pouco como se se tivesse deixado levar pelo desejo de sensacionalismo.

Mas se o seu objectivo era chamar a atenção - não há

dúvidas - ele conseguiu. Não era de facto lógico esperar de um tecnocrata do seu calibre um conjunto de frasezinhas banais e venenosas que Altiero Spinelli, se ainda fosse vivo, teria condenado de «qualunquismo europeu» (qualunquismo: movimento político que surgiu na Itália em 1946 e que defendia a valorização dos interesses das «pessoas comuns», contra as ideologias dos partidos. Fulanismo).

Jacques Calvet, defensor da inconsistência europeia, teve a primeira oportunidade de expor a sua tese por ocasião da apresentação do balanço de 1989 da Peugeot. Sob esse ponto de vista nada é possível dizer contra ele: Jacques Calvet cumpriu muito bem o seu dever de gestor e os accionistas podem aplaudir. Apesar das dificuldades do mercado, apesar da concorrência desenfreada e apesar das agitações sociais que reduziram a produção dos estabelecimentos em Mulhouse, os resultados líquidos da fábrica de automóveis de Sochaux foi de 10,35 bilhões de francos. Uma quantia que, diga-se claramente, explica a efervescência, na Bolsa de Paris, das acções da Peugeot, nes-

tas últimas semanas.

Mas para Jacques Calvet limitar-se a fazer o balanço da Peugeot teria sido um bocado como renunciar ao papel de vedeta do dia. Eis então que da sua cartola despenda uma pomba branca que ele, naturalmente, apressa-se a pintar de preto. É a Europa comunitária: um amontoado de vozes diversas, uma entidade confusa e cacofónica e, para mais, paralisada pela liberalização política dos países de Leste. Seria preciso estudar novos objectivos, mas já que essa hipótese é impraticável, é melhor decretar uma pausa. Em poucas palavras, é oportuno que a Europa pare. É um pouco como se tivéssemos de nos contentar com um lindo frigorífico para cultivar ainda a ambição de uma Europa unida. É mais que sabido que o frio conserva os cadáveres.

Em França, a palavra pausa tem o significado vagamente sinistro da renúncia. Foi justamente uma pausa a que decidiu fazer em 1937 Léon Blum - uma experiência que pôs termo à experiência da Frente Popular. E foi também uma pausa das reformas sociais que fez mudar a rota económica de François Mitterand em 1983. Independentemente do julgamento sobre estes antecedentes, Jacques Calvet conhece demasiado bem a história do seu país para não ter pesado as suas palavras. Se disse pausa, isso significa que, para ele, é mesmo preciso voltar página.

O actual projecto europeu seria, portanto, um fato que os capitães da indústria já não querem vestir. Um fato apertado e caro, portanto inútil. Isso não quer dizer que Jacques Calvet tenha dito coisas completamente privadas de senso comum. O facto de Bruxelas parecer, às vezes, uma *machine à papier* é uma história antiga que remonta à «idade da pedra». Uma polémica que no passado teve intérpretes até mais ilustres, desde Helmut Schmidt até Margaret Thatcher, para não falar dos efeitos que as revoluções de Leste tiveram sobre a construção europeia. De Fátima ao Partenon, todos deram conta da impotência comunitária perante as brutais acelerações da História. Em ambos os casos Jacques Calvet descobriu a evidência. O seu pecado, mais do que ter posto o dedo na ferida, foi o de ter querido vender a sua



denúncia como uma ideia genial.

Em França, muito mais do que noutros países, quem faz parte do *establishment* sente-se protegido. É muito difícil, quase impossível, que tropece na rua e seja censurado pela nobre congregação a que pertence.

É talvez por isso que o ataque de Jacques Calvet não provocou as reacções indignadas que teria merecido. Alguém terá ficado constrangido, um bocado surpreendido, até desiludido, mas preferiu ficar calado. O silêncio da família é já um remédio patenteado, em todo o mundo, para exorcizar as palavras em liberdade de um filho rebelde.

Com a coragem que distingue sempre o seu anti conformismo, um só jornal - «La Tribune de l'Expansion» de Jean Boissonnat - partiu ao ataque e interrogou-se, retoricamente: em nome de quem teria falado Jacques Calvet? Não tendo uma resposta já pronta, este foi o único comentário: «O presidente da Peugeot é um homem que pensa sempre ter um peso de responsabilidade superior ao que realmente tem». Um *understatement* muito britânico e ao mesmo tempo um comentário não propriamente lisonjeador. Em

poucas palavras é como se se dissesse: Jacques Calvet é um daqueles «bons alunos» que querem saber sempre mais do que o professor.

Na realidade, Jacques Calvet sempre foi um bom aluno. A sua carreira está cheia de medalhas, méritos e glória. Os seus estudos, concluídos naturalmente com o diploma da École Nationale d'Administration, a prestigiada ENA, lançaram-no logo para cargos importantes. Tão importantes que, a dada altura, quando com apenas 40 anos era chefe de gabinete de Valéry Giscard d'Estaing, na Rue de Rivoli, era considerado uma espécie de ministro sombra das Finanças. Um trabalho duro e uma fidelidade à prova de bala que lhe permitiu, quando o seu protector chegou à Presidência da República, prosseguir a sua ascensão para o *Banque Nationale de Paris*, de que foi presidente e director-geral de 1979 a 1982. Calvet passou para a Peugeot em 1984. Agora tem 59 anos, sente-se um rapazinho e preside com determinação à primeira indústria francesa.

Lendo o *curriculum vitae* de Jacques Calvet, a cabeça, às tantas, começa a andar às voltas: como é possível que a sua cruzada contra a Europa não tenha encontrado em Valéry Giscard d'Estaing um

obstáculo ideológico? Sobre esta pergunta repousa, se quisermos, todo o mistério da escolha provocatória do presidente da Peugeot. Todos sabem que o ex-chefe de Estado é um fervoroso europeísta, que pertence ao grupo dos maximalistas da integração e que ainda hoje, das bancadas de Estrasburgo, batalha por um processo de unificação mais rápido. Mas Calvet não contou com esta vocação de Giscard d'Estaing. Esteve-se nas tintas para isso. Mudou de cavalo e partiu a galope perfeitamente solitário, um bocado como se quisesse fugir à repreensão do mestre.

De uma certa arrogância intelectual já falámos, mas se quisermos ser sinceros, temos que admitir que essa poderia ser uma explicação muito limitada. Jacques Calvet pode ter exagerado mas não é assim tão ingénuo. Se pôs as mãos no fogo quer dizer que tinha luvas de amianto. O seu ataque poderia esconder uma espécie de desilusão táctica.

Um comportamento norteado pelo provérbio segundo o qual quem desdenha quer comprar. A sua ideia é esta: podemos dispensar uma Europa que não consegue ser o baluarte contra as exportações de automóveis japoneses. Mais vale pôr a nu esta Europa, para ver como ela reage à provocação. Ou seja, ver se é capaz de ter um assomo de orgulho e de proteger realmente quem lhe garante o baixo índice de desemprego e, com este, a paz social.

Esta poderia ser a solução do enigma europeu contido nas frases de Jacques Calvet, as razões profundas da sua heresia. Dela sairia um teorema deste tipo: a Europa seria uma ideia estupenda se o seu grau de proteccionismo fosse igual, pelo menos, ao de cada Estado. É o raciocínio típico de uma determinada categoria de franceses que são liberais, mas só da boca para fora. É óbvio que o Japão tem que entender as dificuldades económicas e políticas da Europa ao enfrentar uma invasão comercial que não tem precedentes históricos, mas ninguém, na Europa, deveria ainda acreditar no proteccionismo como riqueza dos povos. Nem sequer o proteccionismo comunitário em relação ao Sol Nascente.

Arturo Guatelli
Corriere della Sera/DL
Trad: Alessandra Balsamo

DEVIR

DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS, LDA.

No âmbito do processo de organização de serviços em curso, a União de Sindicatos de Lisboa pretende admitir, com a nossa colaboração

CHEFE DE SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Para superintender a área administrativa — serviços gerais, secretaria, tesouraria, apoio à acção sindical.

Pretende-se:

- Experiência profissional relevante em actividades análogas
- Formação académica de nível médio/superior
- Conhecimentos de informática na óptica do utilizador (condição de preferência)

Envie-nos o seu «curriculum» detalhado, indicando ref.ª RH/02/DL, para DEVIR — Av. Santos Dumont, 50, 1000 LISBOA

Dívidas aos empreiteiros: tapar o sol com peneira

Associações do sector dizem que a situação melhorou, mas continuam preocupadas com o futuro imediato

O sector de construção civil e obras públicas atravessa, ciclicamente, fases de instabilidade financeira. Primeiro e principal responsável, conforme as queixas gerais, é o Estado. Numa fase de aparente acalmia, a questão não é pacífica e as associações representativas não se sentem seguras quanto ao que poderá ser o panorama, no final do ano, quanto ao recebimento de verbas devidas. Principalmente por causa da cláusula de regulação conjuntural que tenta tapar o sol com uma peneira.

Os empreiteiros afirmam, sobre este assunto, que «se o Estado pretende reduzir despesas públicas deve é fazê-lo diminuindo as encomendas e não atrasando o pagamento das obras feitas». Este parece ser o sentimento generalizado, já que, quer a Associação Nacional de Empreiteiros e Obras Públicas (ANEOP), quer a Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul (AECOPS) se pronunciaram no mesmo sentido.

Áreas mais sensíveis são, para além dos empreendimentos dos recursos naturais, as das obras mandadas realizar pela Junta Autónoma de Estradas (JAE) que, segundo a ANEOP, tinha assumido um montante de iniciativas de 36,5 milhões de contos.

Se esta e outras situações estão em fase de resolução, ainda em finais de Fevereiro a questão não era pacífica, tendo a AECOPS enviado uma mensagem ao ministro das Finanças a pedir a adopção de «medidas necessárias ao

desbloqueamento dos pagamentos que diversos departamentos do Estado têm em dívida para com empresas de construção a executar empreitadas».

A opinião das associações representativas é a de que a responsabilidade maior recai no facto do Orçamento do Estado, apesar de ter sido apresentado, discutido e aprovado dentro do prazo, só foi publicado nos finais de Março o decreto que permitiria pô-lo em execução, «pelo que houve mais de três meses de acumulação de dívidas, questão extremamente preocupante que põs os empreiteiros 'a fazer contas' quanto ao futuro», conforme disse Manuel Agria, director-geral da ANEOP.

Sobre esse assunto a AECOPS lembra ao ministro, na mensagem que lhe remeteu, que «tendo entretanto sido publicado o Orçamento do Estado para o ano corrente, não foi, contudo, resolvida ou atenuada a situação, dado o incompreensível atraso na publicação do diploma de execução orçamental».

Burocracia ataca

Se, de acordo com os contratos, os empreiteiros podem receber juros de mora de 15,5 por cento, quando o Estado se atrasa nos pagamentos das suas dívidas, o que é um facto é que frequentemente aqueles têm de recorrer ao crédito bancário, que cobra juros de 26 ou 27 por cento.

Por outro lado, na opinião das associações, mesmo que ultrapassada a situação burocrática e administrativa, no que se refere à desejada e

necessária «luz verde» para os pagamentos, o problema continua bloqueado, com o respectivo emperramento da liquidação das dívidas.

São diversos os sectores que prejudicam os empreiteiros, como acontece com a construção de escolas. Segundo Manuel Agria, a sua associação recebeu a informação de que o assunto só seria resolvido em 1990, o que significa haver obras por pagar há cinco a mais anos, mantendo-se a questão do pagamento ou não dos juros de mora.

Não deixa de ser de referir a posição cautelosa assumida pelas duas associações citadas, para quem este momento não será o mais preocupante.

Há, mesmo, a sensação de não haver desejo de levantar a questão, já que, conforme foi dito, o Estado parece empenhado em resolver a questão das dívidas.

Contudo é patente a preocupação quanto ao futuro imediato, já que não há a certeza, antes pelo contrário, que no final do ano não voltem a acontecer situações análogas às já registadas.

Segundo Manuel Agria, as contas feitas pela ANEOP apontavam para que as dívidas globais, em Fevereiro, eram de 20 milhões de contos e, mesmo que a «situação hoje esteja muito melhor», não deixa de haver o risco de, «dentro de seis meses, se voltar a situação antiga».

Posições colidentes

Ambas as associações coincidem no que se refere à limitação que os organismos

oficiais devem impor-se na abertura de concursos e adjudicação de obras. Conforme disse Manuel Agria, «há departamentos que sabem que o dinheiro não lhes vai chegar, o que aponta para que as situações se possam repetir, até de forma agravada».

Coincidência, também, no problema que se põe quanto ao cumprimento de dívidas ao Estado e à aquisição de materiais. A AECOPS recorda que os empreiteiros não se podem eximir ao pagamento dos impostos, dos descontos para a Segurança Social e outros devidos a uma entidade que é, também, credora desses mesmos empreiteiros.

Situação análoga se passa quanto à aquisição de materiais a empresas participadas pelo Estado, como acontece, por exemplo, com o cimento, já que a Cimpor só fornece contra pagamento imediato. É, conforme diz a AECOPS, uma situação que não permite, nesta altura, afirmar-se ano corrente será bom ou mau. Condição indispensável é a de que o sector cresça, para que seja possível exercer pressão sobre os fornecedores de materiais.

Igualmente coincidente é a opinião de que as mudanças verificadas no Ministério da tutela, primeiros dos secretários de Estado e, depois do próprio ministro, atrasam o processo, já que «exigem ponderação dos processos, por parte dos novos titulares, do que resulta a demora no lançamento de concursos para empreendimentos estabelecidos pelo Governo».

Aparentemente em fase de resolução, a situação das dívidas do Estado continua a ser o fantasma do sector, criando situações graves que não podem ser resolvidas com procedimentos administrativos, estes classificados recentemente pela AECOPS como «pouco condizentes com a imagem de eficácia e rigor que o Governo não se cansa de reivindicar», sendo tido como injusto que «sejam as empresas de construção a suportar os custos das obras que o mesmo Governo utiliza como apanágio do seu dinamismo».

Os empresários afirmam que não se furtam às responsabilidades assumidas com a adjudicação das obras e cumprem as obrigações sociais e os pagamentos aos fornecedores e ao Estado, mas acrescentam que, «aceitando a manutenção da imagem do Estado como pessoa de bem, impõem-se, desde já, medidas concretas e frontais que resolvam de imediato a situação».

Almeida Henriques



Manuel Agria: arrendamento é fundamental

Construir habitação social não cativa empresários

O sector da habitação, no que se refere às empresas de construção, aparentemente está controlado, segundo se depreende do que Manuel Agria afirmou ao DL, tendo acrescentado que o que é grave «é haver exigências muito grandes, quando a resposta é pequena». Uma coisa é certa: o empreiteiro foge da construção da chamada habitação social.

A gravidade é traduzida pelo facto de, entre outros exemplos, existir uma situação semelhante à vivida em 1986, no que se refere à habitação classificada de média ou média-alta, havendo novamente fogos devolutos, por falta de comprador, já que, por um lado, o poder de compra imediato é reduzido e, por outro, o acesso ao crédito é cada vez mais limitado.

O director-geral da ANEOP adianta, dentro desta linha de análise, que «o crédito à construção não tem sido tão atingido como o crédito à compra», pelo que, apesar de ser possível construir, as margens de lucro têm de ser reduzidas e os preços baixam, por falta de compradores.

Tal como Manuel Agria, também a AECOPS afirma que o cidadão mais penalizado é o que se situa nesta faixa social. Ambas as associações são coincidentes ao afirmarem que «o crédito à habitação não é crédito de consumo, mas incentivo forçado à poupança».

Segundo foi dito, tem havido grande massa monetária em circulação e a redução do crédito será uma forma de reduzir essa situação. Como alternativa, Manuel Agria diz que o arrendamento será fundamental para reanimar o mercado de habitação, numa área onde os preços têm subido, principalmente devido à super inflação dos terrenos, mercê da cada vez maior especulação que se tem verificado.

Como alternativa e possível mesmo solução, diz o director-geral da ANEOP, deveria ser estabelecida uma correcta política de solos, que evitasse essa especulação e que permitisse construir casas para venda e para alugar, a preços compatíveis com o actual poder de compra.

Por seu lado a AECOPS acrescenta que esta questão é fundamentalmente política pelo que compete ao Governo enfrentá-la, de forma a que o parque imobiliário seja dimensionado e construído em função das necessidades reais do país e para que a construção para o sector terciário não seja, como acontece presentemente, o principal alvo das empresas vocacionadas para a construção de edifícios.

Jovens frustrados

Recentemente a Associação dos Industriais da Construção de Edifícios (AICE) veio a terreiro rebater a afirmação do ministro adjunto e ds Juventude, que afirmou que o crédito jovem havia causado o aumento do preço das casas, devido à especulação das empresas. Diz esta associação que, «apesar de já ser um hábito dos diversos Governos atirar para cima dos empresários a responsabilidade dos efeitos negativos da inércia do Poder político, nem por isso podemos aceitar essa prática», referindo que o aumento dos preços são devidos a um conjunto de situações variadas.

Essas situações, de acordo com a AICE, estão na escassez de terrenos, mercê de uma legislação de loteamentos burocratizante, à inexistência de uma reforma de arrendamento que dinamize o investimento e permita maior oferta, à persistência de uma carga fiscal elevada que representa cerca de metade do preço de cada nova habitação e às políticas de crédito à produção.

Como remate, a associação diz que «a frustração dos jovens, referida pelo ministro Couto dos Santos, não se deve às pretensas especulações dos industriais, mas sim à ausência de medidas de fundo para o sector», pedidas há vários anos.

A.H.

